

Presidente da Áustria chegou hoje a Lisboa

Friedrich Tisler, Presidente da República Federal da Áustria, chegou esta manhã a Lisboa para uma visita oficial de quatro dias a Portugal, recebido pelo Presidente da República, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa e o Presidente da Assembleia da República.

No aeroporto, Tisler foi recebido pelo seu homólogo português, o senhor João de Deus, e pelas autoridades representativas do Estado. Tisler seguiu directamente para o Ministério dos Negócios Estrangeiros, onde depois de uma breve reunião com o primeiro-ministro, o presidente da República, o presidente da Assembleia da República e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, seguiu para um almoço no hotel.

As 15.30 o chefe de Estado austriaco fez um discurso em que afirmou a importância da cooperação entre os povos da Europa e da América.

Na 17.30 horas Tisler seguiu para o Palácio Nacional da Ajuda, onde se realizou um jantar em homenagem ao chefe de Estado austriaco.

Depois do jantar, Tisler seguiu para o Palácio da Independência, onde se realizou uma recepção dada pelo primeiro-ministro.

Depois da recepção, Tisler seguiu para o Palácio da Independência, onde se realizou uma recepção dada pelo primeiro-ministro.

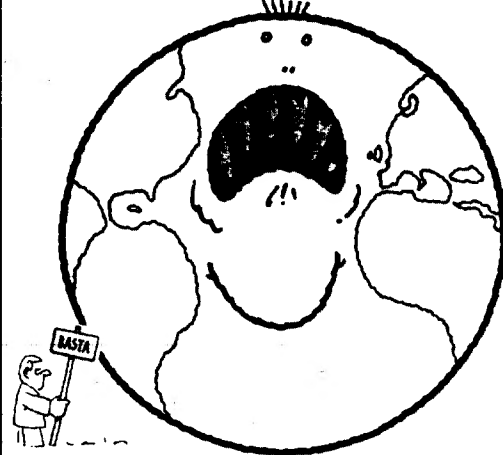
Há milhares de cargos públicos ocupados ilegalmente

Tribunal Constitucional negou a jornalista do "DL" lista dos políticos que entregaram declaração de património e rendimentos

Pág. 2

Perigos crescentes vão da guerra nuclear até à diminuição do nível de vida

Anos 80 serão decisivos para a Humanidade



Os anos 80 poderão ser de anarquia global e de aumento da violência internacional se as nações industrializadas não conseguirem cooperar para combaterem as ameaças que pesam sobre a Humanidade. A conclusão parte de homens de negócios, governantes, dirigentes sindicais e universitários da Europa, Estados Unidos e Japão agrupados na «Comissão Trilateral». «Pela primeira vez a Humanidade está confrontada com perigos de uma dimensão realmente global», escrevem os três signatários de um relatório, respectivamente Zbigniew Brzezinski, David Owen e Saburo Okita.

Pág. 20



Rosa Mota: vitória nos EUA rende 390 contos

Decididamente, a fama e o prestígio de Rosa Mota estão a implantar-se fortemente nos Estados Unidos: depois do êxito na maratona de Nova Iorque, vitória numa prova de 16 quilómetros, em Washington, em que a campeã portuguesa gastou 54 minutos e 16 segundos embolsando um prémio de três mil dólares (cerca de 390 contos).

Portimão: Pedroto venceu Pedroto

Págs. 13, 14 e 15

Os valores da Informação e da Cultura

Esta edição do «Diário de Lisboa» é distribuída e oferecida aos leitores com o novo preço fixado para os jornais diários: 30\$00. O agravamento em relação ao preço anterior, embora justificado em função dos custos de produção e, designadamente, da constante subida do preço do papel importado, é excessivo para muitos dos nossos leitores.

O poder de compra dos portugueses está já em grande parte diminuído por outros encargos: a alimentação, a habitação, os transportes, a saúde, o vestuário, a educação dos filhos ou o próprio acesso à cultura. O jornal, e com o jornal o livro, o cinema, o teatro, situam-se na área dos consumos considerados não imprescindíveis. Cada vez que sobe o preço do jornal, e o preço do livro; cada vez que sobe o preço do bilhete de cinema, do teatro, do concerto, do espectáculo de ópera ou de bailado: são os consumos culturais que são sacrificados.

Daí que a crise que o país atravessa, com repercussões duríssimas, na vida de milhares e milhares de portugueses, acabe por se repercutir em níveis da vida nacional diferentes, e aparentemente distanciados, dos aspectos materiais quotidianos. O jornal, o livro, o disco, a frequência do cinema, do teatro, ou dos concertos, são subalternizados, nas necessidades quotidianas. Mas, não obstante, constituem, também necessi-

Continua na pag 20

48 sindicalistas no banco dos réus



Estes são os sindicalistas que esta manhã começaram a ser julgados no Tribunal de Polícia, em Lisboa.

Pág. 20



José Fonseca e Costa no Sete Ponto Sete: O Cinema português vai acabar

● Depoimentos de Seixas Santos, João César Monteiro e António Macedo

q opinião dos outros

CORREIO
da manhã

«Por várias vezes soprada, mas nunca concretizada, a remodelação governamental parece que vai agora ser realidade. Lá para a Páscoa — dizem os entendidos.

Boa altura. Os que saírem do Executivo ainda têm oportunidade de comer o folar, enquanto os novos, ao entrar, poderão ser recebidos com amêndoas.

Por outro lado, o momento é igualmente propício pelo facto de marcar a transição para a época eleitoral. Quer dizer, aos novos governantes proporciona-se-lhes a possibilidade de se apresentarem em mangas de camisa, de preferência com elas arregaçadas.

Seja como for, o que se impõe e espera é que esta remodelação não seja mais o resultado de jogos partidários, mas sim a substituição conscienciosa de quem não presta por quem tem competência. É que, francamente, alguns dos actuais governantes fazem-me lembrar aquele ministro do consulado salazarista que a ele próprio se rotulava de «lapiseira do senhor presidente». Com uma só diferença: os actuais não são lapiseiras, são canetas. Estão-se nas tintas.»

de V. D.
2.4.84

o diário

«(...) Em todo o País faltam 700 mil habitações. Só em Lisboa, o déficit habitacional está calculado em 175 mil fogos. Não será com a apregoada «liberalização» das rendas que a situação será ultrapassada. A verdade é que, ao enveredar por tal solução, o Governo PS/PSD está pura e simplesmente a ignorar as obrigações que a Constituição atribuiu ao Estado, no sentido de assegurar o direito à habitação. O diploma que manteve em apagado «debate público» não é mais do que o culminar de um processo desencadeado a partir de 1977, e que passou pela extinção do Fundo de Fomento da Habitação e pela quase anulação da construção de habitação social. O caso de Lisboa, onde em 1983 foram concluídos apenas dez mil fogos, dos quais apenas trezentos destinados à habitação social, é exemplar dessa política.

Deste modo, a revisão de facto da Constituição prossegue. O preceito da lei fundamental que dispõe que «todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar» é pura e simplesmente ignorado. Pode estar descansado o CDS. Com o Governo PS/PSD, não vale a pena desencadear na Assembleia da República o processo de revisão constitucional. A equipa de Soares e Mota Pinto revê-a todos os dias nos gabinetes ministeriais.

Importa acabar com esta política de ruí. Neste mês de Abril em que se comemoram dez anos da Revolução, o povo português saberá dizer não aos que o querem levar de volta aos mais negros tempos do fascismo.»

do editorial
2.4.84

Diário de Notícias

«Ainda não se sabe quem é o candidato à Presidência da República que o PSD vai apoiar, mas já começam a surgir alguns indicadores relativamente expressivos a tal respeito. A entrevista que o prof. Mota Pinto concedeu, durante o fim-de-semana, é talvez o mais evidente sinal do que afirmamos, de entre todos os que têm vindo a público, se exceptuarmos, obviamente, as especulações com maior ou menor fundamento.

A tese de Mota Pinto, com a qual viria a ganhar o Congresso de Braga, foi a de que, por enquanto, escolher um candidato do partido é pôr em risco a coligação e, consequentemente, pôr em causa a evolução normal da legislatura. Tratava-se de uma aposta pela negativa, quando qualquer dos seus principais adversários aparecia a propor um candidato e o lançamento imediato da respectiva candidatura. Foi isso, precisamente, que Rebelo de Sousa se encarregou de sublinhar algumas semanas antes do Congresso, ao instar o vice-primeiro-ministro a que dissesse claramente se pensava apresentar um militar ou dar o seu apoio a Mário Soares. Em resposta, Mota Pinto manteve a posição inicial e canalizou os debates para a liderança do partido. No fundo, era esta que lhe interessava para poder depois prosseguir uma estratégia relativamente às presidenciais, dentro do quadro de circunstâncias políticas em que se move (...)

do editorial
2.4.84

O GLOBO

«Por decisão do presidente João Figueiredo, o Brasil vai fazer investimentos maciços na exploração do campo petrolífero de Garoupa Norte, na Bacia de Campos.

Figueiredo quer o seu país auto-suficiente em petróleo dentro de seis anos com a produção diária de um milhão de barris em 1990. Originalmente essa meta fora fixada para 1993.

Entretanto, João Figueiredo propôs ao congresso que a próxima eleição do presidente da República se faça pela via indirecta e só lá para 1991 é que os brasileiros irão poder escolher por sufrágio universal o homem que irá ocupar o cargo supremo da nação.

Quer isto significar que o Brasil, a partir de 1990, vai ser auto-suficiente em petróleo e livre para escolher com votos o presidente da República, a não ser que João Figueiredo ainda se venha a «arrepender»...por falta de combustível.»

2.4.84

Quem não respeitou a lei dos rendimentos?

Tribunal Constitucional não responde a petição de um jornalista do «DL»

O Tribunal Constitucional decidiu não tomar conhecimento do pedido que lhe foi formulado por um redactor do «Diário de Lisboa», que requereu, há mais de um mês, a indicação dos nomes dos titulares dos cargos políticos, que entregaram, dentro do prazo legalmente estabelecido, as declarações sobre o valor dos rendimentos e de outras riquezas que possuem.

Em acórdão proferido no passado dia 20 de Março, aquele órgão constitucional afirma que a autorização para o acesso aos dados requeridos não cabe na competência do Tribunal, mas sim na do seu presidente. Quer dizer: o TC não negou ao jornalista a indicação dos nomes de responsáveis que ocupam cargos públicos e que se encontram em falta criminal por não respeitarem uma lei da República; mas também não achou da sua competência dar ao requerente autorização para a possibilidade de acesso às informações pretendidas.

Assim, caberá ao presidente do Tribunal Constitucional decidir, ele próprio, se deve ou não facultar ao jornalista a lista nominal dos titulares dos cargos políticos, que entregaram, até ao dia 12 de Dezembro de 1983, as suas declarações de património e rendimentos.

Conforme já foi noticiado pelo «Diário de Lisboa», apenas cerca de 800 de um total de mais de três mil cidadãos com responsabilidades públicas, cumpriram os prazos determinados pela lei 4/83 e definitivamente fixados por um decreto regulamentar de 6 de Outubro do ano passado.

Desde o presidente da República ao primeiro-ministro, passando pelos deputados e membros do governo central e dos governos regionais, ministros da República para as Regiões Autónomas, membros do Conselho de Estado e do Tribunal Constitucional, governadores civis, presidentes e vereadores das Câmaras municipais e gestores das empresas públicas, todos estão sujeitos ao cumprimento da lei que obriga o titular do cargo a entregar declaração do valor do seu património e rendimentos 30 dias após a tomada de posse, e, à apresentação, de

uma outra, 60 dias depois de abandonar as funções políticas que exerceu.

Se esta lei destinada ao controlo público das riquezas dos responsáveis pela gestão política e empresarial do Estado for rigorosamente observada, mais de dois mil cidadãos serão ou poderão vir a ser demitidos e a ficar sujeitos à inibição do exercício do cargo por um período variável entre um e cinco anos. Neste momento, por iniciativa da Procuradoria-Geral da República, encontram-se já na Polícia Judiciária os nomes dos titulares que entregaram as suas declarações dentro do prazo legal, e, consequentemente, a listagem dos cidadãos que não entregaram, ou entregaram fora do prazo estabelecido, a nota do património que possuem e dos rendimentos que auferem. Caverá agora à PJ investigar quem está em falta perante a lei e instruir depois os competentes processos-crime.

Um requerimento

No passado dia 21 de Fevereiro, um redactor do «Diário de Lisboa» entregou no Tribunal Constitucional um requerimento através do qual solicitava ao seu presidente que lhe facultasse «a indicação dos nomes dos titulares dos cargos políticos que entregaram, dentro do prazo legalmente estabelecido, as declarações sobre o valor dos rendimentos e de outras riquezas». O mesmo jornalista afirmava no seu requerimento não pretender de tal informação outra coisa que não fosse «inserir-la num trabalho jornalístico» que desejava publicar «sobre o cumprimento ou não de leis da República por parte de quem por elas está obrigado, designadamente, no caso concreto, pelos titulares dos cargos políticos que se indicam na lei 4/83, de 2 de Abril.»

Um mês depois da entrada do requerimento na secretaria do TC, o Tribunal considerou que não era competente para apreciar o pedido de acesso às informações requeridas pelo jornalista. Tal competência, afirma-se no acórdão proferido, cabe ao presidente do Tribunal Constitucional.

A favor desta tese votaram oito juizes conselheiros (incluindo o seu presidente). Os restantes cinco votaram vencidos. Foram eles: Costa Aroso, Cardoso da Costa, Mário Afonso, Raul Mateus e Messias Bento. Na sua declaração de voto de vencido, que juntou ao acórdão, Raul Mateus manifestou a opinião de que o Tribunal «era competente para apreciar o pedido de acesso aos processos, formulado» pelo jornalista. Messias Bento diz o mesmo e vai mais longe: no seu entendimento seria o Tribunal, e não o presidente, «o competente para conhecer do pedido constante nos autos».

Marques Guedes e mais sete juizes conselheiros, Jorge Campinos, Nunes de Almeida, Mário de Brito, Monteiro Dinis, Martins da Fonseca, Vital Moreira e Magalhães Godinho — votaram vencedores. No acórdão, posteriormente proferido, afirma-se que «o acesso aos processos relativos às declarações de património e rendimento dos titulares dos cargos políticos é assegurada mediante a sua consulta na secretaria do Tribunal Constitucional». No diploma em que se determina esta regra, precisa-se quem «tem legitimidade para ter acesso aos mencionados processos» e esclarece-se que «o acesso aos dados depende da prévia autorização do Tribunal Constitucional, a proferir mediante acórdão sobre requerimento pelo interessado ou seu mandatário».

Segundo o TC, «o peticionário não solicitou o acesso a tais dados nem requereu que lhe fosse passada certidão dos mesmos, no que se refere a qualquer dos processos arquivados». «Tão-só — escreve-se no acórdão — solicitou que lhe fosse facultada indicação dos nomes dos titulares dos cargos políticos, que entregaram dentro do prazo legalmente estabelecido, declarações sobre o valor dos rendimentos e de outras riquezas». E conclui-se: «Na medida em que não envolve o acesso aos dados constantes dos processos, a autorização não cabe na competência do Tribunal». «Tal competência cabe antes ao presidente do Tribunal Constitucional» — diz-se.

Na sua declaração de voto de vencido, Raul Mateus considerou que o jornalista mais não fez do que «peticionar o acesso a dados dos processos organizados até certa data». E pergunta: «De facto, de onde constam os elementos pedidos senão das declarações apresentadas, cujos originais — (...) — são autuados, cada um deles, em pro-

cesso?»

Afirma, depois, que o Tribunal Constitucional era competente para apreciar o pedido feito pelo jornalista.

Quem controla?

Já se disse que mais de dois mil cidadãos entregaram fora do prazo legal as suas declarações de riqueza. Neste momento há apenas algumas centenas — poucas — de pessoas que ainda não apresentaram qualquer documento ou simples nota. Estas não estão, todavia, mais em falta do que as outras que fizeram chegar ao Tribunal Constitucional, tarde e a más horas, essas declarações que deveriam ter apresentado até 12 de Dezembro de 1983.

Há mesmo quem já tenha dito, publicamente e em carta ao Tribunal, que nunca entregará qualquer documento sobre o valor do património pessoal e ou outras riquezas que possuam. E há também quem deseje abrir guerra contra a lei. Um vereador escreveu recentemente ao TC afirmando que não enviará qualquer declaração. E porquê? Por esta razão aparentemente simples: a lei obriga os **presidentes e vogais** das câmaras a declararem os seus bens. Diz o vereador que não é **vogal**, nem sabe o que isso é. Portanto, como a lei não obriga os vereadores, logo, não entregará as declarações que deverão ser entregues pelos **vogais**... que não existem, na sua opinião.

Os tribunais dirão se o autor desta tese tem ou não tem razão. Para já ninguém terá dúvidas de que o legislador ao escrever a palavra **vogal** não pensava em outra coisa que não fosse em **vereador**. Mas também é verdade que não há documentos nem legislação de qualquer natureza cujos textos se refiram a **vogais municipais**...

Esta lei levanta uma outra questão de fundo: se não houver quem a controle, ela acabará por ir morrer à mão do legislador. Não é, naturalmente, o Tribunal Constitucional, o órgão indicado para fiscalizar e controlar o cumprimento da lei. O TC é apenas o depositário das declarações dos titulares dos cargos políticos, a entidade que fornecerá à Procuradoria-Geral da República a lista dos que vão cumprindo este diploma com características perpétuas. Isto é, todos os dias há pessoas que ocupam ou abandonam cargos públicos e todas essas estão sujeitas à apresentação das suas declarações de rendimentos. E se não se quiser que a lei acabe, terá que ser criado um serviço que permita o controlo desse movimento nos cargos políticos através da leitura do «Diário da República» (nomeações e exonerações) e da imprensa em geral.

Só assim serão alcançados os objectivos propostos pela Lei 4/83.

José Manuel Saraiva

TEATRO DA TRINDADE-INATEL APRESENTA



GRUPO DE DANÇA

Direcção artística de LILIANE VIEGAS
Programa:

«VIAGEM»

coreog. Liliane Viegas; música Patrick Cowley

«DO IT...»

coreog. Redha Benteifour; música The Love Unlimited Orchestra

«VIVÊNCIAS»

coreog. Redha Benteifour, Liliane Viegas, Rui Lopes; música vários

ABRIL DE 1984

DIAS 10, 11, 12 e 13 às 21.30 — Dia 14, às 16 e 21.00

Bilhetes à venda a partir do dia 3

Descontos de 50% aos sócios do INATEL, Cods e Cp

AOS CONDUTORES
«Abande a marcha ao avistar o sinal de trânsito 'Crianças', porque, de repente, pode surgir uma a atravessar a rua.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

política de A a Z

Braga, as presidenciais e o situacionismo

A vitória do professor de Coimbra no Congresso de Braga poderá ter evitado o seu regresso às aulas da Faculdade de Direito, mas não parece ter proporcionado no seio do PSD, e relativamente à «coligação PS-PSD», a clarificação de situações e a abertura de perspectivas. Esta directoria do PSD não é mais forte, prestigiosa e experiente. O problema de uma candidatura partidária às eleições presidenciais de 1985 foi adiado por forma a levantar suspeitas no exterior do PSD e a suscitar inquietações no interior do PSD. No partido, e fora do partido, há quem pergunte o que vai Carlos Mota Pinto fazer com a sua vitória.

Do nosso conhecimento, nas colunas de diários e semanários, só o fecundo editorialista do «Tempo» embandeirou com a vitória de Mota Pinto e nela descobriu conteúdo e sentido: «A vitória de Mota Pinto em Braga constitui um apelo à mudança e à reforma». E, linhas adiante, categórico, após uns salamaleques a Mota Amaral e Marcelo Rebelo de Sousa, lança para o ar a girândola: «Neste momento, porém, quem decide da vida e do futuro próximo (por um ano) do PSD, é o prof. Mota Pinto. A sua carreira desde Montechoro até domingo passado foi fulgurante. É preciso reconhecê-lo sem ambiguidades. Ele apresenta-se como o primeiro sucessor digno de Sá Carneiro...» («Tempo», 29/3/1984).

No entusiasmo e na levandade afirmativa o editorialista vai longe. Duvidamos, porém, que o faça por conta própria. Está à vista que se pretende dar força a Carlos Mota Pinto, no imediato relativamente à «coligação PS-PSD», a prazo, relativamente a uma candidatura de Mário Soares à Presidência da República. A estratégia da «Direita» não está definida. Mas, o preço que Mário Soares está a pagar à «Direita» com este Governo de «coligação PS-PSD» parece não ser suficiente. A «Direita» tem exigências. Pretende, para o «restauracionismo», um mais rápido ritmo, uma maior audácia. O CDS, sem mistério, exige a «revisão económica» da Constituição.

O apoio a Mota Pinto e o elogio de Mota Pinto, alçado a «primeiro sucessor digno de Sá Carneiro», apoio e elogio que não vem de congressistas de Braga, ou de militantes sociais-democratas responsáveis — integra-se num plano, faz parte de uma estratégia. Pretende-se dar a Mota Pinto autoridade para impor a continuidade da política «restauracionista» no Governo; pretende-se dar a Mota Pinto força e capacidade negocial com vista às eleições presidenciais. Entende-se que uma eventual subida a Belém de Mário Soares, teria que ser paga com o compromisso da designação de Mota Pinto como Primeiro-Ministro.

Não terá sido por mero acaso que o editorial que elogia

Mota Pinto, em termos generosos, entusiásticos, ataca outro candidato à substituição de Mário Soares. O ataque a Almeida Santos destina-se a facilitar a negociação de Mota Pinto, a abrir-lhe as portas de S. Bento.

Mas a troca de uma promoção a Primeiro-Ministro por um apoio à candidatura presidencial de Mário Soares, ou de outro «socialista» do Partido Socialista, será considerada pela «maioria» e pelas «minorias» de Braga, como um negócio pessoal de Mota Pinto e da sua clientela partidária. Negócio pessoal que conduzirá, inevitavelmente, à subalternização do PSD em relação ao PS. O Congresso do PSD adiando o problema das eleições presidenciais furtou-se a uma decisão que constitui uma opção estratégica. A recuperação do lugar do PSD como «grande partido nacional» passa pela apresentação às eleições presidenciais de um candidato próprio, implica a autonomização política do partido, recomenda que se estabeleça um quadro de relacionamento, ou se insista numa bipolarização, que confira ao PSD: a) o papel de charneira; b) ou a capacidade de iniciativa e de hegemonização do curso político.

O arrastamento da indecisão e o apego às posições governativas vai desgastando Mota Pinto e o seu «grupo». Marcelo Rebelo de Sousa, encerrados os trabalhos do Congresso de Braga, declarou a respeito de Mota Pinto: «A referência à vocação governamental foi outro dos momentos em que se traiu. Estamos perante a confissão mais absoluta do situacionismo dominante no partido. O PSD é um partido encostado ao Poder. Talvez por isso a nossa proposta de alteração estatutária fosse rejeitada maciçamente por governantes, gestores públicos, líderes de poder local e governadores civis que enxameiam a classe política do partido. É uma confissão de algo muito negativo para o futuro do partido» (Entrevista a F. Mestrinho, «O Jornal», 30/3/1984).

Fala quem sabe. Quem conhece o partido e os governos. O situacionismo não começou com o reinado de Carlos Mota Pinto, mas vem sendo reforçado, desenvolvido, institucionalizado.

O que, presentemente, paralisa Mota Pinto, e o directorio do PSD saído de Braga, é, justamente, o situacionismo. A divisa é nada arriscar que ponha em causa as situações: as pessoais, as partidárias. O negócio de fundo está para fazer: Belém e São Bento.

Resta saber qual o preço que Mário Soares paga por Belém. Resta saber qual a resistência dos «socialistas» do Partido Socialista a perderem São Bento para verem Mário Soares em Belém. Resta saber se a Direita — liberal, conservadora, restauracionista — não deseja ver em Belém um militar de compromisso que mantenha o equilíbrio entre os dois «grandes partidos» e garanta as situações — o situacionismo.

E resta saber — que é importante e decisivo — se Portugal, se o país que trabalha, empreende e cria, está disposto a suportar um novo situacionismo.

Sobre o despacho dos salários em atraso

Reflexos da impotência de um governo que urge demitir

Rui Encarnação (*)

O Governo MS/MP, pela mão do sr. ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo, fez publicar na I Série do «DR» n.º 37 de 13 e 84, o Despacho Normativo n.º 35/84, que prevê a equiparação à situação de desemprego involuntário de trabalhadores cujas empresas se encontrem paralisadas e com um mês ou mais de salário em atraso.

Logo, correu, aberrantemente, alguma Imprensa a fazer eco das intenções deste Governo afirmando despuoradamente que a partir do presente momento os trabalhadores com salários em atraso iriam passar a receber subsídio do Estado tendente a resolver a sua situação, sem que em muitos casos, tivessem procedido à leitura mínima do referido diploma.

IMPORTA desde já afirmar que a publicação de tal despacho está longe de resolver o problema dos trabalhadores com salários em atraso. Cumpre ainda dizer que este despacho surge no momento em que o pagamento dos salários salta para o primeiro plano da luta dos trabalhadores. Num momento em que progressivamente vai aumentando o número de trabalhadores com salários em atraso. Apesar dos seus aspectos negativos, dos quais se irão referir alguns, o despacho enquanto acto em si é o resultado da luta dos trabalhadores que se tem vindo a intensificar nos últimos tempos.

Impossibilitado de continuar a camuflar uma situação a todos os títulos intolerável, não restou pois ao Governo senão lançar mão de uma manobra demagógica tentando em primeiro lugar esbater o sentimento de revolta que se vai generalizando por toda a população portuguesa, e

simultaneamente lançar a última boia de um Governo perfeitamente impotente para resolver os problemas dos trabalhadores e do país, antes, verdadeiramente empenhado em agravá-los.

Em segundo lugar, ao estabelecer como condição «sine qua non» a paralisação total da empresa, ou seja, a inexistência da prestação do trabalho, o despacho é insustentável e potencialmente inaplicável.

Desde logo porque esta é uma situação de difícil verificação, e isto se atendermos a que num elevado número de empresas que se encontram paralisadas decorrem processos de falência, de execução do património, de despedimentos colectivos, etc... e a estas aplica-se o regime geral do subsídio de desemprego e não o regime especial previsto no despacho em apreciação.

Se fizermos uma tentativa para quantificar as situações que

possibilitam a aplicação do despacho, logo concluímos que o número de trabalhadores potencialmente abrangidos e que se situam em regra nos sectores têxtil, vidro, cimento e cerâmica e metalurgia é bastante reduzido, representando uma percentagem insignificante (não indo além dos 3 a 4%) em relação ao total de trabalhadores com salários em atraso.

Por outro lado ainda, este despacho não tem em conta que existe uma multiplicidade de empresas em que a produção se pode considerar parada sem que, à luz da filosofia deste diploma, se possa considerar que elas estejam totalmente paralisadas. Para tanto é, pois, necessária a inexistência da prestação de trabalho entendida na globalidade dos trabalhadores e não individualmente por cada trabalhador.

Um exemplo torna possível e mais clara a compreensão de quanto fica dito.

Imagine-se uma empresa industrial de prestação de serviços, daquelas que habitualmente se designa de empreiteiras com obras em vários locais: cem trabalhadores na obra A, cem na obra B, cem na obra C, cem na obra D e cem na obra E. Por força de um conjunto de factores (final da obra por exemplo) os trabalhadores dos locais A, B, C, e D deixam de prestar trabalho, pára a actividade da empresa nesses locais e o pagamento de salários atrasa-se para além de um mês. Todavia, a cir-

cunstância de os cem trabalhadores da obra E se manterem em laboração determina que os 500 trabalhadores da empresa estejam à partida afastados da possibilidade de recorrer ao subsídio de desemprego.

Pensamos que, nesta situação a empresa não está parada e a produção praticamente não existe. Só que, para os efeitos do presente despacho, esta empresa está em funcionamento e, logo, não se aplicam os seus termos. Para essas situações, e que constituem a generalidade, o Governo ainda não tomou a mais elementar medida, não obstante a CGTP-IN ter apresentado propostas muito concretas nesse sentido.

Um outro aspecto que importa questionar é o saber em que medida este diploma não virá a ser um estímulo ao patronato de algumas empresas no sentido de acelerarem a destruição das mesmas, mormente daquelas em que os níveis de produção e de ocupação da mão-de-obra são baixos.

A ausência de qualquer mecanismo de controlo, aliada à inércia rastejante da Inspeção do Trabalho legitimam muitas dúvidas nesse sentido. Pelo menos processualmente simplifica-se muita coisa — é tudo uma questão de «declaração da entidade empregadora».

(*) técnico do Gabinete de Contração Colectiva da CGTP-IN.

ponto a ponto



Os problemas da Paz e do Desarmamento foram objecto de um debate público no Porto sob o tema «Não à guerra».

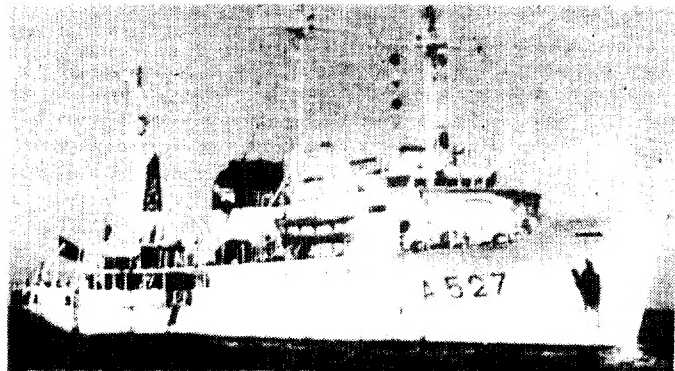
Participaram no encontro público, realizado na Junta de Freguesia do Bonfim, Ernest Mandel, Marcelo Curto, Mário Brochado Coelho e Octávio Cunha.

O debate foi realizado no seguimento de outras iniciativas já efectuadas na cidade do Porto, nomeadamente a projecção em diversos locais de um resumo do autor do filme «The Day After» seguido de discussão dos presentes sobre o tema da película.

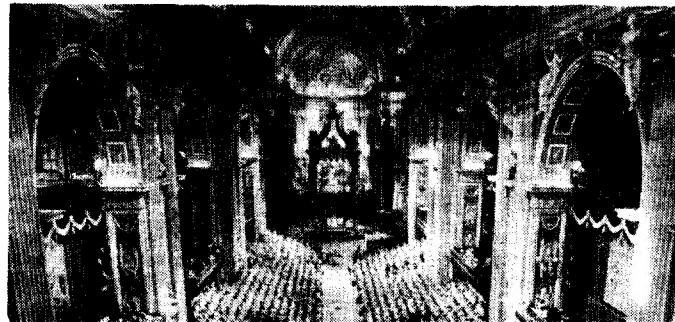
Organizaram a sessão a Juventude Socialista, o Partido Socialista Revolucionário e a União da Esquerda para a Democracia Socialista.

As «Marchas pelo pão, pelo trabalho, contra a carestia», anunciadas para sábado no Porto, foram adiadas para o dia 14, devido ao temporal que de madrugada e manhã assolou a região — comunicou a USP/CGTP-IN.

Convocadas pelo movimento sindical unitário do distrito do Porto, as «Marchas» que tiveram o «apoio de 316 estruturas e organizações populares», segundo os seus organizadores, deviam partir de vários pontos da cidade e de Gaia para se concentrarem, ao fim da tarde, na Praça da Liberdade, no Porto.



Com destino à Guiné-Bissau, largou hoje da Base Naval do Alfeite às 13 horas, o navio hidrográfico «Almeida Carvalho», a fim de efectuar um cruzeiro de apoio científico em águas daquele Estado, concretizando a cooperação acordada entre os dois países.



O vigário castrense português, padre Joaquim Cupertino, participou na reunião internacional de vigários castrenses, que se realiza no Vaticano de 9 a 11 do corrente, com a participação de sacerdotes de 23 nações.

Segundo informou Rádio Vaticano, a reunião será inaugurada pelo cardeal Sebastião Baggio, prefeito da congregação para os bispos, e nela serão abordados os problemas comuns da pastoral castrense.



O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Lemos Ferreira, recebeu em visita de cumprimentos, o chefe do Estado-Maior da Força Aérea de Cabo Verde, comandante Agnelo Dantas. No mesmo dia, Lemos Ferreira, condecorou com a medalha de mérito militar de 1.ª classe, o adido militar e aeronáutico do México general Agustín Ballejo Alvarez, que em breve deixará o nosso país por ter cessado as suas funções.



O ministro do Equipamento Social anunciou em Bragança onde se deslocou em visita de trabalho, uma série de empreendimentos que vão ser concretizados na região.

Numa reunião que teve com o governador civil, autarcas e directores de serviços da área do seu Ministério, Rosado Correia, reafirmou o arranque para Junho dos troços IP-4 entre Amarante/Campeã (Vila Real) e Quintela/Rossas (Bragança).

Referindo-se ao projecto das vias rodoviárias nacionais (constituídas pelas IUP-1, IP-2, IP-3, IP-4, IP-5, IP-6) sublinhou que todas elas irão contar com verbas a fundo perdido da CEE já para 1985.

Mais um "adversário" na sua lista...

João Jardim critica Comunicação Social

Alberto João Jardim, o polémico presidente do Governo Regional da Madeira, inaugurou ontem mais uma frente de batalha. Desta feita, o mais recente "adversário" de João Jardim tem um nome - Comunicação Social.

Falando ontem no Funchal, Alberto João Jardim disse que o PSD provou que "o candidato presidencial será o que quisermos e quando quisermos e não o que a Comunicação Social defende".

Para o dirigente madeirense, "o grande vencedor do XI Congresso do PSD foi o PSD" e "até agora, em Portugal, a vida dos partidos foi muito influenciada pelo peso da Comunicação Social".

Felizmente que, na perspectiva de João Jardim, o peso da Comunicação Social foi anulado pelo PSD no Congresso de Braga, pois os social-democratas "demonstraram ser possível arranjar um candidato contra ela".

João Jardim não refere o nome do candidato que o PSD conseguiu arranjar - em Braga só se falou de dois possíveis candidatos: Mota Amaral e João Jardim... - mas não deixa de afirmar: "Em 1985 estarão criadas condições para que o PSD apresente um candidato que prove ao

País ser possível vencer eleições contra a classe política e mesmo contra a Comunicação Social".

O candidato sem rosto a que João Jardim se refere deverá ser na sua opinião, "civil e militante social-democrata, que não tenha receio da classe política nem da hostilidade que ela lhe moverá".

Embora este perfil se encaixe perfeitamente na sua personalidade, João Jardim considera "absurda" a hipótese de se candidatar à Presidência da República.

Para ele, "o único compromisso que assumi foi o de me recandidatar a presidente do Governo Regional da Madeira, nas eleições de Outubro".

João Jardim criticou ainda "certas manobras desestabilizadoras" implementadas por dirigentes social-democratas. Essas manobras "são a prova de que há pessoas interessadas em manter a confusão dentro do partido".

As chaves...

"Quando verifico - sublinhou - que está em preparação um almoço ao militante anónimo com a presença de Mota Amaral e António Capucho, é óbvio que isso parece uma desastrosa tentativa de

continuarem o Congresso em vez de o aceitarem com um facto consumado."

Para o presidente do Governo madeirense "é pena que isso aconteça em vez dessas pessoas se procurarem em contribuir para uma maior estabilidade, preferindo antes manter as suas ambições pessoais".

Revelou que durante os trabalhos do Congresso "não se debateram os grandes problemas nacionais perdendo-se antes muito tempo com questões marginais, fruto da "pessoalização dos debates".

Confirmando a existência de algumas "combinações" com o grupo de Marcelo Rebelo de Sousa, Jardim referiu: "combinei a retirada da minha moção para apoiar a dele e acertámos a inclusão de um membro do governo regional (Miguel de Sousa) num dos lugares principais da lista de candidatos ao Conselho Nacional".

Alegando que "se a chave do carro de Mota Pinto está nos bolsos de Marcelo Rebelo de Sousa, o carro estará mais seguro do que se as chaves estivessem nos bolsos de Pinto Balsemão", o dirigente madeirense acusou o PSD e PS de "se terem esquecido da palavra socialização".

Conferência dos Estados-Maiores Peninsulares em Lisboa

Decorrerá em Lisboa, de 2 a 6 de Abril, a XXX Conferência dos Estados-Maiores Peninsulares, encontros que se realizam anualmente desde 1948 institucionalizados pelo tratado de amizade a cooperação entre Portugal e Espanha em Novembro de 1977.

No Artigo 8.º ficaria estabelecido que os Estados-Maiores se reuniriam periodicamente para coordenar os trabalhos neces-

sários para pôr em prática a cooperação militar, dando particular atenção aos intercâmbios de pessoal, à realização de cursos, comparação de experiências e execução de exercícios combinados.

A comissão espanhola é presidida pelo general de divisão Miguel Ingués del Moral e a portuguesa pelo general da Força Aérea, Hélder Paulino Correia.

Governo Português está em Lisboa ou em Washington?

— perguntou Octávio Pato (PCP) na 1.ª Assembleia do CLL

A dúvida sobre se "as alavancas portuguesas do poder se encontram em Lisboa ou em Washington", foi ontem colocada por Octávio Pato, ao intervir ontem na sessão de encerramento da 1.ª Assembleia do Comité Local de Lisboa do PCP. Falando para meio milhão de delegados, na sua maioria do sector de serviços, aquele membro do Secretariado Permanente do CC do PCP, apontou um número apreciável de factos, ou casos, ilustrativos do nítido aumento da influência norte-americana no nosso País.

Os primeiros exemplos apontados respeitaram às facilidades militares. Falou Octávio Pato da renovação do acordo e do alargamento das facilidades na Base das Lajes; da utilização do estuário do Tejo para ancoradouro, reparação e abastecimento de barcos nucleares dos EUA; da hipoteca a Washington, via FMI, da anunciada instalação de quatro bancos norte-americanos em Portugal; e da concessão de uma emissora de Rádio e da futura instalação no Sul do País de uma estação de rastreio de satélites e "outros objectos espaciais".

Mas não ficou por aqui a extensa referência do dirigente comunista. Evocou as declarações de Alípio Dias (secretário de Estado do Tesouro) no regresso da viagem americana de Soares sobre a eventual boa-vontade do FMI para não subirem as taxas de juro; referiu a "lista negra" de 24 empresas públicas organizada por entidades americanas, que propõem "medidas concretas" até Julho; falou da tarefa cometida por Mário Soares à firma de Robert Delfen (EUA) "amigo seu de longa data" para estudar o futuro estatuto do investimento estrangeiro em Portugal; contou que em Junho o Governo PS-PSD enviara para os EUA um documento sobre política industrial, turismo e pescas; disse que em Outubro virá a Lisboa uma missão americana para avanço de projectos de capitais mistos e que, em finais de Setembro, Nova Iorque será palco de um seminário sobre projectos de investimentos industriais em Portugal.

A coroar tudo isto, recordou Octávio Pato as declarações recentes do embaixador Allen Holmes, dos EUA, na Associação Comercial do Porto. Estas por exemplo, de que "... logo que os investidores do meu país olhem para Portugal irão ficar impressionados com a capacidade de trabalho da sua mão-de-obra, com o seu nível salarial...".

E depois de lembrar as coincidentes afirmações de Veiga Simão ("o baixo custo da mão-de-obra portuguesa constitui um importante incentivo ao investimento estrangeiro"), o dirigente do PCP falou dos 20 aviões "A7P Corsair" comprados aos EUA. Custaram mais de 150 milhões de dólares e "estão parados por acidentes ocorridos que obrigaram à revisão dos aparelhos..." disse.

Foi de facto um bom negócio para os americanos, referiu ainda, para acrescentar as dificuldades até de dinheiro para o combustível dos aviões em tempo de paz ou da sua dependência directa da NATO em caso de guerra.

Como poderia pois - perguntou Octávio Pato - Mário Soares deixar de ser "o género de socialista de Ronald Reagan?"

"Nem os burros..."

Desemprego, salários em atraso, aumento assustador do custo de vida (com aumentos dos transportes e do pão previstos para Maio), repulsa crescente e brutal dos trabalhadores pela Polícia de Intervenção, prisão de sindicalistas criação dos "Serviços de Informações" ("uma espécie de PIDE/DGS" ou "uma filial da CIA dos EUA" - disse) foram pontos ainda da intervenção do responsável comunista.

Ao referir, a propósito da recente posse do Conselho de Concertação Social, "as palavras de Torres Couto de defesa de um novo quadro de relações em que o antagonismo dê lugar ao protagonismo", Octávio Pato evocou o "cerimonial macabro" da referida posse onde os protagonistas não apresentavam qualquer antagonismo.

Era - disse - a direita "mais estúpida" e o patro-

nato "mais retrógrado" (expressões, em tempos de Torres Couto) a que se juntaram os lacaios mais subservientes...

E sobre o que apelidou de "conluio" em vez de concertação, disse também não ser de excluir que "dentro de pouco tempo o sr. Torres Couto venha dizer, pela centésima vez, que foi enganado e que será a última vez que dará uma oportunidade ao governo para uma mudança de política".

E antes de citar financiamentos para cooperativas ou sociedades da UGT pelo "Banco de Israel" da CIA, pelos Estados Unidos e, possivelmente, pela África do Sul, sublinhou que Torres Couto "engana-se quando se diz enganado. É que os trabalhadores sabem que nem os burros se enganam tantas vezes".

Concluiu Octávio Pato a sua intervenção evocando o crescendo da luta de massas (marchas do desemprego, trabalhadores sem salários, agricultores em Lisboa, professores, autarquias e as próximas acções de trabalhadores municipais, desfile da juventude, dos reformados, dos comerciantes e o 25 de Abril e o 1.º de Maio) para frisar que o actual Executivo terá o mesmo destino dos anteriores.

Esta 1.ª Assembleia do Comité Local de Lisboa reuniu sábado e domingo na Voz do Operário, integrando-se nas dezenas de iniciativas levadas a cabo por todo o país pelas organizações do PCP. O plenário aprovou, por unanimidade, após discussão e alterações, uma resolução política sob o lema "Em Lisboa com o PCP continuar Abril".

Cunhal em Angola

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, partiu ontem para Luanda, a convite do MPLA-Partido do Trabalho, para uma visita de cinco dias a Angola.

Álvaro Cunhal chefiava uma delegação do PCP constituída por Joaquim Gomes e Sérgio Vilarigues.

O líder comunista, terá conversações com dirigentes do MPLA-PT e visitará unidades económicas e locais históricos de interesse cultural na República Popular de Angola.

Almeida e Costa revelou

Eleições em Macau marcadas para julho

As eleições para a Assembleia Legislativa de Macau realizar-se-ão em Julho e o processo de recenseamento eleitoral começará dentro de poucos dias - anunciou em Lisboa o governador de Macau, Almeida e Costa.

O prazo legal para a realização das eleições termina em Agosto e o recenseamento eleitoral prolonga-se durante 35 dias - informou ainda o almirante, que falava à partida para Macau, após ter permanecido cerca de um mês em Lisboa.

Almeida e Costa disse, por outro lado, não acreditar que venha a ser substituído antes do termo do seu mandato, pois - afirmou - "a acção desenvolvida no território, a todos os níveis, corres-

põe às linhas de acção do Presidente da República".

Por outro lado, Almeida e Costa anunciou que a Televisão de Macau começará a transmitir no final de Abril, já com programas em Língua portuguesa.

PR não comenta

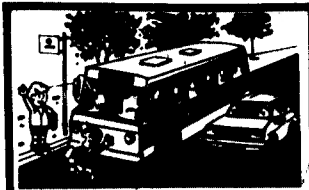
O Presidente da República, Ramalho Eanes, recusou-se a comentar declarações proferidas, sexta-feira, pelo ministro português dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, sobre a dissolução da Assembleia Legislativa de Macau.

Gama salientou, durante um encontro com os jornalistas estrangeiros acreditados em Portu-

gal, que a dissolução da Assembleia de Macau "foi prejudicial aos interesses de Portugal na área", manifestando a opinião de que a administração portuguesa não deveria "transportar para o território de Macau e para a zona os conflitos internos do continente".

O Presidente da República declarou "não comentar declarações dos senhores ministros, não comentar declarações deste senhor ministro (Jaime Gama) que, aliás, constitucional e estatutariamente, não tem atribuições referentes a Macau".

"Sobre a dissolução da Assembleia Legislativa de Macau, e em devido tempo, o Governo foi ouvido através da pessoa do senhor Primeiro-Ministro", salientou a Presidência da República.



AOS CONDUTORES

Junta dos passageiros de transportes públicos, durante a marcha, pague a qualquer momento pela viagem que quiser e quando quiser, sem mais nada que pagar, sem mais nada que pagar, sem mais nada que pagar.

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Nos termos do Decreto-Lei n.º 74-C/84, são extintos, a nível central, os seguintes serviços:

- Direcção-Geral de Saúde
- Serviços Médico-Sociais
- Serviço de Luta Anti-Tuberculosa
- Instituto de Assistência Psiquiátrica
- Serviço de Higiene Rural e Defesa Anti-Seasonática
- Instituto de Assistência aos Doentes de Hansen
- Instituto Maternal

Toda a correspondência destinada a estes serviços centrais deve ser endereçada a:

DIRECÇÃO-GERAL DOS CUIDADOS DE SAÚDE PRIMÁRIOS

**Alameda D. Afonso Henriques, n.º 45
1056 LISBOA CODEX**

Defende Mota Pinto antes de partir para a Turquia

Desnacionalizar para pagar indemnizações

O ministro da Defesa, Mota Pinto, partiu ontem para a Turquia, acompanhado pelo chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Lemos Ferreira.

Mota Pinto vai participar numa reunião do Grupo de Planeamento Nuclear da NATO, que se realiza periodicamente, para fazer o ponto da situação nessa matéria e avaliar as debilidades da Aliança.

Ontem, também, o vice-primeiro-ministro e líder do PSD deu uma entrevista ao programa «Cartas na Mesa», da Rádio Renascença, em que se mostrou defensor da abertura

da televisão à iniciativa privada.

Mota Pinto admitiu a possibilidade constitucional da TV privada, desde que sob a forma cooperativa ou então através de gestão privada, mantendo-se a propriedade pública.

Disse-se também sensível à atribuição de tempo de antena à Igreja Católica e sobre as dificuldades que essa posição poderá trazer para a coligação (o PS opõe-se a todas estas teses) afirmou que a resolução da questão passa pela «via do diálogo estrênuo, da apresentação de pontos de vista com intensidade e de uma forma

combativa». «Vamos insistir junto do PS para a solução positiva deste assunto», disse ainda.

O vice-primeiro-ministro revelou também, em referência aos órgãos de Comunicação Social, que existe uma comissão mista (dois PS e dois PSD) que está a fazer o levantamento da situação.

O objectivo é obter «garantias absolutas» da isenção, imparcialidade e objectividade e a área de actuação desta Comissão abrange também a RTP, onde se faz «uma análise aturada» da actuação do respectivo presidente, o indepen-

dente Palma Ferreira.

Outro assunto abordado durante a entrevista foi a remodelação governamental. «A probabilidade de concretização de uma remodelação é algo consistente», mas a sua oportunidade depende do Primeiro-Ministro e de uma análise conjunta feita pelos partidos da coligação governamental.

Em matéria económica, as declarações de Mota Pinto incidiram essencialmente sobre a revisão constitucional. Depois de se afirmar como partidário da revisão, nomeadamente no que toca à irreversibilidade das nacionalizações, Mota Pinto

afirmou que ela será necessária quando forem fixados os valores das indemnizações.

«O valor da dívida pública será de tal ordem que a situação se vai tornar incomportável, tornando-se então necessário, em alguns casos, utilizar empresas públicas, ou parte delas, como forma de pagamento dessas indemnizações», afirmou o vice-primeiro-ministro.

Na eventualidade de um veto presidencial à lei da despenalização do aborto, o PSD voltaria a votar contra a lei, revelou também, depois de considerar aquele veto como «a

solução que está mais em conformidade com o nosso ponto de vista».

Pronunciando-se sobre as presidenciais, Mota Pinto afirmou-se aberto a todas as hipóteses. Desde o candidato próprio até ao apoiado «por outras forças democráticas com as quais estamos em coligação ou com outras».

O perfil é de quem «dê garantias de consonância com as maiorias democráticas que possam existir na vida política portuguesa», podendo ser recrutado fora do quadro partidário ou no seio das Forças Armadas.

Exéquias na Sé, na 5.ª feira

Nuncio Apostólico morre em Lisboa

O nuncio apostólico em Lisboa, monsenhor Sante Portalupi, de 74 anos de idade, morreu inesperadamente ao meio-dia de sábado, na sua residência, vítima de enfarte de miocárdio.

Monsenhor Portalupi, que sofria de bronquite crónica, estava adoentado desde há uma semana, altura em que regressou de Fátima a Lisboa com febre — revelou uma informação médica veiculada pela Nunciatura. Nada fazia prever, no entanto, a morte de monsenhor Portalupi, decano dos diplomatas estrangeiros acreditados em Lisboa.

Ontem o Presidente da República, general Ramalho Eanes, deslocou-se pessoalmente à Nunciatura, onde apresentou as suas condolências.

Mário Soares, Primeiro-Ministro português, apresentou também à Santa Sé as suas «profundas condolências» pela morte de monsenhor Portalupi e, de acordo com declarações prestadas ontem no final do Congresso da UGT, deslocar-se-á hoje à Nunciatura para assinar o livro de condolências.

Exéquias

Solenes exéquias por alma do nuncio apostólico serão celebradas na quinta-feira na Sé Patriarcal de Lisboa — anunciou ontem a Nunciatura.

O corpo de monsenhor Portalupi, segundo a mesma fonte, será transportado para a catedral na quarta-feira, ali ficando exposto por 24 horas. A Nunciatura acrescentou que o funeral não será

realizado em Portugal, não podendo ainda especificar quando será o corpo trasladado para Itália e o local em que será definitivamente sepultado.

A notícia da morte de monsenhor Portalupi foi recebida com pesar no Vaticano. Nos últimos tempos falava-se, ali, numa possível demissão do nuncio apostólico em Lisboa, por motivos de saúde. Apontava-se mesmo o nome de monsenhor Luigi Poggi, antigo nuncio no Peru e actual embaixador itinerante da Santa Sé na Europa Oriental, como novo responsável pela diplomacia do Vaticano em Lisboa.

Biografia

Monsenhor Santef Portalupi foi nomeado para a representação em Portugal em 15 de Dezembro de 1979 e apresentou cartas credenciais em 14 de Março do ano seguinte.

Nascido em Mortara (Pavia), Itália, em 1 de Novembro de 1909, estudou no Pontifício Seminário Lombardo e na Pontifícia Universidade de Roma.

Era formado em Direito Canónico e entrou para o serviço diplomático do Vaticano em 1936. Desempenhou funções diversas em representações pontificias no Brasil, Paraguai, Argentina e Cuba e, por duas vezes, na Secretaria de Estado do Vaticano.

A partir de 59 foi nomeado nuncio apostólico nas Honduras e Nicarágua e, em 1967, delegado apostólico para a África setentrional, com acreditação junto da Argélia e Tunísia a partir de 72 e de Marrocos em 1976.

Centro Histórico de Évora: dotar os seus habitantes de um mínimo de qualidade de vida

Dois anos de trabalho do núcleo do Centro Histórico de Évora foram ontem evocados na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Nova de Lisboa por alguns dos seus responsáveis.

Tendo atingido o seu crescimento possível entre muralhas no século XVI, a cidade só começou a expandir-se pelos terrenos vizinhos a partir de meados do nosso século, fenómeno que mais se acentuou a partir do 25 de Abril.

Rendas baixas e uma população idosa fizeram com que, ultimamente, a habitação se viesse a degradar, especialmente no interior dos edifícios. Das quatro mil habitações da cidade 1500 não possuem casa de banho nem cozinha e outras tantas encontram-se em profunda degradação.

A intenção do núcleo do Centro Histórico de Évora foi, disse Filipe Marchand, o principal responsável, «sobretudo respeitar o existente, mas dotar os habitantes de um mínimo de qualidade de vida».

Presidente da Áustria em Portugal

Continuação da pág. 1

As trocas comerciais entre Portugal e a Áustria registaram no ano passado uma diminuição de 24 por cento des-

favorável àquele país. Atingiram 37 milhões de dólares, contra 57 milhões das exportações portuguesas no mesmo ano.

SUPERMERCADO

Sonner

ALIMENTAR

em ALMADA

DEPOIS DE CONQUISTADO PRESTÍGIO E EXPERIÊNCIA EM MAIS DE
20 ANOS NO COMÉRCIO LIGADO À CONSTRUÇÃO CIVIL,
AGORA O NOME Sonner ESTÁ NO RAMO ALIMENTAR

**Um modelar
estabelecimento
de produtos alimentares
com tudo quanto há
de Qualidade, Frescura
e... Simpatia.**

SENSACIONAIS PROMOÇÕES DE INAUGURAÇÃO

A cada cliente
serão oferecidas
agradáveis SURPRESAS

AVENIDA D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 14 • TEL. 2766706 • 2800 ALMADA

“Não vamos ser presos?...”

André Meireles, redactor do «Jornal de Brasília» e dirigente da poderosa CONTCOP (confederação que integra as várias tendências sindicais brasileiras) foi o único representante de toda a América Latina no Congresso da UGT.

A sua presença no Pavilhão causou alguns embaraços aos dirigentes da UGT e foi, além disso, autêntica «pedrada no charco» na sessão de encerramento. Logo na sexta-feira, ao ler nos jornais a vaga de prisões de sindicalistas junto à residência do Primeiro-Ministro, André Meireles pensou, na sua boa-fé e lógica de sindicalista, que seria justo apresentar uma moção de solidariedade. Mas só pensou... pois teve de recuar imediatamente, tal foi a reacção que suscitou.

Mais tarde, quando quis intervir, foi outro problema. Pediram-lhe a intervenção por escrito. Disse que só falava de improviso. E acabou por ter de ameaçar com bronca junto dos jornalistas se não o deixassem subir à tribuna. Subiu, falou e teve fortes apalposos quando disse que o acordo do governo brasileiro com o FMI é a causa dos principais males do país. Soares estava lá e ouviu também André Meireles pedir solidariedade (com aplausos) para o Chile, para a Nicarágua, para Granada...

Mas o episódio não menos significativo, e divertido, ocorreu quando as delegações estrangeiras foram recebidas em S. Bento por Soares. Trajando desportivamente (era o único «desengravatado») André gritou, de mãos no ar, meio brincalhão, à entrada do salão: «Não vamos ser presos?...”

Congresso da UGT

Coligação ameaçada conseguiu sobreviver

Foi certamente com algum alívio que os dirigentes da UGT viram terminado, entre abraços — quantos de circunstância? — o 3.º Congresso da organização a que presidem.

A coligação governamental foi salva, apesar do «presente envenenado» que os socialistas-democratas enviaram aos socialistas a partir de Braga. E embora reeleito secretário-geral, Torres Couto, tenha procurado sempre secundarizar a questão, invocando o peso esmagador da tendência socialista, o certo é que só é possível compreender o «sacrifício» de António Cabecinha se se tiverem em conta os interesses da coligação.

Se não vejamos: institucionalizada, a partir do Congresso do PSD, em Braga, a tendência Trabalhadores Sociais-Democratas (TSD) que passa a funcionar, dentro da UGT, como uma autêntica estrutura sindical partidariamente organizada, havia que afastar dos órgãos directivos da central todas as «bolsas de resistência» à sua dinamização. Miguel Pacheco e Cabecinha, mais este do que aquele, constituíam pela sua capacidade de intervenção um real

perigo para homens como Arménio Santos (o verdadeiro criador dos TSD e, por enquanto fora dos órgãos dirigentes da UGT) ou Rui Oliveira e Costa, este mais preocupado com a sua carreira política do que com a sua condição de dirigente sindical, que pretendem, antes do mais, canalizar, através dos TSD, a voz do seu partido na UGT.

E não é que os socialistas não se tenham apercebido da «jogada». Nesse sentido tentaram, de início, não bloquear a hipótese de reeleição de Miguel Pacheco, assegurando o lugar de António Cabecinha no Secretariado Nacional e negociar mesmo mais um ou outro lugar de elementos da Tesired para o Secretariado Nacional. No entanto, as atitudes «intempestivas» dos vencidos de Braga obrigaram os socialistas a optar. E esta opção passou, necessariamente, pela ameaça de ruptura por parte dos TSD. Ora isso poria em causa a sobrevivência a curto prazo da coligação no Governo. Ouvimos mais do que um delegado afirmá-lo nos corredores do Congresso, para além das denúncias, já conhecidas, feitas por Miguel Pacheco e por António Cabecinha.

Votação pouco significativa

E só assim se entende não só o apoio dado por tantos socialistas à candidatura de António Cabecinha à presidência da UGT como também a magra votação conseguida pelo candidato oficial, Pereira Lopes. A margem obtida, 567 votos em 1022 votantes é pouco significativa se comparada com a obtida por Torres Couto que contou com o apoio de 812 delegados. Não podem deixar de merecer consideração os apupos dirigidos a Pereira Lopes enquanto da tomada de posse (abafadas depois com a palavra de ordem «LGT, UGT») e as vaías a Rui Oliveira e Costa.

Para já, o confronto na UGT poderá ter sido adiado. E isto se recordarmos que um dos pontos em que houve discordância — o apoio a um candidato à Presidência da República — foi retirado pelos socialistas. É que o perfil que constava do Programa de Acção, diziam os socialistas-democratas, poderia apontar para a figura de Mário Soares. Para Torres Couto, a questão não está encerrada. «A UGT vai

apoiar um candidato — dizia ele aos jornalistas — e se retirarmos aquele ponto só por reconhecermos que poderia ser mal entendido pelas pessoas ser uma central sindical, antes dos partidos políticos, a definir o perfil do candidato às presidenciais». E recordou em jeito de aviso: «Mas os socialistas são maioritários dentro da UGT». Para além de tudo isto, há questões de inegável importância que foram discutidas e aprovadas no Congresso. Em primeiro lugar o compromisso assumido por Torres Couto de que os deputados sindicais da UGT se demitirão do cargo e não respeitarão a disciplina de voto, caso o Governo tente aprovar legislação laboral que ponha em causa a lei da greve e a lei dos despedimentos. Mário Soares, registou-se, não aplaudiu esta parte da intervenção do secretário-geral da UGT. Além do mais se o Executivo conseguir fazer passar tais leis, a União Geral de Trabalhadores decretará uma greve nacional dos seus sindicatos e abandonará o Conselho Permanente de Concertação Social.

Uma outra questão que não

terá colhido os favores de Soares foi a declaração do secretário-geral da UGT que afirmou não estar a sua organização disposta a admitir que se pretendam tapar buracos, abrindo outros maiores e pondo em causa a viabilidade do sector nacionalizado da economia. Torres Couto, que pediu a demissão do ministro da Agricultura, Soares da Costa, e poupou Amândio de Azevedo (mais uma vez a mão dos TSD e segurar o ministro do Trabalho?) criticou o Governo por ter aberto a banca à iniciativa privada sem ter promovido previamente a sua reestruturação.

O que restará, para além do mais, aos observadores do Congresso de uma UGT cheia de contradições e contradições internas, são muitas das intervenções de delegados que constituíram verdadeiros libelos acusatórios à actuação do patronato e à falta de acção e permissividade do Executivo. É pena que Soares não as tenha ouvido e, quem sabe (?), talvez muitos dos seus dirigentes também não.

Aurea Sampaio

Transtorno e Metro em greve na 5.ª-feira

Os trabalhadores da Transtejo vão fazer uma greve de 24 horas na próxima quinta-feira, o mesmo acontecendo no Metropolitano, onde a paralisação decorrerá entre as 9 e as 12 horas e entre as 15 e as 18 horas. Em ambos os casos a luta prende-se com o desbloqueamento do acordo de empresa (AE).

Durante a greve, os trabalhadores da Transtejo, que exigem

um aumento salarial de 24 por cento, vão concentrar-se junto ao Ministério do Equipamento Social, onde permanecerão em vigília.

No Metropolitano a administração pretende impor um aumento global inferior a 18 por cento, com 18,9 por cento na tabela salarial, o que os trabalhadores consideram «muito abaixo do aumento do custo de vida passado e futuro».

Camiões de carga

Entretanto os trabalhadores do sector de transportes de carga estão hoje parados, visando esta luta a obtenção de «salários justos, vigência de 12 meses e manutenção de regalias».

Os actuais salários destes trabalhadores, que pelos mesmos motivos paralisaram a 27 de Fevereiro, segundo o Sindicato dos Transportes Rodoviários e Urga-

nos do Norte não são actualizados há quase 14 meses, período durante o qual o custo de vida aumentou mais de 33 por cento.

A associação patronal, AN-TRAM pretende impor 15 por cento de aumento e exige que os motoristas passem a desempenhar além das suas funções, as de ajudante de motorista.

Hotelaia do Algarve

Também o sector da hotelaria

do Algarve anunciou uma greve para o Domingo de Páscoa e a segunda-feira seguinte.

Segundo um dirigente sindical, esta decisão deve-se ao actual congelamento das negociações para a actualização da tabela salarial.

A paralisação afectará apenas os hotéis do Algarve, que empregam entre os 12 e os 15 mil trabalhadores.

Paralisação no Centro Nacional de Pensões

Os operadores do Centro de Pensões iniciaram hoje uma greve de quatro dias para exigir a publicação da actualização do subsídio de turno. Segundo um sindicalista, esta paralisação afecta os centros regionais de pensões «e

poderá também afectar o processamento das pensões dos pensionistas».

A actualização do subsídio de turno prevê 25 por cento para trabalhadores de laboração contínua e 16 por cento para os restan-

tes com retroactivos a partir de Abril de 1983.

O sindicalista salientou que se não forem satisfeitas as pretensões dos operadores, poderá ocorrer nova greve entre os dias 9 e 12 e 16 e 18.

Epílogo para o caso Messa?

Os trabalhadores da Messa reúnem-se hoje para apreciar as últimas informações sobre «a evolução do processo da empresa e decidirem se está completo o conjunto de reivindicações apresentadas», segundo um membro da comissão de trabalhadores (CT).

A mesma fonte declarou ter «a

sensação de que, de facto, o processo terá o seu termo» hoje e congratulou-se com o êxito da concentração feita na passada quarta-feira junto ao gabinete de Almeida Santos, «coordenador do processo nomeado pelo Governo», que os recebeu e manifestou «parecer estarem criadas as condições para que os problemas se resolvessem».

De referir que, tal como lhes tinha sido prometido por Almeida Santos, os trabalhadores da Messa receberam na sexta-feira um dos cinco meses de salários em atraso.

A Messa, por decisão do Conselho de Ministros, será vendida à Centrel, que procederá à sua reconversão.

Concentração esta tarde em S. Bento

Esta tarde, trabalhadores e seus representantes concentram-se a partir das 16 horas em S. Bento, numa acção de protesto «contra a repressão governamental», segundo anunciou o secretário da Coordenação das ORT's da Cintura Industrial de Lisboa (CIL).

O secretariado da CIL, que em comunicado se insurge contra a prisão de cerca de 300 sindicalistas, apenas «por exigirem ser recebidos pelo Primeiro-Ministro» apela à participação dos trabalhadores na concentração desta tarde, como forma de solidariedade para com todos os sindicalistas e trabalhadores em luta e sem salários.

«em duas palavrões»

● A CGTP acusou o Governo de ter recusado a hoje mais de 50 pedidos de audiência feitos por estruturas do movimento sindical e que «nem sequer tiveram resposta». A intersindical afirma em comunicado que é fundamental a sua acção de que «este Governo se encontra numa obstinada posição de recusa de diálogo com os trabalhadores».

● Devido ao temporal deste fim-de-semana, na região do Porto, foram adiadas para o próximo dia 14, às mesmas horas e partidas dos mesmos locais, as «marchas pelo pão, pelo trabalho, contra a carestia». Convoçadas pelo Movimento Sindical Unitário, estas marchas, segundo a USP, recolheram «o apoio dos trabalhadores e da população, bem expresso atra-

vés da adesão de 316 estruturas e organizações populares».

● O deficiente funcionamento dos Tribunais de Trabalho, que se caracteriza pela «ineficácia», segundo a União dos Sindicatos do Porto (USP), só beneficia o patronato. Para dar apenas um exemplo, a USP afirma que «existem casos julgados há oito anos, dos quais não é conhecida a sentença». A USP propõe-se actuar junto do Ministério da Justiça e do Conselho Superior da Magistratura, para que seja resolvida a situação.

● A lista afecta aos minoritários da CGTP venceu as eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Têxteis do Centro, tendo recolhido 1633 votos. Esta lista foi proposta pela actual direcção, cuja assembleia geral é presidida por Kalidás Barreto.

BFN

NOVA SEDE
AV. CASAL RIBEIRO

A partir de 2 de Abril
ao seu dispor na nova Sede:
Av. Casal Ribeiro, 59
1000 LISBOA
Telefones: 56 10 71-56 20 21



Banco de Fomento Nacional

Afirma Mário Soares

Estação de rastreio de satélites não irá para o Algarve

A estação de rastreio de satélites a montar pelos Estados Unidos em Portugal não irá para o Algarve, afirmou no sábado em Lagos o Primeiro-Ministro, Mário Soares, durante os trabalhos do Congresso de Turismo.

Instado pelos jornalistas, Mário Soares recusou-se a adiantar quaisquer pormenores sobre o assunto, ao passo que um semanário publicado no sábado em Lisboa precisava que a estação

deverá localizar-se perto de Portalegre. O anúncio, pela imprensa, da instalação da estação de rastreio em S. Brás de Alportel, motivou por parte dos autarcas da edilidade o pedido de uma audiência ao Primeiro-Ministro para que lhes fossem dados pormenores adicionais. Recordar-se que o presidente da Câmara, Carlos Bica, eleito nas listas do PSD, se tinha mostrado entusiasmado com a instalação do equipamen-

to, desde que não militarizado, por considerar que poderia constituir um pólo de atracção de interesse económico para o concelho.

A indefinição do local onde irá ser instalada a estação, depois de assinado na semana passada o acordo entre os EUA e Portugal, foi também, tema para o ministro da Defesa, Mota Pinto. A partida para a Turquia onde irá participar numa reunião da NATO, o vice-

primeiro-ministro sublinhou nada esta ainda definido sobre o local de implementação da estação de rastreio, e que este tema seria objecto de uma discussão técnica. Só após estas «démarches» será determinada a zona do País mais adequada. No entanto, informações do Palácio das Necessidades, dão como certa a instalação da estação americana no sul de Portugal, provavelmente no Alentejo.

Secretário de Estado das Florestas:

“Há 1,2 milhões de hectares por aproveitar em Portugal”

O secretário de Estado das Florestas afirmou este fim-de-semana na Guarda que cerca de 1,2 milhões de hectares de terreno não são aproveitados em Portugal, se bem que a sua vocação seja a floresta.

Acompanhando os ministros da Indústria e da Agricultura, Azevedo Gomes disse ainda que, em sua opinião, «O País não é pobre, mas desleixado no aproveitamento dos seus recursos». Deu um exemplo: o sector florestal, que é excedentário e pode contribuir para obtenção de capital próprio.

A obtenção de receitas próprias foi, aliás, um dos aspectos

referidos pelo secretário de Estado das Florestas, que referiu a possibilidade de o sector florestal contribuir anualmente com três milhões de contos para o País.

Este membro do Governo defendeu a contribuição da floresta na produção e aproveitamento de energia «não poluidora» e explicou um programa de reflorestação de 150 mil hectares/ano, acentuando que «é preciso não ficar à espera que a Assembleia da República prepare as leis para depois haver dinheiro».

O ministro da Agricultura, Florestas e Alimentação disse, por seu turno, haver necessidade «de se conceber um complexo industrial para a diversificação das li-

nhas de aproveitamento agro-industrial» da região.

Soares da Costa, que se reuniu com agricultores do distrito da Guarda, preconizou o bom relacionamento entre as cooperativas e os agricultores e defendeu a existência de uma agro-indústria. Disse que começa a verificar-se «uma nova dinâmica na Direcção Regional da Agricultura da Beira Interior (DRABI), que até aqui não tinha existido», que o distrito é predominantemente agrícola.

Soares da Costa sublinhou ainda a importância da produção cerealífera da região e revelou esperar-se, na próxima época, um aumento da produção de centeio,

preconizando novo dinamismo para se produzirem outros tipos de pão.

O ministro defendeu o desenvolvimento do associativismo e a dinamização e reconversão tecnológica do sector do azeite, a intensificação da produção horticola e reconversão dos pomares, salientou ainda que o queijo da Serra da Estrela é um produto que possui já um valor de produção da ordem dos milhões de escudos, pelo que se impõe a urgente demarcação da área de produção — política que o Governo pensa seguir também em relação aos vinhos, estando a preparar legislação para se demarcarem futuras zonas.

Abaixo assinado entregue

em Belém e S. Bento

Atitudes racistas motivam protesto

Um documento em defesa dos imigrantes africanos em Portugal, subscrito por 653 personalidades de diversas nacionalidades, acaba de ser enviado aos presidentes da República e da Assembleia da República, ao Primeiro-Ministro, ao secretário de Estado da Cooperação, à Comissão das Nações Unidas dos Direitos do Homem e ao Corpo Diplomático Africano no nosso País.

Depois de referir «que a situação de crise que ora se vive é propícia a atitudes de perseguição racista e de indolência chauvinista, num ambiente que os imigrantes portugueses, infelizmente, tão bem conhecem nos países onde labutam», o documento recorda que «a ainda recentemente uma notícia inserida no «Correio da Manhã», posteriormente aprofundada em reportagem no semanário «Expresso», revelava que teria sido morto, em circunstâncias estranhas não totalmente esclarecidas, no posto da GNR de Miratejo, com claros indícios de espancamento, o cidadão cabo-verdiano João Ângelo de Moraes, sobre o qual não há conhecimento de má conduta social e moral».

Para além do facto acima referido, subscritores do documento consideram particularmente grave «o tratamento que alguns órgãos de informação conferem às ocorrências que envolvem cidadãos de origem africana — em especial da comunidade cabo-verdiana — dando expressão a preconceitos raciais e assim contribuindo para alimentar um clima de animosi-

dade aos africanos residentes em Portugal».

«Este tipo de manipulação — acrescentam — contribui, obviamente, para conferir aos africanos o papel de «bodes expiatórios» da crise social existente, dando cobertura a atitudes deliberadamente racistas que se traduzem já no aumento da expulsão de africanos residentes e, mais particularmente, nos ferimentos causados por disparos de armas de fogo sobre transeuntes africanos em Moscaverde, no Largo do Rato e na Avenida da Liberdade, em Lisboa».

Estes e outros casos que, ultimamente, se têm verificado, indiciam, conclui o documento, «a existência de tensões de natureza persecutória, que levam os abaixo-assinados a alertar a opinião pública e as autoridades portuguesas, bem como o corpo diplomático africano acreditado em Portugal para a necessidade de se tomarem providências imediatas no sentido de prevenir situações que, estão convencidos, «não são desejadas pelo povo português nem pela comunidade africana».

Entre os subscritores portugueses do documento contam-se Rui de Carvalho, Sérgio Godinho, Baptista-Bastos, Acácio Barradas, Isabel Joyce, Mário Tomé, Jorge Palma, Aires Rodrigues, Luís Alberto Ferreira, eng. Arsénio Nunes, John Oppenheimer (professor do Instituto Superior Técnico), Sérgio D'Espiney e a Comissão da Comunidade Portuguesa da Holanda.

Angolano apareceu morto numa pensão do Porto

O empregado de balcão (angolano) Serafim Jesus Vieira Lopes, de 28 anos, que estava hospedado numa residencial da Rua Dr. Alves da Veiga, no Porto, faleceu ontem de manhã, no Hospital de Santo António, onde havia dado entrada na madrugada do dia anterior, em estado de coma, devido ao facto de ter um projectil alojado na cabeça.

Serafim Lopes vivia na referida pensão com a empregada de mesa Maria dos Prazeres Assunção, de 22 anos, que afirmou

às autoridades tratar-se de um suicídio: «ele estava um pouco embriagado e pôs-se a brincar com a pistola, que a dada altura se disparou».

Crime ou suicídio? A dúvida subsiste até ao conhecimento do resultado da autópsia, a efectuar, provavelmente hoje, no Instituto de Medicina Legal, onde o cadáver já se encontra depositado. Depois caberá à Polícia Judiciária investigar ou arquivar o processo, conforme o resultado.

tuar, provavelmente hoje, no Instituto de Medicina Legal, onde o cadáver já se encontra depositado. Depois caberá à Polícia Judiciária investigar ou arquivar o processo, conforme o resultado.

ouro

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS

• COMPRA A P/ PAGAMENTO. •
das 10 às 12 h. e das 14 às 18 h.

Av. Alameda da Rainha 175 1.º (junto ao IMPERIO)
VICTOR - telef. 53 82 20

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 14.º JUÍZO ANÚNCIO

P.º n.º 5866

2.ª Secção

EXECUÇÃO SUMÁRIA

No dia 13 de Abril de 1984, pelas 11 horas, no 14.º Juízo Cível desta comarca, nos autos de Execução Sumária que ELFE — Empresa Comercial e Industrial de Automóveis e Acessórios, Lda. move a MANUEL ANTÓNIO GARCIA ALVES Lda. com sede na Rua Maria Pia, n.º 185-A, Lisboa e Outro, há-de ser posto em praça, pela segunda vez, para ser arrematado pelo maior lance oferecido acima de metade do valor indicado no processo — 90 000\$00 —, veículo automóvel Peugeot 404, caixa fechada, de categoria ligeiro-misto, de matrícula GA-53-01, do ano de 1972.

Lisboa, 26/3/84

O Juiz de Direito,

a) Abílio Maria Peres

O Escrivão Adjunto,

a) Adérito A. Fernandes

«D.L.» — 2/4/84 — 1.º Pub.



O serviço que faz girar o mundo dos seus negócios.

Você precisa de enviar urgentemente:
um documento, uma amostra,
uma peça sobresselente...
... a uma sucursal, a um cliente?

A solução está no serviço
EXPRESS MAIL.

Informe-se nos CORREIOS



Anula o tempo e a distância.
Expressamente.

de ontem para hoje

Apareceram dois cadáveres em S. Domingos de Rana

A Polícia Judiciária procura descobrir a causa da morte de dois homens, cujos corpos encontrados a poucos metros um do outro, num troço descampado, entre Zambujal e S. Domingos de Rana, na Linha do Estoril. As vítimas, que não apresentavam sinais exteriores de violência, foram identificadas como sendo Norberto Rodrigues Bento, de 48 anos, que residia em Tires, e Manuel de Jesus Ramires Ferreira, de 24 anos, com morada no Estoril. Os corpos foram transportados para o Hospital de Cascais, onde irão ser autopsiados.

Os «segredos» de Margarida Botelho

A jornalista Margarida Botelho acaba de lançar o livro «Segredos da Minha Mãe», no qual compila uma série de «receitas» tradicionais dedicadas à beleza feminina. É um trabalho deveras original, em que Margarida Botelho recorre à memória da experiência feita de sucessivas gerações, procurando dar à mulher dos nossos dias o direito à saúde e à beleza, sem o recurso a produtos caros e sofisticados. Em jeito de introdução, Margarida Botelho lança um alerta às suas leitoras, ao escrever: «Desconfie



de um tratamento que é bom para todas. Geralmente não faz bem a ninguém».

Companhia de Engenharia 2491

Elementos da Companhia de Engenharia 2491 (que serviram em campanha em Angola) vão reunir-se num almoço de confraternização a realizar em dia a designar de Junho próximo, na Casa do Alentejo. Para contactos: José Augusto (243 47 82, Lisboa), Luís Bernardino (85 55 96, Lisboa), Guedes (57 97 71, Porto) e Adriano 23075/6, Beja).

Condenados três incendiários

Acusados de terem atado, durante o Verão de 1983, vários incêndios em florestas das regiões de Penaverde e Fornos de Algodres, dois homens foram condenados no Tribunal de Trancoso. José Ferreira Gonçalves e José Carlos Abade, que tinham sido detidos em flagrante delito pela GNR, sofreram as penas de três anos de prisão.

Duas crianças atropeladas em Braga

Duas crianças foram atropeladas mortalmente no distrito de Braga. Suzana Cristina Rodrigues, de cinco anos, e Ricardo António Peixoto, de três anos, foram colhidas respectivamente na estrada de S. Paio de Merelim, em Vila Verde, e na Freguesia de Figueiredo.

Rapariga violada na Pontinha

Três indivíduos, de idades compreendidas entre os 30 e os 35 anos, assaltaram na sexta-feira à tarde uma residência na Pontinha, levando trinta contos e violando uma rapariga de quinze anos. A vítima, que foi ameaçada com uma pistola e uma navalha, encontrava-se sozinha em casa, uma vez que os pais e o irmão estavam ausentes no trabalho.

Fogos reais na serra da Lousada

De hoje a quarta-feira e respectivamente das 10 às 24 horas, das 7 e 30 às 18 e das 7 e 30 às 14, o Regimento de Artilharia da serra do Pilar vai realizar exercícios de fogos reais na zona da serra da Lousada, delimitada pelas povoações de Rio Mau, Midões, Canelas, Figueira, Santa Comba Dão, Sernade e Sernada.

Confronto sangrento em Barcelos

No confronto entre vários elementos da mesma família, registado em Barco, nos arredores de Barcelos, devido a uma herança, um homem morreu e cinco pessoas ficaram feridas por disparos de uma caçadeira empunhada por Manuel de Jesus Abreu Miranda, de 33 anos. O morto foi identificado como sendo Manuel Joaquim Esteves Faria, de 57 anos. O agressor foi detido pela GNR.

Garoto afogado em Varzim

Ao procurar apanhar um ramo, que se encontrava pendente sobre o leito do rio Cavaleira, nos arredores da Póvoa de Varzim, um garoto de seis anos caiu à água e morreu afogado. Uma irmã de nove anos do pequenito Rui Manuel Silva Cruz ainda se atirou à água para o salvar, mas a força da corrente malogrou os seus intentos.

Apreendidas cinco toneladas de frango

A Guarda Fiscal apreendeu em instalações frigoríficas na Avenida Infante D. Henrique, em Lisboa, cerca de cinco toneladas de carne de frango avaliadas em 1450 contos. Ainda no âmbito da sua acção fiscalizadora a GF apreendeu, por outro lado, também na região da Grande Lisboa, sete máquinas de jogo, tipo «Flipper», quatro máquinas tipo «Slot Machine», e vários electrodomésticos, tudo no valor de 4500 contos.

Falsas promotoras de louça de Sacavém

Três mulheres de meia-idade, que se faziam passar por promotoras de louças de Sacavém e de detergentes, burlaram em cinco contos a doméstica Maria Albina Pereira Marques, residente em Oeiras. As três burlonas, que ofereceram à sua vítima alguns sacos de detergente, apresentaram catálogos com várias peças de louça e receberam o dinheiro como adiantamento das peças escolhidas pela «cliente», não deixando, no entanto, qualquer documento.

Promessa de Veiga Simão feita na Guarda:

Plano de modernização da indústria será anunciado até fins de Junho

O Governo deverá anunciar até fins de Junho o plano de reconversão e modernização da indústria portuguesa — admitiu o ministro da tutela ao concluir uma visita de dois dias à Guarda, onde se reuniu com autarcas e industriais do distrito, por sua própria iniciativa.

Aludindo às condições da indústria nacional face à entrada de Portugal na CEE, Veiga Simão defendeu a urgência da sua modernização e reconversão com vista ao desenvolvimento do País.

E foi sobretudo de desenvolvimento que o ministro da Indústria, Energia e Exportação falou, com autarcas e industriais da região, nesta sua deslocação à Guarda, por cujo círculo, de resto, foi eleito deputado à Assembleia da República na lista do PS. Referindo-se ao sector técnico de desenvolvimento, Veiga Simão sublinhou que «a Europa está velha em termos tecnológicos relativamente aos Estados Unidos e ao Japão».

O ministro da Indústria, Ener-

gia e Exportação defendeu a criação de núcleos no interior que englobem a informática, biotécnica, a meteorologia e a electrotécnica, entre outros sectores, com vista ao desenvolvimento, bem como formas de apoio ao artesanato, tendo para o efeito preconizado a criação de uma comissão para estudo ao desenvolvimento desta actividade. A comissão a formar será coordenada através do Governador Civil da Guarda.

Depois de defender que o desenvolvimento do interior «deve ser uma das prioridades», expressou a opinião de que «há dinheiro mal gasto, quer em empresas públicas quer em empresas privadas».

Cinco seminários sobre desenvolvimento

O Ministério da Indústria vai investir no distrito da Guarda cerca de 100 milhões de escudos com vista à investigação e realização de estudos nas empresas

para fins de poupança de energia.

Daquela verba, cerca de 33 milhões de escudos vão ser dados a fundo perdido, a empresas que queiram realizar estudos para promover a poupança de energia, que o ministro disse ser um «bem caro e dispendioso».

Veiga Simão, que considerou as indústrias agro-alimentares e florestais como prioritárias para o desenvolvimento da área interior do País, principalmente a Guarda, adiantou ainda medidas de apoio com vista ao desenvolvimento e investigação técnica para o distrito avaliadas em 850 milhões de escudos, aproximadamente.

A verba engloba os sectores de energia de biomassa e solar, prospecção e intensificação de descoberta de recursos minerais, desenvolvimento industrial, apoio aos parques industriais de Guarda e Gouveia, formação de 50 jovens em tecnologia de informática e computadores, apoio ao artesanato e acções de informação.

A propósito Veiga Simão disse que vai ser iniciado em 1985, o aproveitamento do curso do Rio Coa para fins hidroeléctricos e considerou que «não se devem criar parques industriais que fiquem desertos e que desgostam as populações».

O ministro que nesta sua deslocação foi acompanhado pelo titular da Agricultura, Soares Costa, referiu que o apoio às pequenas e médias empresas vai ser discutido a nível nacional e no âmbito da «concertação social».

Depois de considerar que governar é sobretudo ouvir «dialogar e decidir com autoridade», anunciou a realização de cinco seminários até fins de Junho no distrito da Guarda para analisar problemas de desenvolvimento.

Os trabalhos, a organizar pelas Câmaras Municipais e Governo Civil terão a colaboração do Ministério da Indústria e da Agricultura e englobam as localidades de Guarda, Seia, Gouveia e Celorico da Beira.

«O tiro saiu pela culatra»

AD já não abandona Câmara de Famalicão

PORTO, 2 — «Isto foi mais um tiro saído pela culatra», dizia-nos ontem uma fonte próxima da Câmara Municipal de Famalicão a propósito da tentativa dos quatro vereadores da ex-AD (dois do PSD e dois do CDS), como o «DL» noticiou no último sábado, fazerem cair a edilidade famalicense, liderada pelo socialista Agostinho Fernandes.

Os quatro vereadores (Virgílio Costa e José Bilhoto, do PSD, e Silvino Silva e José Azevedo, do CDS) tinham enviado cartas individuais ao presidente da Câmara pedindo a suspensão dos seus mandatos por 30 dias, invocando razões diversas e todas de natureza pessoal, como o «DL» também referiu.

Todavia, dizia-nos a mesma fonte, «só quem for ingénuo ou quem desconheça totalmente o que se tem passado nesta Câmara pode acreditar que as razões de tudo isto não são sobretudo políticas».

Com quatro vereadores do

PS, incluindo o presidente, quatro da AD e um da APU (este último, como independente, a advogada Margarida Malvar), a saída em bloco da AD («é, como AD que esses quatro vereadores funcionam no executivo», dizia-nos outro famalicense) podia criar sérias dificuldades à equipa do dr. Agostinho Fernandes, cuja acção à frente da Câmara é considerada «muito positiva pela generalidade da população do concelho», ainda de acordo com o que ouvimos em Famalicão.

Recorde-se, a propósito, o facto que o «DL» noticiou em primeira mão, em Setembro último, a poucos dias das comemorações oficiais do 5 de Outubro em Famalicão, quando os mesmos vereadores, em reunião efectuada na sede local dos centristas, também já se preparavam para abandonar em bloco o executivo, comprometendo as próprias comemorações e a homenagem nacional a Bernardino Machado.

«Tem sido sempre assim, tentam criar dificuldades à direcção do dr. Agostinho Fernandes, ainda que, publicamente, esses vereadores da AD tentem sempre fazer acreditar no contrário», dizia-nos, por seu turno, um jornalista famalicense.

Mas as coisas parecem ter já (porenquanto...) serenado. Logo que este caso da suspensão dos mandatos começou de novo a ser comentado em Famalicão e abordado na imprensa, um dirigente local do PSD, o vereador Virgílio Costa («próspero vendedor de casas», disseram-nos) apressou-se a fazer públicas declarações «para esclarecer afirmações menos correctas» e garantir que não tinha «a mínima intenção de abandonar a vereação da Câmara Municipal».

«Ao fim dos 30 dias necessários aos seus afazeres profissionais», acrescentava Virgílio Costa, «regressará ao seu pelouro camarário» (no caso, o do turismo). Quanto ao facto de

todos os vereadores da AD terem escrito cartas iguais ao presidente da Câmara solicitando a suspensão dos seus mandatos, Virgílio Costa não esteve com meias-palavras: «Coincidência, pura coincidência».

Virgílio Costa acrescenta mesmo que «pensamos que a Câmara tem funcionado bem», que «tem havido consenso» e que, inclusivamente, defende que «deve haver concertação entre o PS e o PSD na gestão dos interesses do concelho».

Apesar disso, um famalicense também por nós contactado mostrou-se menos optimista: «Esta Câmara tem boa imagem entre a população, mas não tarda que os vereadores da AD renovem os seus esforços para a fazer cair, ou para alterar em seu favor o modo como algumas coisas funcionam na Câmara de Famalicão...»

José Gomes Bandeira

APU consegue maioria absoluta na Freguesia de S. Pedro da Cova

A APU conseguiu a maioria absoluta nas eleições ontem realizadas para a Assembleia de Freguesia de S. Pedro da Cova, conselho de Gondomar, passando de 8 para 13 mandatos num total de 19.

Estas eleições foram provocadas pela demissão conjunta dos vogais do PS e do PSD, partidos que perderam agora 3 e 2 mandatos, respectivamente.

Em número de votos válidos entrados nas urnas, as diferenças verificadas foram as seguintes: a APU passou de 3 086 para 4 379; o PS de 2 766 para 1 524; o PSD de 1 547 para 761; o CDS (que já não tinha qualquer mandato) de 290 para 169.

A propósito desta espectacular subida da APU, uma nota da Coor-

denadora da APU da Freguesia de S. Pedro da Cova refere que a vitória ontem obtida «exprime o apoio popular crescente ao trabalho abnegado, competente e isento dos eleitos da APU, mas exprime também o claro apoio popular à orientação da Aliança Povo Unido, que assenta na permanente defesa dos interesses das populações e do Poder Local democrático e no intransigente combate pelo Portugal de Abril».

Por seu lado, um comunicado do PCP diz que «os resultados de S. Pedro da Cova exprimem com clareza, que a população condenou firmemente as manobras antidemocráticas conduzidas contra a gestão da APU pelo PS, levando a reboque o PSD».

SNORISSIMO
BAR - RESTAURANTE
AGORA EM LISBOA

ALMOÇOS
JANTARES
E CEIAS
DAS 11 H. ÀS 02 H.

COZINHA: PORTUGUESA
FRANCESA
MARROQUINA
(COUSCOUS)

TRAVESSA ANDRÉ VALENTE, 8
TELEFONE 32 89 20 — 1200 LISBOA
(À CALÇADA DO COMBRO)

1º de Maio na URSS

Viajem especial visitando MOSCOVO/LENINEGRADO/MINSK/KIEV

De 25 de Abril a 8 de Maio, incluindo
- pensão completa; todas as excursões locais
- visitas sociais garantidas (2 no mínimo)
- 1 espectáculo
- jantar de despedida

Só esc.: 72 500\$00 Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv. Op. 414

Em BUARCOS o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA SATELITE

Acordo na CEE sobre preços agrícolas

Os ministros da Agricultura dos «Dez» firmaram no sábado de manhã um acordo definitivo sobre os preços agrícolas para a campanha 1984-85 e sobre a reforma da política agrícola comum na véspera da abertura da nova campanha, que começou com o mês de Abril. Os termos do acordo foram anunciados por Michel Rocard (França), presidente em exercício dos «Dez», durante uma conferência de imprensa dada no termo do Conselho.

Os membros da Comunidade votaram, por unanimidade, a favor da maior parte dos regulamentos agrícolas — cerca de 70, no total relativamente aos quais eram convidados a pronunciarem-se. Só a Grécia votou contra quatro medidas, no sector dos frutos e legumes.

O acordo dos Dez foi conseguido depois de 18 horas ininter-

tas de negociações, graças a uma importante concessão a favor da Irlanda. Dublin considera que o aumento da sua produção de leite é vital para a sua economia e fica isenta do sistema de quotas que penalizam os excedentes.

A Irlanda será, assim, autorizada a aumentar a sua produção deste ano em 245 mil toneladas, ou seja 4,7 por cento, enquanto nos outros países da CEE ela deverá diminuir, dos 103 milhões de toneladas, em 1983, para 99,7 milhões em 1984-85. Depois de ter sido resolvido o problema do leite irlandês, os Dez tiveram de fazer concessões à Itália e à Grã-Bretanha no sector da carne de bovino, para permitirem que se chegasse a um acordo.

Pela primeira vez na história da CEE, o acordo prevê uma diminuição média dos preços em 1

por cento, para a campanha 1984-85.

Esta medida, bem como o conjunto da reforma agrícola decidida pelos Dez, foi imposta pelo esgotamento dos recursos financeiros da Comunidade e pelo desenvolvimento dos excedentes, que são cada vez mais difíceis de escoar nos mercados.

A partir de agora, o rendimento dos agricultores europeus deixará de ser garantido de maneira limitada quando produzirem em excesso.

Contudo, só os agricultores alemães, holandeses e britânicos conhecerão em 1984-85 uma ligeira baixa dos seus preços, em moeda nacional, enquanto em França o aumento será de 5 por cento e em Itália de 6,4.

Por outro lado, no que diz respeito a outros produtos excedentários — como o trigo duro ou o gi-

rassol —, são introduzidos limites de garantia (níveis de produção que, uma vez ultrapassados, levam à aplicação de uma penalização aos agricultores, em matéria de preços).

O acordo prevê, também, o desmantelamento, em três etapas, dos montantes compensatórios monetários (MCM) positivos holandeses e alemães-federais, que encorajam as exportações agrícolas da RFA. A partir da próxima semana desaparecerão 4 pontos dos montantes compensatórios positivos, visto que serão convertidos, nos países com moeda fraca, em «MCM» negativos, e suprimidos imediatamente. No dia 1 de Janeiro de 1985 serão desmantelados outros 5 pontos de «MCM» positivos alemães.

Assim, o fosso monetário entre a RFA e a França será reduzido em dois terços.

em duas palavras

VERBAS PARA O CACHÃO, no sentido de aplicar o acordo de saneamento económico e financeiro do complexo agro-industrial transmontano vão ser em breve desbloqueadas, segundo informou em Bragança o deputado Duarte Lima, do PSD.

Aquele deputado encontrou-se com o presidente do IFADAP, Paulo Daniel, a quem expôs o problema referente também ao desbloqueamento das verbas atribuídas para o corrente ano ao matadouro agro-industrial do Cachão.

Duarte Lima declarou à ANOP que Paulo Daniel anunciara ir apresentar, ainda no decorrer desta semana, aos ministros da Agricultura e das Finanças um projecto de despacho conjunto pelo qual se atribuirá, para investir no matadouro do Cachão, a quantia de 390 mil contos.

...

O II CONGRESSO DO COMÉRCIO vai efectuar-se nos dias 17, 18 e 19 do próximo mês de Maio, em Lisboa, organizado pela Confederação do Comércio Português.

Subordinado ao lema genérico «Recuperar e modernizar o Comércio», o 2.º Congresso do Comércio destina-se a encontrar as propostas dos empresários comerciais para a recuperação e modernização das empresas e da actividade comercial.

...

OS VINHOS DA BACIA DO DOURO serão objecto de uma feira internacional que se celebra em Zamora, de 15 a 20 de Junho, organizada pelo Governo Regional de Castela e Leão, soube-se de fontes oficiais.

Nesta feira, a primeira do género, estarão presentes os vinhos de toda a Bacia do Douro, tanto da parte espanhola como portuguesa, alguns deles considerados dos melhores do mundo, como é o caso dos «Vega Sicilia» e dos Vinhos do Porto.

A feira terá um carácter internacional e profissional. Assistirão profissionais do sector de diversos países europeus, disseram fontes dos organizadores.

...

CRUZ VILAÇA E XAVIER DE BASTO foram os últimos oradores do Seminário sobre a CEE que foi organizado em Coimbra, na Faculdade de Economia. O prof. Cruz Vilaça substituiu Vítor Constâncio na exposição do tema «Política económica e monetária».

Xavier de Basto falou de política fiscal na CEE, especialmente sobre o valor acrescentado na Comunidade Económica Europeia.

O Seminário «Cinco Lições sobre a CEE» foi promovido pelo núcleo de estudos e formação económica dos estudantes da Faculdade de Economia.

Seminário sobre cooperativismo

Um seminário de dois dias sobre cooperativismo agrícola, em que participam cerca de uma centena de responsáveis locais, do continente e do estrangeiro, iniciou-se ontem em Ponta Delgada.

Na sessão de abertura do encontro o presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral defendeu a difusão e valorização do cooperativismo nas ilhas.

Para o chefe do Executivo regional o Cooperativismo «vale não apenas por ser um método eficaz de gestão de interesses»,

mas, sobretudo por permitir «dar expressão ao ideal de solidariedade».

Disse que o fenómeno cooperativo «tem raízes antigas» na região autónoma, opinando que as cooperativas perspectivam «um desenvolvimento humanista».

O seminário, a decorrer em Ponta Delgada, é o primeiro do género que se realiza nos Açores e tem como principais temas o cooperativismo agrícola nas ilhas e no exterior, nomeadamente na Suécia, sistemas de crédito e problemas da agricultura açoriana.

500 mil vacas a abater na Grã-Bretanha

O acordo concluído pelos ministros da Agricultura dos 10 sobre os preços agrícolas e a reforma da Política Agrícola Comum «é o mais duro desde a integração da Grã-Bretanha no Mercado Comum», em 1974, considerou, ontem, o Sindicato Nacional dos Agricultores Britânicos.

Este acordo, segundo Richard Butler, presidente do sindicato, vai ocasionar a falência de 10 000 produtores de leite britânicos e o abate de 500 mil vacas.

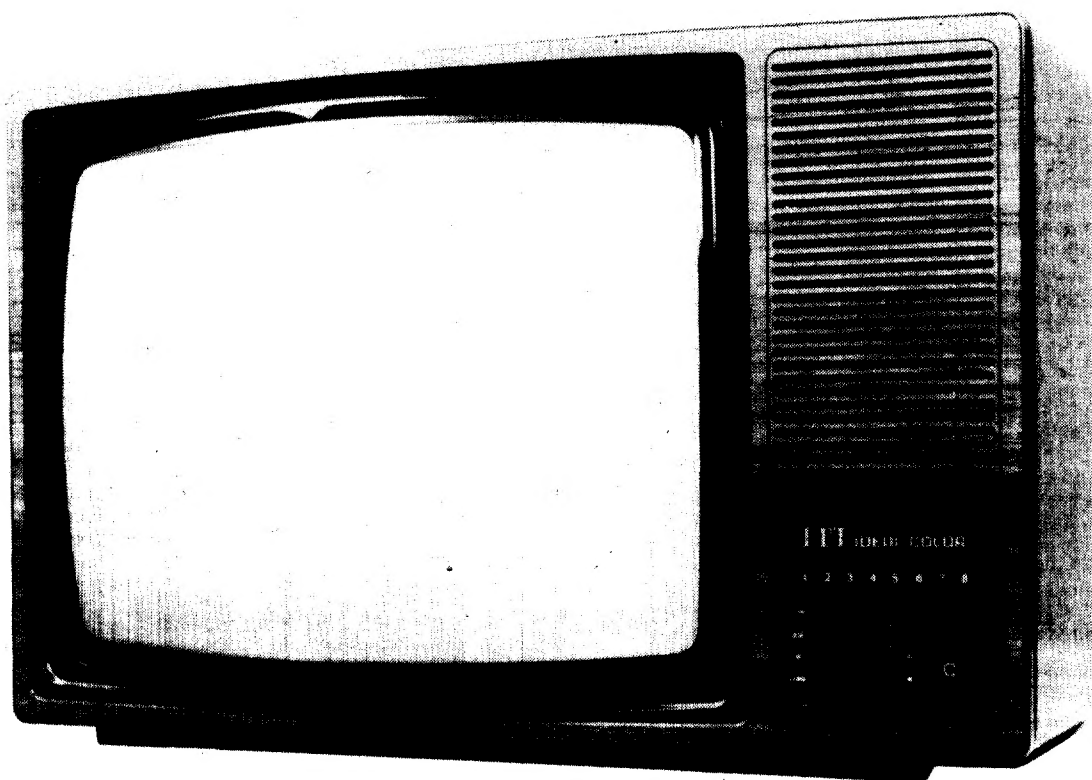
O presidente do Sindicato dos Agricultores irlandês, Joe Rea, considerou por seu turno em Dublin (República da Irlanda) que o acordo é «insuficiente». «Fez-se qualquer coisa, mas não chega», declarou.

O presidente dos Produtores de Leite irlandês, Sean Kelly, considera, também, que o acordo «não tem consistência».

ITT IDEAL COLOR

O PRESTÍGIO DA QUALIDADE

- Nitidez de imagem
- Tecnologia avançada
- Garantia de Assistência Técnica em todo o país



O Prestígio e a Qualidade têm o seu justo valor. E não se saldaram...

Standard Eléctrica, s.a.r.l.

uma associada portuguesa da

ITT

24 horas

Declarações de Savimbi

Jonas Savimbi, presidente da União para a Independência Total de Angola (UNITA — oposição armada ao regime de Luanda), reafirmou o seu «direito a uma total participação no processo de Paz em Ango-

la», considerando ao mesmo tempo que uma solução na Namíbia é impossível com a sua organização, anunciaram os órgãos de Imprensa sul-africanos.

Combates na Nicarágua

Vinte e quatro sandinistas, quatro soldados nicaraguanos e dois civis e dois civis miskito foram mortos na sexta-feira em violentos confrontos ocorridos no departamento de Zelaya, soube-se no domingo no Ministério nicaraguano da Defesa. Oito soldados sandinistas foram também feridos e três pessoas raptadas pelos anti-sandinistas durante os confrontos.

Confronto no Peru

Um enfrentamento entre uma patrulha do Exército peruano e guerrilheiros do «Caminho Luminoso» fez quarenta mortos, quarta-feira passada, nos arredores de Rosas Platas, na província de Huamanga, soube-se domingo em Ayacucho, capital da região, junto de forças policiais, dignas de fé.

Europa e Tortura

Doze países europeus, três deles membros da CEE — a Itália, a Grécia e a Grã-Bretanha em relação à Irlanda do Norte — são citados entre os Estados onde foram assinalados casos de torturas no relatório geral que a Amnistia Internacional publica na quarta-feira, por ocasião do lançamento da sua campanha de sensibilização contra a tortura. Além desses três países, o relatório menciona a Espanha e a Turquia e sete Estados da Europa de Leste (Albânia, Polónia, Roménia, URSS, Jugoslávia, Bulgária e Checoslováquia).

África do Sul-Suazilândia

O ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha, classificou as conversações de em Pretória entre o seu país e a Suazilândia de «mais um passo em frente no caminho da paz na África Aus-

tral». Chefia a delegação swazi ao encontro o chefe da diplomacia daquele reino, Richard Velape Dlamini, à cabeça de proeminentes figuras governamentais e da Casa Real.

Reféns da UNITA

As autoridades de Sófia pediram a libertação imediata dos cidadãos búlgaros capturados no passado dia 25 de Março no Sul de Angola pela UNITA (oposição armada ao regime de Luanda), anuncia a agência búlgara BTA. Segundo esta, os cidadãos búlgaros são em número de três.

«Verdes» europeus

Os representantes dos partidos e movimentos ecológicos de nove países europeus, reunidos no sábado em Liege (Bélgica) no primeiro congresso «Verde» Europeu adoptaram um «programa mínimo comum» com vista às eleições europeias de Junho próximo. Em conferência de imprensa, indicaram que defenderão uma «Europa das Regiões» uma «política económica e social ecológica», a «Paz» e o «Desarmamento» e a «partilha honesta da prosperidade do planeta com os povos do Terceiro Mundo».

ximo. Em conferência de imprensa, indicaram que defenderão uma «Europa das Regiões» uma «política económica e social ecológica», a «Paz» e o «Desarmamento» e a «partilha honesta da prosperidade do planeta com os povos do Terceiro Mundo».

EUA-Grécia

Conversações entre as autoridades gregas e o secretário norte-americano da Defesa, concluíram em Atenas com a afirmação oficial grega de que «não há problemas se os Estados Unidos encerrarem as bases que têm na Grécia». No fim de dois dias de negociações com o chefe do Pentágono, Caspar Weinberger, o ministro adjunto grego da Defesa, Antonis Drosos, salientou «a escassa importância que teria para a Grécia a retirada das quatro instalações militares que os Estados Unidos têm no país».

Países do COMECON

A situação económica melhorou em 1983 nos países membros do COMECON, indicou ontem o presidente do Instituto Vienense de Economia Internacional Comparativa (WIIW) professor Friedrich Levick. Segundo este, o

Produto Nacional destes países aumentou 3,7 por cento em 1983, contra 0,6 por cento em 1982. O relançamento moderado do crescimento deverá continuar até 1985, último ano do quinquénio em curso, segundo o «WIIW».

MOBÍLIAS — VENDEM-SE

Estilos: Inglês, D. Maria, Luís XV e XVI, Barroco, Renascença, D. José, D. João V, louceiros, estantes, armários de vidrinhos, papeleiras, cómodas, roupeiros, jogos de maples em veludo e em pele, etc.

Av. da República, 12 r/c (Perto do Saldanha)

Libano

Força Multinacional auto-dissolve-se

Os últimos 550 elementos do contingente francês na Força Multinacional no Líbano deixaram Beirute no sábado, após uma cerimónia de despedida a que assistiram dois membros do Governo francês.

Os ministros franceses da Defesa, Charles Hernu e dos Negócios Estrangeiros, Claude Cheysson, deslocaram-se para aquele efeito a Beirute, onde foram recebidos em audiência pelo presidente libanês Amin Gemayel.

Por outro lado, os efectivos norte-americanos e italianos que, após terem sido evacuados de Beirute, patrulhavam as costas libanesas receberam ordens para abandonar a zona.

A retirada do porta-aviões norte-americano «John F. Kennedy» das costas do Líbano para as suas posições habituais no Mediterrâneo foi anunciada sexta-feira em Washington pelo presidente norte-americano, que defendeu não ser já necessário aquele apoio ao Governo do presidente Gemayel.

Os três navios italianos que patrulhavam as costas libanesas receberam ordem do seu Governo para regressar à Itália.

O contingente italiano, integrado por 2.100 homens, tinha-se retirado das suas posições na capital libanesa no dia 23 de Fevereiro.

As nações aliadas (França, Grã-Bretanha, Itália e Estados Unidos) que integravam a Força Multinacional de Pacificação, enviada para o Líbano há 19 meses, anunciaram ao Governo libanês a dissolução da mesma.

O Alto Comité Político militar encarregado de supervisionar o cumprimento da trégua, formado por representantes do exército e das milícias cristã, chiita e drusa, reúne-se para ultimar as medidas destinadas à reabertura do porto e do aeroporto de Beirute, na próxima semana.

A saída do contingente francês do Líbano demonstra que os libaneses podem resolver sozinhos os seus problemas, afirma o jornal do PCUS, «Pravda», (citado pela ANOP).

Segundo o «Pravda», a retirada dos franceses, o último dos contingentes da Força Multinacional de Paz, que deixou o solo libanês, coincidiu com uma relativa acalmia que é consequência directa do fim da vergonhosa missão da Força Multinacional.

Segundo o jornal do PCUS, as perdas materiais e em vidas sofridas pelos participantes na Força Multinacional parecem infimas comparadas com a derrota política e suas consequências sofridas pelos Estados Unidos e seus aliados.

Entretanto, hoje a calma mantinha-se em todas as frentes de Beirute e da Montanha Libanesa, após a violação do cessar-fogo ocorrida durante o dia de ontem, domingo, indicou fonte militar libanesa.

Duros confrontos de artilharia opuseram ontem o exército libanês às forças antigovernamentais na Montanha, no sector de Souk El Gharb (10 km a Leste de Beirute) assim como nos subúrbios Sul, sem fazer vítimas, segundo a mesma fonte.

A calma regressou todavia ao cair da noite, em todas as regiões da capital e seus arredores.

Israel ataca

Pela primeira vez desde há vários meses, a artilharia israelita bombardeou no domingo à tarde posições detidas por organizações hostis a Israel na Bekkaa libanesa, controlada pela Síria.

Desde o seu recuo para a linha de Awali, em 4 de Setembro passado, o Exército israelita só intervinha através de operações aéreas e assaltos de blindados contra posições palestinas ou chiitas, aplicando uma tática chamada «ofensiva preventiva».

Os bombardeamentos de domingo «visaram duas posições que albergavam o quartel general de organizações terroristas», afirmou o porta-voz do Exército israelita em comunicado publicado em Telavive.

Segundo o comunicado, essa decisão foi tomada «devido ao recrudescimento dos atentados

anti-israelitas a partir do sector controlado pela Síria durante as últimas semanas — atentados que feriram oito soldados israelitas».

Síria-URSS

O presidente sírio, Hafez al-Assad, recebeu no sábado à noite o general Yachine, responsável pelos conselheiros militares soviéticos na Síria, indica fonte oficial.

O encontro decorreu na presença de Vladimir Yuchine, embaixador soviético na Síria, acrescenta a mesma fonte, sem fornecer pormenores do teor do encontro.

Revelações de Haig

O antigo secretário de Estado Alexander Haig afirma, nas suas memórias, que o presidente Reagan fez involuntariamente fracassar em 1982 um acordo para a retirada simultânea do Líbano da OLP, bem como das forças sírias e israelitas.

Neste livro de memórias, a ser editado em breve e de que o semanário «Time» publica de novo alguns excertos na sua última edição, Haig escreve que o acordo, negociado no início de Julho de 1982, e que teria, segundo ele, estabelecido as condições de paz no Líbano, tinha fracassado pelo facto de o presidente Reagan ter anunciado a sua intenção de enviar tropas de manutenção de paz para este país.

Com esta declaração infeliz, a atenção desviou-se durante vários dias cruciais, do esforço de paz e fixou-se pelo contrário nas consequências do envio de tropas americanas, sublinhou Haig.

Precisa que em Julho de 1982, após negociações intensivas, os sírios, a Organização de Libertação da Palestina (OLP) e os israelitas estavam dispostos a deixar simultaneamente o Líbano. O fecho de todo este acordo deveria ter sido a constituição de uma força internacional e não multinacional de manutenção da paz que Haig tinha discutido no maior segredo com a França.

“Golpe de estado civil”

Militar afastado

O presidente hondurenho, Rafael Ángel Fournier, de 58 anos, assumiu o sábado no que observadores consideram magistral, que podia ter falhado, com energia e talento. Como presidente constituinte geral das Forças Armadas, Roberto — apoiado pela Força Aérea — é em chefe das Forças Armadas, do seu titular, general de brigada Martínez, e do seu sucessor Estado-Maior Conjunto, general Abnedego Buesco Rosa. Pouco renúncias, fora anunciada a demissão das Forças de Segurança Naval, generais de brigada Daniel Ruben Humberto Montoya.

Os militares afastados eram da absoluta confiança de Alvarez Martínez, e motivo da sua ascensão rápida no âmbito do Governo constitucional liberal de Suazo Cordova, com quem parecia ter uma relação preferencial.

Segundo um comunicado oficial, a demissão do chefe das Forças Armadas foi resultado de uma reestruturação no exército determinada pelo presidente da República, e constitui uma consolidação do regime civil e democrático.

Minutos antes da leitura desse comunicado oficial, o embaixador norte-americano em Tegucigalpa, John Negro-

Chile às es

Uma série de atentados com explosivos contra postes de linhas de alta tensão privou de electricidade metade da população chilena, em Santiago e na região central do país, a partir das 21.00 locais de domingo (02.00 de segunda-feira, hora de Lisboa), segundo as agências.

As autoridades chilenas confirmaram o corte de corrente, atribuído a atentados por informações radiodifundidas. A distribuição de energia foi restabelecida uma hora e meia depois, no centro e em alguns bairros de Santiago.

Os atentados que estariam na origem da avaria foram reivindicados, em telefonemas feitos para a AFP e para outros órgãos de imprensa no Chile, pela «Frente Patriótica Manuel Rodríguez» (FPMR), uma organização clandestina que afirma não estar ligada a qualquer partido e cuja ten-

El Salvador

“Vitória” para Duarte na primeira volta

O Conselho Central Eleitoral de El Salvador anunciou os resultados finais das eleições presidenciais de 25 de Março que confirmam a vitória na primeira volta do democrata-cristão José Napoleón Duarte.

Napoleón Duarte conseguiu mais 14 por cento dos votos que o seu competidor mais directo, Roberto d'Aubuisson, de extrema-direita, mas não atingiu o resultado necessário para ser proclamado presidente, pelo que ambos irão enfrentar-se numa segunda volta.

Treino secreto em Inglaterra para militares iranianos

Pessoal militar iraniano treina-se secretamente na Grã-Bretanha no uso de sistemas anti-aéreos — revela o jornal dominical «The Observer», citado pela ANOP.

O periódico refere que as suas investigações revelaram que, pelo menos, 10 oficiais do exército iraniano estão a ser treinados pela firma «British Manufacture and Research Company» numa antiga base aérea da aviação britânica em Lincolnshire, no Leste do país.

Fontes do Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico manifestaram ter conhecimento da situação, que é aceite pela política do governo sempre que as armas fornecidas não sejam de fabrico britânico.

Habitantes da localidade próxima da base de treino informaram os jornalistas que os iranianos vivem ali desde Janeiro e que raramente abandonam o recinto.

Segundo o jornal, os oficiais iranianos recebem instruções sobre o manejo e disparo anti-aéreo «Skyguard» e de unidades de ra-

dar móveis.

Ontem alguns milhares de «Bassidj», os voluntários da «Fundação dos Desprotegidos» que constituem o grosso das forças iranianas, desfilarão em Teerão antes de partirem para a frente de combate.

Ao passar o 5.º aniversário que aprovou a criação da República Islâmica do Irão em 1 de Abril de 1979, os «Bassidj» participaram numa cerimónia à qual assistiram várias dezenas de milhares de pessoas.

Depois de terem recebido em Fevereiro a adesão de cerca de 250.000 voluntários, as autoridades fizeram agora novo apelo para que a presença de forças ao longo de toda a frente «permita atacar em qualquer momento e em qualquer local que sejam considerados oportunos», segundo a expressão do Hodjatolislam Hachemi Rafsanjani, representante do Imã Khomeini no Conselho Superior Iraniano de Defesa.

Enquanto isto, a agência iraniana IRNA anunciou que a aviação iraniana derrubou dois aviões de

caça iraquianos nas últimas 48 horas — informou a agência de notícias iraniana IRNA.

A agência acrescentou que os aviões iraquianos foram derrubados pelos caças e a defesa anti-aérea iraniana, um deles na região de Fakkah e outro na zona de Kheibar.

Pela sua parte, a agência iraquiana de notícias INA informou que os caças bombardeiros iraquianos efectuaram 185 incursões aéreas contra concentrações de tropas iranianas a Este de Bassora e sobre duas cidades fronteiriças iranianas cujos nomes não especificou.

Finalmente, a Alfândega do Aeroporto Internacional John Kennedy, de Nova Iorque apreendeu 74 barris de fluoreto de potássio, elemento básico para o fabrico de gás nervoso, com destino ao Iraque — foi anunciado sábado.

Um porta-voz dos serviços de Alfândega confirmou a notícia e disse que a carga, de 500 quilogramas do produto, se destinava ao Ministério dos Pesticidas em Bagdade.

civil" nas Honduras

ares da linha dura ados pelo Presidente

Enho, um médico rural libe-
sábado o poder absoluto,
insideram manobra audaz e
falhado se não fosse con-
talento, escreve a ANOP.
stitucional e comandante
as, Roberto Suazo Cordova
érea - assumiu o comando
madas, com o afastamento
e brigada Gustavo Alvarez
cessor legal, o chefe do
general de brigada José
Pouco depois destas duas
da a demissão dos coman-
segurança Pública (Polícia) e
da Daniel Bali Castillo e
oya.

na ponte, disse que os Estados
Unidos não sabiam nada nem
esperavam uma crise como a
que vivemos hoje. Na cúpula
militar, parecia sábado que o
poder fora concentrado pelo
general Walter Lopez Reyes,
comandante da Força Aérea,
o único que não foi demitido
dos postos do alto comando.

O afastamento do chefe das
Forças Armadas hondureñas
e de três dos seus generais
superiores deveu-se a que o
exército não quer divorciar-se
perigosamente dos civis,
disse um membro da equipa
governamental, segundo a
ANOP.

Esse elemento da equipa

próxima do presidente Ro-
berto Suazo Cordova teve
papel preponderante em reu-
niões entre civis e militares e
pediu o anonimato, no comen-
tário que fez à situação vivida,
desde sábado, nas Honduras.

Desde há quatro meses -
disse - que o Alto Comando
Militar e alguns membros do
gabinete avaliavam a situação
nacional regional e interna-
cional, para que o país era
conduzido pelo chefe das For-
ças Armadas, general Gus-
tavo Alvarez Martinez.

A análise feita a esse nível,
acrescentou, levou em conta a
centralização do poder militar
pelo chefe das Forças Arma-
das, a sua apertada política de
segurança nacional aplicada
tacitamente, o seu fervoroso
interesse em tomar as rédeas
de todas as organizações de
massas e a sua oposição à
autocrítica dentro das fileiras
militares.

A certa altura chegou a
dizer-se que os civis tinham
pavor aos homens em uni-
forme, apesar das suas fileiras
serem alimentadas pelo pró-
prio povo, disse a mesma
fonte. Isso pesou muito, por-
que em caso de conflito inter-
nacional, a retaguarda estaria
nas mãos de gente receosa de
ter que apoiar aqueles que a
reprimiam por vezes sem
causa justificada.

Alvarez Martinez era presi-
dente da Associação para o
Progresso das Honduras
(APROH), em que se filiaram
empresários, estudantes,
operários, camponeses e pro-
fissionais, definidos e identi-
ficados previamente como anti-
comunistas.

A APROH patrocinou a to-
mada de organizações políti-
cas e sindicais e conseguiu
levar aos postos-chave os
seus membros.

Segundo a análise dos mili-
tares sobre a situação dos di-
reitos humanos no país, ainda
de acordo com a mesma fonte,
a política de segurança nacio-
nal «só servia para vulnerá-
-los».

Nessa análise, inclui-se o
estudo de casos de violência
política, o desaparecimento
de várias pessoas e o cresci-
mento «desmesurado» do
descontentamento popular
cada vez mais visível - disse a
fonte próxima de Suazo Cor-
dova.

No seu comentário, a fonte
deu a entender que foi dado a
Alvarez Martinez um com-
passo de espera para que as
coisas mudassem mas, como
nada sucedeu, «decidiu-se
pedir-lhe que renunciasse ao
cargo».

Os militares destituídos, in-
cluindo o general Gustavo Al-
varez, encontram-se na Costa
Rica onde receberam asilo

político.

Enquanto isto a Nicarágua
manifestou a esperança de
que as mudanças ocorridas na
estrutura militar hondureña
originem um «diálogo sério»
entre os dois governos.

O líder da junta sandinista,
Daniel Ortega, disse que o diá-
logo hondureño-nicara-
guense é necessário para que
nós, os centro-americanos,
demos resposta aos proble-
mas da região.

Ortega comentou a propó-
sito que deveria acabar o facto
de as Honduras continuarem a
impor-nos uma política de
confronto que provoca o der-
ramamento de sangue.

Por último a reestruturação
feita no sábado, no topo da
hierarquia das Forças Arma-
das Hondureñas não modifi-
cou em nada o calendário das
manobras militares conjuntas
americano-hondureñas.
Granadero Uno, que come-
çaram oficialmente no domingo.
Porém as manobras come-
çaram efectivamente no do-
mingo precedente quando as
primeiras unidades de 400
homens de engenharia nor-
te-americanas chegaram a
San Pedro Sula (240 km, a
norte de Tegucigalpa) a fim
de começarem as obras de
ampliação dos aeroportos de
Jamastram na fronteira com a
Nicarágua e de Cucuyagua, a
ocidente do país.

Mondale outra vez favoritonas sondagens

As sondagens atribuem vanta-
gem de sete pontos ao ex-vice-
presidente Walter Mondale para
as eleições primárias que se reali-
zam em Nova Iorque amanhã.

Mondale, o senador pelo Colo-
rado, Gary Hart e o pastor negro,
Jesse Jackson disputarão ter-
ça-feira os 252 delegados por Nova
Iorque à Convenção de Julho do
Partido Democrata em San Fran-
cisco. Esta será a segunda elei-
ção primária mais importante de-
pois da Califórnia para a escolha
do candidato do Partido às Presi-
denciais de Novembro próximo.

Segundo uma sondagem da
cadeia de televisão ABC e do jo-
rnal The Washington Post, Mon-
dale conseguiu nos últimos três
dias aumentar em um ponto a sua
vantagem sobre Hart, estando
agora a 39 e 32 por cento as suas
simpatias perante o eleitorado,
respectivamente.

Na mesma sondagem, Jack-
son recebeu 20 por cento, o que,
segundo os analistas, é resultado
da sua brilhante intervenção no
debate por televisão da semana
passada entre os três contendo-
res à nomeação democrata.

No sábado, apesar de não ter
ganho nenhuma das pequenas
eleições feitas, Mondale conse-

guiu aumentar o seu número de
delegados para a Convenção Na-
cional.

Realizaram-se sábado as con-
venções locais (Caucus) do Ken-
tucky (53 delegados em disputa),
em que mais de 60 por cento do
eleitorado optou por não compro-
meter-se. Contudo, 16,3 por cen-
to votou em Mondale, 11,4 em
Hart e 11,1 em Jackson.

Nas Ilhas Virgens, noutro Cau-
cus, Mondale e Jackson ficaram
quase iguais, tendo o primeiro
ganho a escolha de dois delega-
dos e o segundo a escolha de um
delegado à Convenção Nacional.

No Alabama, concluiu-se sába-
do a escolha de 62 delegados à
Convenção, depois das eleições
primárias do passado dia 13.
Mondale obteve o maior número
de delegados.

Nesta altura (tendo em conta
que a eleição terá que ser garanti-
da por 1967 delegados), Mondale
dispõe de 708, Hart de 436, e
Jackson, 94. Há mais de 300 não
comprometidos e 35 apoiam o
presidente da Câmara de Chica-
go, Harold Washington. No total,
a Convenção Democrata em San
Francisco reunirá 3933 delega-
dos.

Câmara de Munique nas mãos do SPD

Foi eleito ontem, em Munique,
um novo presidente do município,
Georg Kronawitter, que pertence
à principal formação da oposição
alemã-federal, o Partido Social-
Democrata (SPD).

No termo do escrutínio, em 903
das 923 assembleias de voto
Georg Kronawitter recebia 58,3
por cento dos sufrágios, contra
41,7 p.c. atribuídos ao seu adver-
sário, o presidente cessante,
Erich Kiesel, do Partido Cristão-
Social (CSU).

Georg Kronawitter volta assim

a deter o lugar que tinha abando-
nado em 1978, na sequência de
dificuldades internas no seu parti-
do. Na ausência de Kronawitter, o
SPD perdera o município de Mu-
nique, que detinha há muito tem-
po, em proveito de Erich Kiesel.

Georg Kronawitter já tinha ven-
cido Erich Kiesel durante uma pri-
meira volta, no passado dia 18 de
Março, ao obter 48,2 p.c. dos vo-
tos, contra 44,3 p.c. atribuídos ao
seu adversário. Os eleitores tive-
ram de voltar às urnas porque ne-
nhum dos candidatos conseguira
a maioria absoluta.

escuras contra Pinochet

dência política continua imprecí-
sa.

«Através desta acção, quere-
mos contribuir para o termo da di-
tadura militar» do governo do pre-
sidente Augusto Pinochet, decla-
rou, designadamente, o corres-
pondente. A FPMR já tinha reivin-
dicado no passado dia 22 de Mar-
ço uma primeira série de atenta-
dos que mergulhara a mesma re-
gião na obscuridade.

Enquanto isto um dos oito
agentes feridos sexta-feira no
atentado à bomba contra um au-
tocarro da Polícia em Santiago do
Chile morreu após internamento
no serviço de cuidados intensivos
de um hospital - confirmaram in-
formadores oficiais.

Também o cancionista peru-
ano Percy Arana, foi morto no sá-
bado a tiro pela Polícia chilena
quando o automóvel em que se-
guia ultrapassou uma barreira po-

licial sem respeitar as ordens de
paragem, informou a força de ca-
rabineiros.

O carro onde seguia, tripulado
por Marina Stager, foi intercepta-
do num local onde quatro horas
antes havia sido cometido o refe-
rido atentado «a bomba contra
um autocarro policial».

Por outro lado, o Comando Na-
cional dos Trabalhadores (CNT)
dirigido pelo sindicalista Rudolfo
Seguel, propôs no sábado que
seja criada uma «Comissão Pa-
triótica de Reconciliação Nacio-
nal» para estudar os meios para o
regresso da democracia ao Chile.

Porta-vozes do CNT declara-
ram à AFP que essa comissão se-
ria composta por personalidades
do mundo político, judicial, cul-
tural, científico e religioso e por re-
presentantes do Exército.

Por sua vez, Clodomiro Almey-
da, secretário-geral do Partido
Socialista chileno, declarou no

sábado em Madrid que estão reu-
nidas todas as condições para
uma greve geral no Chile.

Almeyda, antigo membro do
Gabinete do Governo de Salva-
dor Allende, participou na sexta-
feira à noite, em Barcelona, num
comício de solidariedade com o
povo chileno que contou com a
presença de 3000 pessoas.

Finalmente, uma remodelação
ministerial, ocasionada pelas de-
missões dos ministros da Econo-
mia e das Finanças, poderá ser
anunciada no início desta sema-
na, segundo rumores que circula-
vam com insistência no domingo
em Santiago.

Segundo fontes próximas do
governo, o ministro das Finanças,
Carlos Cáceres, e o da Econo-
mia, Andres Passicot, teriam
apresentado na quinta-feira a sua
demissão ao presidente Pino-
chet.

Granada

Os custos da invasão

A invasão de Granada pelos
Estados Unidos, em 25 de Ou-
tubro, custou aos contribuintes
norte-americanos mais de 75 mi-
lhões de dólares, para além das
despesas normais da operação -
reconheceu o Pentágono.

As despesas incluem os cus-
tos de transporte aéreo e mari-
timo dos «Rangers», pára-
quedistas e «marines», mas as
despesas maiores foram provo-
cadas pelos porta-aviões e pela
reparação e manutenção dos
navios utilizados no desembar-
que.

Estes números, porém, não
incluem o pagamento às tropas
nem o dinheiro destinado à sua
manutenção.

Simultaneamente, a adminis-
tração Reagan reafirmou que
não pagaria qualquer compen-
sação aos residentes de Gra-
nada cujos bens foram destruí-
dos durante o desembarque e
nos combates que lhe suceder-
am.

Enquanto isto, o governo inte-
rino de Granada está a constituir
um tribunal para julgar 20 pes-
soas, incluindo o político Bernard
Coard, pelo assassinio e conspi-
ração de há seis meses contra o
primeiro-ministro Maurice Bis-
hop.

Coard, sua mulher, Phyllis, e
outros acusados compareceram
já em tribunal para ouvir a acu-
sação contra eles formulada,
tendo a sua presença provocado
cenas de irritação por parte da
população, que apedrejou o au-
tocarro em que seguiam. A mu-
lher de Coard e uma polícia
foram feridas.

Entre os acusados, conta-se o
ex-comandante do Exército que
dirigiu a Junta Militar depois do
golpe contra Bishop, Hudson
Austin, e mais 16 membros da
Junta Militar Revolucionária.

Colômbia: acordo de paz entre o governo e as FARC

O presidente colombiano
anunciou domingo à noite que as
Forças Armadas Revolucioná-
rias da Colômbia (FARC) e o
Exército de Libertação (EPL) or-
denaram o cessar-fogo a partir
de Maio nas selvas da Colômbia.

O presidente Belisário Betan-
cur fez o anúncio via Televisão e
disse que o governo considera
que o acordo assinado quarta-
feira passada entre a Comissão
Nacional de Paz e o Comando
das FARC é uma contribuição
real para o sossego em vastas
comarcas colombianas e cria
factores objectivos que devol-
vem confiança para os nossos
compatriotas.

Segundo Betancur se o acordo
for cumprido com lealdade, sin-
ceridade e patriotismo, suscitará
uma ampla e criadora reconcilia-
ção nacional.

Por outro lado, afirmou o pre-
sidente colombiano, «apoiare-
mos como o temos feito até
agora as organizações campon-
esas e de indígenas e os pro-
gramas de desenvolvimento em
zonas rurais incomunicáveis e
afectadas pela violência, aten-
dendo às suas comunicações e
às suas exigências de serviços
de saúde, educação e emprego».

Segundo o acordo subscrito,
as FARC e o EPL ordenaram o
cessar-fogo e outros pormen-
os militares em todas as suas
frentes no país, a partir do dia 28
de Maio de 1984. E, ainda de
acordo com o texto, o cessar-
fogo será mantido indefinida-
mente se o senhor presidente da
República corresponder a este
gesto efectivo de paz com uma
ordem semelhante sua, dada a
todas as autoridades civis e mili-
tares.

Brasil: índios em pé de guerra

Centenas de índios da reserva
Xingu, armados de machetes,
preparam-se para a guerra e pe-
diram a cabeça do presidente da
sua associação.

Cansados de negociar a exten-
são das suas terras e enfurecidos
pela ausência, no sábado, do pre-
sidente da Associação Nacional
de Índios (FUNAI), Octávio Fer-
reira, os indígenas das reservas
do Estado de Mato Grosso po-
dem invadir a sede daquela Asso-
ciação em Brasília.

Com os corpos pintados em si-
nal de guerra, homens e mulhe-
res armados de machetes e lan-
ças custodiavam a lancha que une
as margens do rio Xingu e que se-
questraram juntamente com o ad-
ministrador da Reserva, Claudio
Romero.

Romero está preso desde o dia

21 na Tribo dos Txucarramae.
Convocados pelo deputado ín-
dio, Segundo Juruna, mais de
100 chefes indígenas vão reunir-
se hoje a outros 200 que já se en-
contram em Brasília e reclamar a
entrega da «FUNAI» aos próprios
indígenas.

CAVE — VENDO

BOA PARA INDUSTRIA
OU OUTRO RAMO, NOS
ANJOS, AMPLA 150 m² E
LOGRADOURO MAIS
100 m² QUE PODERA
SER COBERTO.
TEL. 84 63 85

Banco do Vaticano de novo na berlinda

Mons. Paul Marcinkus, presi-
dente do Instituto para as Obras
da Religião (IOR, Banco do Vati-
cano), recebeu uma das notifica-
ções judiciais enviadas no sá-
bado pelo juiz de instrução que
investiga um empréstimo con-
cedido pelo IOR a uma empresa
imobiliária italiana em 1972,
afirmaram no domingo vários
jornais italianos citados pela
ANOP e pela AFP.

O inquérito foi confirmado por
fonte judicial no sábado, mas a
magistratura continua a observar
a mais estrita reserva sobre o
caso de mons. Marcinkus.

No direito italiano a notificação
judicial («comunicação judicial»)
é o meio pelo qual o magistrado
avisa uma pessoa de que há um
inquérito em curso, sem qual-
quer pressuposto de eventual
culpabilidade.

Trata-se do segundo inquérito
aberto pela justiça italiana sobre
o IOR e o seu presidente.

(Em Julho de 1982 foi enviada
uma notificação idêntica a mons.
Marcinkus, no quadro do inqué-
rito sobre o Banco Ambrosiano.
Essa primeira notificação foi re-
jeitada pelo Vaticano devido à
imunidade diplomática de que

mons. Marcinkus goza).

O caso, que envolve o IOR e a
empresa imobiliária Italmobi-
liare, é de importância secundá-
ria. Segundo a Imprensa italiana,
o financeiro Carlo Pesenti obteve
em 1972 um empréstimo do IOR
de 50 mil milhões de liras (cerca
de 4 milhões de contos) para a
Italmobiliare. Mas em Julho de
1979 Pesenti anunciou à as-
sembleia de accionistas que o
reembolso devido se elevava a
160 mil milhões de liras (cerca de
13 milhões de contos) por estar
indexado pelo câmbio do franco
suíço, em subida vertiginosa
desde 1972.



DESPORTO

Rallye Internacional da Figueira da Foz

Temporal e muita lama não impediram nova vitória de Moutinho (R5 Turbo)

Protagonista de uma excelente prova, que dominou como quis de princípio a fim, face a um Joaquim Santos que deu tudo por tudo para se aproximar dele com o seu Escort RS, Joaquim Moutinho conquistou no Rallye Internacional da Figueira da Foz, disputado no sábado, a sua terceira vitória consecutiva desta época, abrindo as melhores perspectivas para o título de campeão nacional, que já se desenha nitidamente ao seu alcance.

No Grupo A a vitória pertenceu a Jorge Ortigão, num Toyota 1600 GT da equipa Tráfico-Salvador Caetano, enquanto Manuel Melo Breyner ganhou o Grupo N, completamente à vontade.

Ortigão foi de uma grande regularidade e pareceu sentir-se particularmente à vontade com a dureza da prova, factor que lhe permitiu pôr à prova a sua experiência, aliada à grande fiabilidade de um Grupo A que, estando ainda longe da sua máxima evolução, é mesmo assim já muito competitivo na sua categoria.

ETAPA DEMOLIDORA

Este rallye tinha apenas cerca de 423 km, ou seja, situava-se próximo do mínimo exigível para as provas de campeonato. Apesar disso caracterizou-se por uma dureza pouco habitual. De tal modo que dos 24 desistentes, nada menos que 14 ficaram logo no decorrer da primeira etapa. Buçaco-Penacova e Arganil seriam os pontos negros para a maioria destes concorrentes.

Na segunda classificativa (Buçaco-Penacova), ficaram pelo caminho António Segurado (transmissão), Fernando Simões, Lamy

Vicoso (acidente no final do Buçaco), Carlos Barreto, Joaquim Duarte, Jorge Ramos e Manuel Simas.

As duas passagens por Arganil deixaram pelo caminho mais 10 concorrentes: Faya Marinho, Manuel Costa, Eduardo Correia, José Luís Santos e Martinho Pereira, na primeira; Carlos Morna (motor partido), Frederico Ferreira, Pedro Sena (motor isolado), Leite Braga e Pedro Barajona, da segunda. Os restantes desistentes foram António Rodrigues, na Boa Viagem, «Ojuara», em Bidoeiro, Ivo Cruz, em Vilarinho-Lousã, João Paulo Cardoso e Manuel Cardoso, na Candosa, e Rogério Tavares, em Quiaios.

Claro que ao nível da organização da prova, a sua dureza também se fez sentir, tudo fica muito mais difícil, o que de certo modo veio a valorizar o trabalho positivo da equipa do Clube Automóvel do Centro.

O CONFRONTO ESPERADO

O confronto entre o Renault 5 Turbo da Renault-Galp e o Escort RS da Diabolique, e naturalmente o confronto entre Joaquim Moutinho e Joaquim Santos, dois grandes pilotos utilizando carros muito diferentes tanto em características como em possibilidades competitivas, era aguardado com interesse nos pisos de terra. Este rallye, pelas características das suas estradas era o primeiro desta época que permitiria fazer o contraponto à superioridade que o Renault 5 havia manifestado nos pisos de asfalto, onde se mostrou imbatível frente aos seus adversários. Só foi pena que António Rodrigues e o seu Lancia Rallye, o único carro capaz de interromper a série vitoriosa de Moutinho, tivessem abandonado logo nos primeiros quilómetros da classificativa da Boa Viagem.

Este piloto, que na véspera sofreu um acidente quando ao volante de um outro carro treinava o troço do Buçaco, alegou sofrer de uma lesão num pé que o impossibilitava de conduzir normalmente. O mau tempo que se fez sentir em todo o País, particularmente naquela região, tornou a prova bastante dura para pilotos e carros e, em princípio, pareciam criadas todas as condições para que Joaquim Santos pudesse, finalmente, bater o líder do campeonato.

Pouco depois de ter sido dada a partida para os primeiros concorrentes, na Figueira da Foz, começou a chover torrencialmente e toda a primeira etapa foi disputada sob estas duríssimas condições, com as estradas encharcadas e em muitos pontos cobertas de lama. Teoricamente eram as condições ideais para o Escort RS de Joaquim Santos e as piores para o Renault 5 Turbo de Joaquim Moutinho, mas o decorrer da prova viria a demonstrar que também nestas condições continuava a ser muito difícil aguentar o piloto e o carro da Renault-Galp, apesar de toda a voluntariedade de que deu provas Joaquim Santos, um piloto que, para além do mérito da sua categoria, revela também um notável espírito desportivo que o leva a lutar até ao fim e a não recorrer a desculpas quando não consegue vencer.

MOUTINHO DOMINOU SEMPRE

Se no primeiro troço de 9 km, na serra da Boa Viagem, os 11 segundos que Joaquim Moutinho ganhou a Joaquim Santos não constituíram surpresa, pois era uma prova totalmente em asfalto e favorável ao R5, o mesmo não pode dizer-se já do que aconteceu no Buçaco, onde, em 14,9 km de terra e asfalto, o piloto da Renault-Galp ganhou 15 segundos ao Escort da Diabolique e 42 ao de Carlos Bica, passando a comandar a prova com uma vantagem de 26 segundos sobre Joaquim Santos.

A classificativa seguinte — Bidoeiro-Vila Nova de Poiares — também em piso de terra e asfalto correu mal para Santos que gastou mais 1.15 que Joaquim Moutinho. Um erro da cronometragem em relação a todos os concorrentes, levou todavia a direcção da prova a anular esta classificativa.

Era porém nos 30,4 km de Arganil que tudo se decidia e Joaquim Santos lançou o seu ataque disposto a reduzir a diferença.



Joaquim Moutinho - Edgar Fortes (R5 Turbo)

Fez 23.27 contra 23.40 de Joaquim Moutinho, ficando apenas a 13 segundos do «leader» mas este não lhe deu tréguas e na passagem seguinte ganhou-lhe 37 segundos. Estas duas classificativas separavam a primeira da segunda etapa.

A partir daí Joaquim Moutinho foi aumentando a sua vantagem e chegou à neutralização, em Coimbra, completamente isolado, com 3 minutos sobre Joaquim Santos e 6.14 sobre Carlos Bica que era o terceiro, seguido de José Miguel, Jorge Ortigão e Ramiro Fernandes.

Confortavelmente instalado no primeiro lugar, com o seu principal adversário à vista e portanto em condições de ser facilmente controlado, o piloto da Renault fez o resto da prova num andamento claramente defensivo, o que permitiu a Joaquim Santos vencer as duas últimas classificativas que faltava disputar, em Quiaios e na Figueira da Foz. O campeão nacional ganhou 41 segundos nestas duas provas, o que não deu senão par reduzir um pouco a diferença nem representou qualquer ameaça séria para o vencedor.

RENAULT 5 TURBO SURPREENDEU

Embora sejam conhecidas as possibilidades competitivas do R5 Turbo ninguém esperava que se comportasse desta forma nos maus pisos, sobretudo na terra e na lama, que têm constituído o seu «calcanhar de Aquiles». Pelo menos teoricamente, o Escort RS ainda tinha possibilidades de vencer em tais condições desde que conduzido por um bom piloto como é Joaquim Santos. Mas a verdade é que todo o seu talento não chegou.

Ao contrário do que aconteceu no Rallye de Portugal, em que a equipa optou pelo motor de 295 HP, desta vez foi utilizado um dos motores iniciais de 265 HP que entretanto tinha ido para França

para ser trabalhado, voltando com mais cerca de 15 HP. No fim-de-semana anterior do Rallye Internacional da Figueira da Foz, Joaquim Moutinho procedeu a um trabalho exaustivo de experiências com o carro que incidiram especialmente sobre a suspensão. Os resultados foram altamente positivos parecendo ter sido encontrado o compromisso ideal.

«Este motor — diz Joaquim Moutinho — permite uma resposta mais pronta às solicitações de potência. Passámos a ter um carro sem o tempo de resposta que normalmente têm os turbo e que podemos guiar quase como se fosse um carro com motor atmosférico».

O problema do motor de 295 HP era que a sua potência surgia a um regime um pouco mais elevado, digamos que fora do momento exacto em que o piloto necessitava dela.

O próprio Joaquim Santos nunca contou com a possibilidade do seu adversário conseguir estas performances.

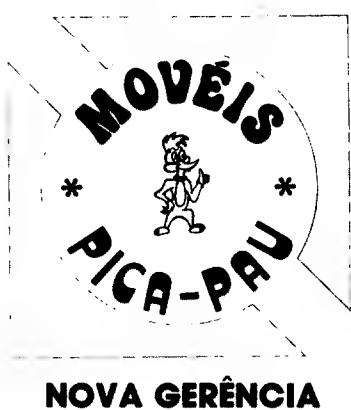
«Fiquei muito surpreendido com o andamento do Renault 5 Turbo, tanto mais no estado em que o piso se encontrava, especialmente em Arganil. É impossível batê-lo. Pelo menos nestas condições. E mesmo em seco estou convencido de que continuo a perder, embora talvez não perca tanto. Não há hipóteses de tirar mais do Escort. Andei hoje muito depressa. O mais que podia».

Claro que as coisas também não foram fáceis para o vencedor e Joaquim Moutinho não esconde essas dificuldades.

«Tivemos que andar sempre no máximo e arriscar muito. Como havia muita água e muita lama tínhamos sempre a possibilidade forte de sair da estrada, o que aliás aconteceu em Arganil. No entanto tudo correu bem. A assistência resolveu o problema rapidamente. Só faltou um bocadinho de plástico atrás».

Augusto Vilela

COMPRA A PREÇOS NOS LOUCOS



NOVA GERÊNCIA

SALÕES DE EXPOSIÇÃO (Fábricas Porto e Leiria)

AMADORA — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B — Tel. 945691
BAIXA DA BANHEIRA — R. P.ª António Vieira, 9 — Tel. 2041192
BARREIRO — Av. Miguel Bombarda, 158-A, 158-B — Tel. 2072224
MEM MARTINS — Rua Chaby Pinheiro, 8 e 12 — Tel. 9217294
LISBOA — Rua Luciano Cordeiro, 18-A — Tel. 41384
ALVERCA — 4-1000 — Rua Proj.ª Rua Brig.ª F. A. de Oliveira, 5, r/c

(AS NOSSAS LOJAS DA AMADORA E MEM MARTINS ESTÃO ABERTAS AOS SÁBADOS, ATÉ ÀS 19 HORAS)

LOJAS ASSOCIADAS

VILA FRANCA DE XIRA — R. Alves Redol, 80-B (Rua Principal)
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 — Codex 2800 — Tel. 2769001
ODIVELAS — Salão na Fábrica — R. Alfredo Ruas, 50 — Pedernais
Tel. 9810711 (a Ponte da Bica) Est. Odivelas — Caneças
PAIVAS — Estrada Nacional, 10 — Lote 30 (mesmo no extremo dos Paivas e a Cruz de Pau)
CASTELO BRANCO — Av. Nuno Álvares Pereira, Bloco-B (junto aos Bombeiros)
PORTO — Av. da Boavista, 1092 — Codex 4100 — Tel. 697447
COIMBRA — Av. Fernão de Magalhães, 60 — Tel. 26185

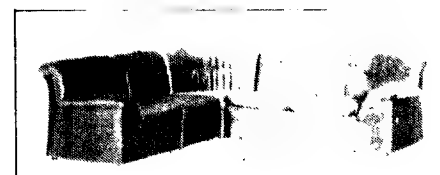
NOTE BEM: As lojas na Av.ª da Boavista 1092, no Porto e Av. Fernão de Magalhães, 60, em Coimbra, estão abertas das 9.30 às 21 horas, incluindo sábados



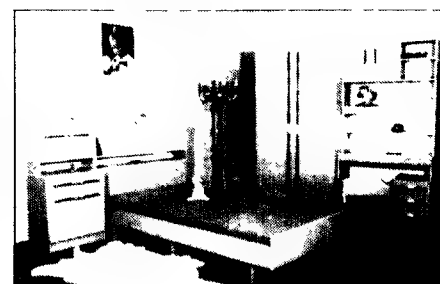
ESTANTES DE CANTO A PREÇOS LOUCOS



QUARTOS DE CASAL DESDE 14.500\$00



JOGOS DE MAPLES DESDE 13.000\$00



QUARTOS DE CRIANÇA DESDE 14.950\$00

MÓVEIS DE TODOS OS MODELOS

Classificativas

1.ª P.E.C. Boa Viagem (9,0 Km)

1. Joaquim Moutinho (R5 Turbo), 4.47; 2. Joaquim Santos (Escort RS), 4.58; 3. Carlos Bica (Escort RS), 5.13; 4. Ramiro Fernandes (Fiat Ritmo), 5.21; 5. António Segurado (Opel Ascona 2000 II), 5.22; 6. Borge Ortigão (Toyota Corolla 1600 GT), 5.25.

2.ª P.E.C. — Buçaco — Penacova-1 (14,9 Km)

1. Moutinho, 9.55; 2. Santos, 10.10; 3. C. Bica, 10.37; 4. José Miguel, 10.46; 5. Ortigão, 11.03; 6. Rui Souto, 11.13

3.ª P.E.C. — Bidoeira — V.N. Poiares (9,7 Km)

1. Moutinho, 14.36; 2. C. Bica, 15.35; 3. J. Miguel, 15.50; 4. Santos, 15.51; 5. Rui Souto, 15.53; 6. Ortigão, 15.56

Esta classificativa foi anulada

4.ª P.E.C. — Arganil-1 (30,4 Km)

1. Santos, 23.27; 2. Moutinho, 23.40; 3. C. Bica, 24.26; 4. J. Miguel, 25.26; 5. Ortigão, 25.41; 6. Rui Souto, 27.08

Classificação geral após a 5.ª P.E.C. (1.ª etapa)

1. Moutinho, 52.58; 2. Santos, a 1.28; 3. C. Bica, a 4.02; 4. J. Miguel, a 5.02; 5. Ortigão, a 6.36.

5.ª P.E.C. — Arganil-2

1. Moutinho, 24.27; 2. Santos, 24.50; 3. J. Miguel, 26.20; 4. Ortigão, 26.31; 5. C. Bica, 26.51

6.ª P.E.C. — Candosa-Góis (6,6 Km)

1. Moutinho, 5.00; 2. Santos, 5.05; 3. Bica, 5.19; 4. J. Miguel, 5.22; 5. Ortigão, 5.33

7.ª P.E.C. — Vilarinho-Lousã (13,5 Km)

1. Moutinho, 12.37; 2. Bica, 13.32; 3. J. Miguel, 13.41; 4. Ortigão, 14.14; 5. Santos, 14.47

8.ª P.E.C. — Lousã (10,5 Km)

1. Moutinho, 8.04; 2. Santos, 8.13; 3. Bica, 8.31; 4. Ortigão, 8.42; 5. J. Miguel, 8.46

9.ª P.E.C. — Buçaco-Penacova-2

1. Santos, 10.30; 2. Moutinho, 11.08; 3. C. Bica, 11.30; 4. J. Miguel, 11.34; 5. Rui Souto, 11.50; 6. Mello Breyner, 12.05

10.ª P.E.C. — Quiaios-Figueira da Foz (8,0 Km)

1. Santos, 4.23; 2. Moutinho, 4.26; 3. C. Bica, 4.43; 4. J. Miguel, 4.50; 5. Ortigão, 4.58.

Classificação geral final

- Joaquim Moutinho - Edgar Fortes (R5 Turbo), 1.44.04.
- Joaquim Santos - Miguel Oliveira (Escort RS), 1.46.23.
- Carlos Bica - Fernando Prata (Escort RS), 1.50.57
- José Miguel - Cândido Júnior (Escort RS), 1.52.39.
- Jorge Ortigão - João Baptista (Toyota Corolla 1600 GT), 1.54.35.
- Ramiro Fernandes - Cruz Monteiro (Fiat Ritmo 130 TC), 2.00.40.
- António Coutinho - António Silva (Toyota Corolla 1600 GT), 2.01.34.
- Artur Lemos - José Tavares (Toyota Starlet 1.3), 2.02.53.
- M. Mello Breyner - Miguel Villar (Audi 80 Quattro), 2.03.09.
- António Santos - Luís Pedro (Escort RS), 2.03.11.
- Rui Souto - Eduardo Cid (Escort RS), 2.03.49.
- Henrique Cunha - Carlos Mateus (Opel Manta, 2.0 e), 2.10.08.
- José Moreno - Martins Pereira (Opel Corsa 1.3), 2.11.02.
- António Lucas - Álvaro Rodrigues (Escort RS), 2.15.50.
- Artur Salreu - Joaquim Capelo (Opel Ascona 2.0 SR), 2.17.15.
- José Venâncio - Luís Nelas (Citroen Visa Chrono), 2.17.54.
- Emílio Coroa - António Cardoso (Opel Ascona 2.0 SR), 2.18.13.
- Aurélino Sila - Carlos Pato (Escort RS), 2.29.59.

DESPORTO

MICROSEPIO

Ciclismo: Fundo

Alberto Leal triunfou no Regional lisboeta de Fundo, organizado pela Associação de Ciclismo do Sul, ao vencer o contra-relógio individual, de 35 quilómetros, entre Loures e Lousa, no tempo de 54 m 04 s, à média de 38,840 km/h. Apenas participaram corredores do Lousa seguindo-se ao vencedor, com mais de 2 m 52 s, José Po-eira e, depois, Fernando Fernandes, Fernando Vale, Carlos Santos, Carlos Ferreira, Firmino Bernardino, Adelino Teixeira e Alexandre Ruas.

Vencedor da 1.ª prova e 2.º no contra-relógio decisivo (disputado na Póvoa do Varzim) o veterano Venceslau Fernandes é campeão nortenho de fundo. A prova da verdade teve a extensão de 40 km, e foi ganha por José Martins (Coimbrões/Cafés Gama) que, todavia, não estava em condições de discutir o título com Venceslau que, dados os resultados da 1.ª prova, tinha, apenas, como adversários directos o seu companheiro de equipa Fernando Carvalho e os pacenses Joaquim Andrade e Bernardo de Sousa.

O triunfo de José Martins (que não correu na 1.ª prova) seria, entretanto, contestado pelo novo campeão regional que fez apresentação oficial de um protesto, alegando que o minhoto, agora ao serviço do Coimbrões, havia sido ajudado ao longo do percurso. Classificação final do campeonato: 1 - Venceslau Fernandes (Ajact/Morphy Richards), 5 h. 40 m. 30 s.; 2 - Joaquim Andrade (Paços de Ferreira), 5-41-54; 3 - Fernando Carvalho (Ajact/Morphy Richards), 5-42-40; 4 - Bernardo de Sousa (Paços de Ferreira), 5-43-01; 5 - José Fernandes (Ajact/Morphy Richards), 5-45-31; 6 - José Camilo (Paços de Ferreira), 5-49-48; 7 - José Passos (Paços de Ferreira, m.t.); 8 - Luís Teixeira (Paços de Ferreira), 5-51-09; 9 - Fernando Maia (Paços de Ferreira), 5-55-36; 10 - Isidro Miranda (Coimbrões/Cafés Gama), 6-00-21.

Nacional de futebol

A nove horas do trono

Já conferiu o palpite do Totobola, sei que voltará a tentar a fortuna, fica para a história somente o rendimento (em números e nomes) da página 24 do nacional futebolístico da mais fina água, ontem perturbado por factos absolutamente insólitos: é que não estou a ver como é possível apresentar o cartão ictericia a Nené, mesmo que o juiz se chame Marques Pires e esteja desejoso de limpar a onda lá para o Norte. E também coloque a mais séria reticência nessa tosa e anchilosada determinação que impede um capitão de turma de (delicadamente, como o fez Fernando Gomes) lavar singelo protesto junto do árbitro setubalense Carlos Valente, no páreo portimonense em que os homens das Antas, por culpa da pontaria de Pedrotinho na cobrança calibrada de uma grande penelidade «in extremis», deram uma tristeza deste tamanho a José Maria Pedrito e seus pares de reino na Invicta e bem nossa.

A verdade é que o Benfica se adiantou para o risco branco e, suportando a vantagem de abertura de varzinistas com ténpera de grandes vencedores de temporais e furacões, conseguiu retirar a penates sem sabor a desaire: antes pelo contrário, porque à cambalhota de Folha retorquiu com o galopante disparo de José Luís, sobrinho desse José Pérides que foi vedeta de 1.ª por estas áreas.

Na prateleira da memória já se quedou o nulo em terreno penafidense (parabéns, Farol!) e, mais ainda, o modo como Valentim Loureiro e seus apadrinhados do Bessa assistem, impotentes e nervosos, ao saltitar de emblemas sobre o belo símbolo branco-negro. Brincar assim ninguém julgaria capaz, nem sequer um Braga onde Quinho, de mala preparada para ir embolsar petrodólares, ajudou a colocar mais arame farpado em torno da cidadela (ainda) de Henrique Calisto.

Paranhos, onde toda a gente fala mas certa razão escasseia, viu o Salgueiros deixar sem ondulação os pratos da balança: as palmas são (inteirinhas) para Águeda, passada que já lá vai a triste recordação da recepção a boavisteiros e outro golo parece cantar à boa terra, das boas gentes que viram nascer Hernâni, esse prodígio dos anos 50, que vestiu de azul-branco e, também com as quinas ao peito, foi gente graúda no nosso mundinho do futebol. Qualquer dia peço palavra nisso.

Mas é forçoso que, neste dia, já com «poissons d'Avril» recalçados (e gozados) se lembre como espinhentos (de Hernâni Gonçalves) fracturaram requintadamente um Estoril que parece ao dispor de cruel destino, tal como o tangencial desaire de vila-condense em Guimarães mais não faz que aguar o interesse para a decantada Taça que, na tarde de 4.ª-feira, pupilos de Mourinho e episódicos discípulos de Murça vão colocar

na rampa de projecção europeia. Aqui, quem aposta em quem?

E cá estou, companheiros de leitura, no espectáculo de Alvalade, onde os sadinos (brilhantemente orientados por um homem que já desfilou pelas cores lisboetas: Manuel Oliveira) fizeram vida tão dura aos sportinguistas que foi preciso apelo de última instância a Rui Jordão para que os leões lograssem não retirar do parque que cresce, cresce, cresce, assim a modos que de beijo tombado. Quase uma hora demorou a esgrima: e com superioridade de inteligência por parte de vitorianos, que somente seriam defraudadas de (pelo menos) equitativa divisão de pontos, quando o senhor Venglos notou que sem utilizar o professor António Oliveira como mestre e charneira no centro reduto, era forçoso entregar as rédeas da vanguarda ao atirador emérito que é esse sempre menino nascido a 9 de Agosto de 1952, na angolana Benguela.

Contos largos poderia fazer de um Futre que quer levar a bola para casa, como de um Nascimento ou de um Formosinho, de Manuel Fernandes ou Venâncio, Nunes ou Artur, mas (sobretudo) fixem este nome: de António Maurício Fari-nha Mourato, vindo à luz do dia 6 de Novembro de 1964, menino querido de pai também «internacional» naquele emblema do Lumiar, que conquistou carta de alforria e pede passagem até voos mais dilatados do que as 40 internacionalizações que já conta em escalões etários onde os maiores eram pura miragem.

Mas, sepultemos duas dúzias de jornadas e entremos já nos permanentes mais imediatos, lançando o repto: quem adianta (hoje já) como vai ficar o campeonato? No topo como no rés-do-chão, a luta está incendiada e tudo pode acontecer.

Verdade que os comandantes se preparam para ser recepcionistas: Benfica abrindo a porta ao Boavista, Porto a tornar as Antas palco para penafidenses. Mas, há problemas a sugerirem grande intriga: Farense-Varzim, Águeda - Espinho, muito especialmente o duelo entre setubalenses e rapazes de Portimão, como o cotejo que coloca em barricadas diferentes o Rio Ave e o Sporting, já que bracaraenses recebem salgueiristas com certo favoritismo embora estorilistas perante vimaranenses permitam qualquer sinal. Doze pontos ainda no calendário: coisa como nove horas de paixão para os mais entregues a estas coisas do futebol ou, em contrapartida, pretexto de evasão para outras latitudes de quantos, não ligando ao jogo de conjunto mais belo do mundo, nem por isso deixam de se preocupar com o modo como vai rodando a esfera da fortuna ou do desamor.

NEVES DE SOUSA



Vilda Pinheiro: visita do Águeda deu nulo no marcador mas grandes problema ao trio arbitral que (dirigido por Mário Luís) foi contemplado com duas pedras e dois isqueiros, só conseguindo deixar o terreno às 19 e 34, mercê dos esforços do comissário Alcino (da PSP) modelar numa acção que tem de enaltecer-se

Benfica acelera

Para a história, os nomes e números da ronda 24 do campeonato maior: Penafiel-Sp. Farense 0-0; Sp. Espinho-Estoril, 2-0; Varzim-Benfica, 1-1; Vit. Guimarães-Rio Ave, 2-1; Boavista-Sp. Braga, 0-2; Sporting-Vit. Setúbal, 3-1; Salgueiros-Rec. Águeda, 0-0 e Portimonense-FC Porto, 1-0.

Marcadores

Manuel Fernandes (do Sporting) ascendeu ao 2.º lugar da lista dos marcadores do Campeonato de Futebol da 1.ª Divisão. Classificação actual: 1.º, Nené (Benfica), 19 golos; 2.º, Diamantino (Benfica), Jordão (Sporting) e Manuel Fernandes (Sporting), 14; 5.º, Gomes (F. C. do Porto), 13; 6.º, José Rafael (Farense), 11; 7.º, Folha (Varzim), 10; 8.º, Manniche (Benfica), N'habola (Rio Ave) e Jorge Silva (Boavista), 9.

Totobola: previsão

O concurso do Totobola po-

derá não ter totalistas, segundo as previsões das Apostas Mútuas Desportivas, que admitem, ainda, um máximo de três apostas com 13 resultados certos. Com 12 resultados correctos estão previstas entre 30 e 40 apostas. Caso não haja totalistas, prevêem-se de 400 a 450 apostas com 11 símbolos certos. O valor de cada prémio é de 26 598 574 escudos.

Divisão 2

Resultados da 24.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol da 2.ª Divisão na ZONA NORTE: Académico de Viseu - Famalicão, 0-1; Lixa - Fafe, 1-1; Valonguense - Vizela, 1-1; Valdevez - Feirense, 5-3; Sanjoanense - Tirsense, 4-0; Chaves - Leixões, 1-0; Gil Vicente - S. Martinho, 1-0; Riopole - Paços de Ferreira, 2-0. Classificação: 1.º, Vizela, 32 pontos; 2.º, Lei-

Continua na pág. 14

Portimonense, 1-Porto, 0

Pedroto venceu Pedroto



Freitas versus Sousa

Um golo de grande penalidade, marcado por Pedroto, deu ao Portimonense merecido triunfo (1-0) sobre o FC Porto:

A equipa algarvia, bem diferente (para melhor) do jogo que fez há oito dias, com o Sporting (baqueando) então por 0-6) justificou plenamente a vitória sobre um adversário nitidamente desgastado fisicamente pelos sucessivos esforços a que a turma (de longe ainda com o espírito de José Maria Pedrito) tem sido submetida.

Os portistas, que (aparentemente) já se dariam satisfeitos com o empate, não criaram uma

única oportunidade de golo em todo o desafio, dada, a falta de força para superar os algarvios, superiores física e taticamente. Exceptuando um remate de cabeça de Abreu (aos 30 minutos), que fez o esférico embater no poste esquerdo da baliza de Zé Beto, com Lima Pereira a safar definitivamente o perigo, o Portimonense também não deu muito trabalho ao guarda-redes contrário.

Os contra-ataques bem delineados dos locais foram sendo desperdiçados, até surgir o tento da vitória, na conversão duma

grande penalidade a castigar falta de Mariano (que substituiu Eurico) sobre Vítor Oliveira.

Sob a arbitragem de Carlos Valente (Setúbal) que mostrou o cartão amarelo a Nelson (25), Vítor Oliveira (50), Gomes (79), Freitas (80), Frasco (83) e Lima Pereira (89), as equipas alinharam:

Portimonense: Damas; Barão, Balacó, Freitas e João Gouveia, Simões, Nelson (Pedroto 45), Vítor Oliveira e Abreu; Norton de Matos e Rui Águas.

FC Porto: Zé Beto; Eduardo Luís, Lima Pereira, Eurico (mariano, 16) e Inácio; Jaime Magalhães, Frasco, Sousa (Walsh 62), e Jaime Pacheco; Gomes e Vermelhinho.

Golo de grande penalidade: Pedroto, aos 88 m.

Antes, António Morais ainda tentara dar mais acutilância ao ataque portista, substituindo Sousa por Walsh, mas sem resultado, já que Simões «secou» o seu antigo companheiro.

Controlo «antidoping»

Barão, Freitas, Pedroto, Frasco, Sousa e Gomes foram os futebolistas sujeitos ao controlo «antidoping», após o jogo Portimonense-FC Porto.

Eurico: lesão

O defesa portista Eurico deverá estar inactivo cerca de um mês, em consequência da lesão sofrida ao minuto 16 do jogo Portimonense - F. C. do Porto. Eurico, que sofreu fractura do malar direito superior, com afundamento, deverá, hoje, ser operado no Porto.



Bessa: mosquitos por cordas em torno de Henrique Calisto

Classificações

	J	V	E	D	G	P
1.º BENFICA	24	20	3	1	73-17	43
2.º F.C. Porto	24	19	3	2	44- 5	41
3.º Sporting	24	16	3	5	49-19	35
4.º Sp. Braga	24	10	7	7	26-25	27
5.º Vit. Setúbal	24	10	6	8	33-23	26
6.º Vit. Guimarães	24	11	2	11	29-34	24
7.º Portimonense	24	10	4	10	27-27	24
8.º Boavista	24	9	6	9	28-28	24
9.º Varzim	24	7	8	9	24-29	22
10.º Rio Ave	24	8	5	11	25-30	21
11.º Penafiel	24	7	5	12	16-41	19
12.º Rec. Águeda	24	7	4	13	22-40	18
13.º Sp. Farense	24	4	9	11	24-40	17
14.º Estoril	24	4	8	12	15-36	16
15.º Salgueiros	24	4	7	13	16-35	15
16.º Sp. Espinho	24	3	6	15	9-31	12

Está considerada a decisão do Conselho de Disciplina da FPF que aplicou derrota ao Salgueiros (0-3) frente ao Portimonense, na 20.ª jornada, e da qual os salgueiristas interpuseram recurso.

Próxima jornada: FC Porto - Penafiel (1-0); Sp. Farense - Varzim (0-2); Benfica - Boavista (2-1); Sp. Braga - Salgueiros (0-0); Rio Ave - porting (1-4); Vit. Setúbal - Portimonense (0-0); Rec. Águeda - Sp. Espinho (0-1); e Estoril - Vit. Guimarães (0-2).



DESPORTO



iciados sportinguistas bateram (2-0) os mocinhos do Benfica

Futebol nacional

continuação da pag 13

ções e Chaves, 30; 4.º Sanjoanense, 29; 5.º Famalicão, 27; 6.º Paços de Ferreira, 25; 7.º Riopele e Gil Vicente, 24; 9.º Feirense, 23; 10.º Lixa, 22; 11.º Tirsense, Fafe, Valonguense e Valdevez, 20; 15.º Académico de Viseu, 19; 16.º S. Martinho, 17.

ZONA CENTRO: Alcobaca - Peniche, 1-5; Elvas - Covilhã, 1-0; U. Coimbra - Naval, 0-0; Anadia - U. Tomar, 1-0; Beira-Mar - Guarda, 3-0; Torreense - Rio Maior, 4-2; Benfica C. Branco - União de Leiria, 2-1; Caldas - Académico de Coimbra, 1-0. Classificação: 1.º Académico, 34 pontos; 2.º Peniche, 30; 3.º Alcobaca, União de Coimbra e Elvas, 29; 6.º Torreense, 28; 7.º Covilhã, 27; 8.º Guarda, 25; 9.º Benfica e Castelo Branco, 24; 10.º Beira-Mar e Caldas, 22; 12.º União de Leiria, 20; 13.º União de Tomar, 19; 14.º Anadia, 17; 15.º Naval, 15; 16.º Rio Maior, 14.

ZONA SUL: Nacional - Silves, 1-0; Amora - Esperança de Lagos, 3-1; Sesimbra - Barreirense, 1-2; Lusitano de Évora - Sacavenense, 3-0; Olivais e Moscavide - União do Funchal, 1-3; Estrela da Amadora - Cova da Piedade, 1-0; Marítimo - Odivelas, 6-0; Olhanense - Belenenses, 1-2. Classificação: 1.º Marítimo e Belenenses, 35 pontos; 3.º Nacional 32; 4.º União da Madeira, 30; 5.º Olhanense, 27; 6.º Estrela da Amadora, 26; 7.º Sesimbra e Amora, 23; 9.º Barreirense, 22; 10.º Cova da Piedade e Odivelas, 21; 12.º Lusitano de Évora, 19; 13.º Sacavenense e Silves, 18; 15.º Olivais e Moscavide e Esperança de Lagos, 17.

Divisão 3

Desfechos dos jogos da 24.ª jornada do Campeonato Nacional de futebol da 3.ª Divisão na **Série A:** Valenciano - Mirandela, 1-0; Freamundo - Limianos, 0-0; Aves - Taipas, 3-1; Mogadouro Prado, 0-0; Moreirense - Ponte da Barca, 1-1; Merelense - Felgueiras, 0-1; Vianense - Cerveira, 5-0; e Bragança - Monção, 1-0. Líder: Aves, 35 pontos. **Série B:** Ermesinde - Vilanovense, 3-0; Leça - Régua, 0-2; Amarante - Cesarense, 4-2; Lourosa - Esmoriz, 1-0; Valadares - U. Lamas, 1-0; Ovarense - Marco, 0-0; Lamego - Jose Alves,

2-1; e Paivense - Paredes, 1-0. Líder: Lourosa, 30 pontos. **Série C:** Oliveirense - Marialvas, 1-0; Poiares - Estarreja, 2-1; Mealhada - S. Romão, 4-1; Gouveia - Oliveira do Bairro, 1-2; Sousem - Mangualde, 0-2; Tortosendo - Viseu e Benfica, 1-1 e Lusitano de Vildemoinhos - Tondela, 5-0. Líder: Estarreja 33 pontos. **Série D:** Marrazes - Marinhais, 1-1; Marinhense - Alcains, 3-1; U. Santarém - Alferrarede, 2-1; Portalegre - Nisa, 0-0; Alpalhoense - Estrela de Portalegre, 1-3; Bombarralense - Marinha, 1-2; S. Bernardino - Nazarenos, 0-2 e Atouguense - Almeirim, 2-0. Líder: Estrela de Portalegre, 40 pontos.

Série E: Montijo - Casa Pia, 3-1; Almada - Cacém, 1-0; Benfica Águia - Lusitânia, (adiado devido ao mau tempo); Atlético - Olivais, 5-1; Tires - Oriental, 0-0; Vialonga - Campomaiorense, 2-0; Sintrense - Bucelenses, 4-2 e Samora Correia - Santa Clara (adiado para o dia 25). Líder: Montijo, 36 pontos. **Série F:** C. Ind. Setúbal - Alvorense, 0-0; Paio Pires - Torralta, 1-0; Estrela - Vasco da Gama, 1-1; Canavieiras - Beja, 1-1; Moitense - Juventude, 0-2; Quimigal - Seixal, 0-1; Quarteirense - Lus. Vila Real, 0-0 e Campinense - Trafaria, 2-0. Líder: Torralta, 34 pontos.

Juniões

Resultados da 5.ª jornada do «Nacional» de juniores de futebol (2.ª fase) na **Zona Norte:** União de Coimbra-Braga, 1-2; e Repesesenses-V. Guimarães, 0-0. Classificação: 1.º Braga, 5 pontos/3 jogos; 2.º V. Guimarães, 3/3; e 3.º União de Coimbra e Repesesenses, 2/3. Boavista e FC Porto, continuam com os seus jogos adiados.

Zona Sul: Marinhense-Benfica, 1-1; e Naval-V. Setúbal, 0-0. Sporting-Torralta foi adiado para 3 de Abril. Classificação: 1.º Benfica, 8 pontos; 2.º Sporting, 6 (menos um jogo); 3.º Torralta, 5 (menos um jogo); 4.º V. Setúbal e Marinhense, 4; e 6.º Naval, 1 ponto.

Intervenções cirúrgicas

Baixas em diversos clubes: Luís Saura (Portimonense) foi operado a uma fratura na face, Fernando Marques (Amora) a ruptura do menisco do joelho esquerdo e o belenenses Helder ao menisco externo do joelho direito.

TOTO BOLA a chave

1. Varzim - Benfica	X
2. Portimonense - Porto	1
3. Sporting - Setúbal	1
4. Penafiel - Farense	X
5. Boavista - Braga	2
6. Salgueiros - Agueda	X
7. Espinho - Estoril	1
8. Guimarães - Rio Ave	1
9. Chaves - Leixões	1
10. Riopele - Paços de Ferreira	1
11. Alcobaca - Peniche	2
12. Caldas - Académico	1
13. Olhanense - Belenenses	2

TOTO BOLA jogue connosco

Benfica-Boavista	1
Rio Ave-Sporting	X
Farense-Varzim	1
Agueda-Espinho	1
Estoril-V. Guimarães	X
V. Setúbal-Portim.	1
Feirense-Sanjoanense	2
Tirsense-Chaves	2
Académico-Alcobaca	1
Guarda-Torreense	2
Barreirense-Lusitano	1
C. Piedade-Marítimo	2
Odivelas-Olhanense	2

Sporting, 3-Setúbal, 1

Jordão: esse menino de ouro

Parabéns, setubalenses: só uma formação com alto espírito de luta, humildade mas (simultaneamente) compenetração do valor próprio, bem adestrada tática e tecnicamente, preparada fisicamente por um mestre como é Monge da Silva e psicologicamente pelo competente Manuel de Oliveira, colocava o Sporting encostado à parede durante quase uma hora, apenas cedendo ante o portentoso Jordão que, entrando no trabalho a 26 minutos do último silvo arbitral, chegou e sobrou para desbaratar completamente um edifício sadino que parecia impenetrável.

Os homens do Bonfim regatearam de tal modo um sucesso dos lisboetas que a sombra da tristeza andou longo tempo nos céus caseros: Nunes, Artur, Nascimento, Formisinho, Freire e Vinha dominaram quase completamente os cordelinhos do palco até que, ao inconformismo de Manuel Fernandes e Venâncio, Mário Jorge e Zezinho, do esplêndido Morato e do aplicado Virgílio, veio (finalmente) juntar-se a força de Kostov e a arte quase impar de Jordão, especialmente quando o negrinho (saindo do banco lateral já com o plano de ataque bem digerido) foi-se à retaguarda do Bonfim e ret-

hou-a a bel-prazer, dando ensejo (com um soberbo toque de calcanhar para Futre) a que o pequeno canhoto assinasse um golo e, logo mais, estorvando a visão do lance a Jorge (que socou o ar em lugar de acertar na esfera) facilitar a Roger Wilde a cabeça da confirmação.

Portanto, pouco a contar do duelo de Alvalade, que começou por ser um passeio sadino sob vinha vindimada e acabou, para os rapazes do clube de Fernando Pedrosa, por ter fim escrito no vento pelo talento de Jordão.

Uma palavra para Futre: ninguém (nem o mais incondicional dos seus admiradores) consegue compreender onde é que este novo garoto genial quer chegar quando finta todo o mundo, brinca mais um bocadinho com o couro e, às quinzenhas, nota que não progrediu um centímetro e (pelo contrário) facilitou a colocação da defesa contrária. Futre tem lugar pleno entre os maiores do Sporting: porém, lá porque contribuiu para a compra da bola, não deve pensar que ela é apenas da sua propriedade. Meu caro: futebol é «associação». Não é circo, nem brincadeira para o Coliseu.

Neves de Sousa



Virgílio está com a bola, mas Jordão é que vai criar perigo entre os setubalenses

Boa arbitragem do portuense Fernando Alberto, que esteve acompanhado por Pinheiro Teixeira (bancada) e José Ferreira (tribuna). As equipas:

Sporting: Katzirz; Mourato, Venâncio, Zezinho e Mário Jorge; Virgílio, Romeu (Kostov, aos 23 minutos) e Futre; Fernando Cruz (Jordão, 64), Manuel Fernandes e Roger Wilde.

Vitória de Setúbal: Jorge; Mota, Edmundo, Artur e Sobrinho; Vinha, Vicente e Nascimento; Formisinho (Jorge Plácido, 64), Nunes (Cerdeira, 73) e Freire.

Golos: Manuel Fernandes (54), Nascimento (66), Futre (81) e Wilde (83). Cartão amarelo para Nascimento.

Varzim, 1-Benfica, 1

Valdemar: o esbanjador

Tudo vai bem, quando acaba em bem: o Benfica, que esteve na iminência de ir à falência na «rola» poveira, acabou por obter um «pleno» que deu para saldar a dívida e sair cantando vitória do reduto varzinista. Vejamos: à passagem da meia hora, Folha pôe em «xeque» Pietra e abre o activo, sublinhado com a cambalhota obrigatória. Logo a seguir (35 e 38 m), Valdemar (em situação privilegiada para arrumar a

questão) enjeita os enfejos e fica-se pelo anonimato, em tarde propícia para altos voos mercê das facilidades concedidas pelo jovem Álvaro.

A história deste encontro entre varzinistas e benfiquistas resumir-se-ia aos 45 minutos do 1.º tempo e pouco mais: foi no período inicial que a partida conheceu os seus melhores momentos, quer no tocante a emoção, quer no que diz respeito à qualidade do

futebol exibido por ambas as equipas. O Varzim, que actuou permanentemente num «4X4X2», mostrou mais uma vez que é um conjunto arrumado, muito disciplinado taticamente e com soluções de vários tipos para contrapor a qualquer equipa. A turma poveira possui uma defesa autoritária e coesa e um meio-campo onde sobressai a força (por vezes excessiva) de Zé Maria e o jeito de André, Adão e Manuelzinho. O ponto fraco dos varzinistas é (foi, de novo) o ataque, pese embora o facto de Folha ser goleador. Porém, estamos em crer que o conjunto poveiro só sabe jogar em contra-ataque. Aí, sim: Valdemar (pela direita) e Folha (pelo lado oposto) são duas «gazelas» capazes de comprometer qualquer defesa. Mais o primeiro do que o segundo, sendo certo, que, na ponta final, quando é necessário mostrar o tal «toque de classe», Valdemar fica nas covas e compromete tudo o que fez antes. Foi um pouco assim, no jogo de ontem.

O Benfica apresentou frente ao Varzim um figurino idêntico àquele que havia exibido na deslocação a Vila do Conde: Pietra, Bastos Lopes e Álvaro a formarem o derradeiro obstáculo na frente de Bento, e um quarteto intermediário constituído por Carlos Manuel, Stromberg, Shéu e Veloso, que não raras vezes virava quinteto, com a incorporação de José Luís, no flanco direito. As «gazetas» lisboetas foram, desta feita, Nenê e Maniche: enferrujadas, diga-se de passagem, já que não deram a continuidade devida ao caudal de jogo atacante, fornecido em do-

ses industriais por esse «maestro» do chute que é, sem sombra de dúvida, Carlos Manuel. O Benfica, que esteve ontem na Póvoa de Varzim, não foi, no entanto, o Benfica tranquilo, lúcido e genial que já vimos esta época. Reflexo do «ouvido» em Portimão? Talvez. Aquela explosão a dois minutos do fim, quando veio a notícia (fresca) do colapso «azul e branco» em terras algarvias, pode, efectivamente, explicar a aparente indolência da turma «encarnada», sobretudo no período complementar, quando os varzinistas já pediam a todos os «santos» que o fim chegasse depressa.

Na retina dos 25 mil espectadores que encheram o reduto poveiro (e os respectivos cofres) ficaram, as tentativas isoladas de Chalana (que entrou a substituir Stromberg, aos 59 m) para furar o «véu» varzinista, mais protegido a partir do intervalo, por força da opção feita por José Torres: antes garantir um ponto do que arriscar na procura do «bolo inteiro». A humildade e o espírito de sacrifício então patenteados pelos jogadores poveiros são na verdade credores de uma palavra de simpatia, extensiva a Nenê e Maniche, que deram também o corpo ao manifesto, na hora do «assalto» que, no entanto, ficaria pelas ameias...

Mercê de alguns desentendimentos com os seus auxiliares, Marques Pires registou falhas no seu trabalho, algumas das quais podiam ter influenciado o desfecho da partida.

Manuel Neto



Golo do Varzim, tento do empate e alegria final dos benfiquistas, quando a Rádio trouxe notícias de Portimão

Árbitro: Marques Pires (Setúbal), auxiliado por Rui Santiago (bancada) e Fernando Rebocho (superior).

Varzim: Lúcio; Vitoriano, Torres, Washington e Belmiro; Manuelzinho (Miranda, aos 84 m), Zé Maria, André e Adão; Valdemar (Magalhães, aos 79 m) e Folha.

Benfica: Bento; Pietra, Bastos Lopes I e Álvaro; Carlos Manuel, Stromberg (Chalana, aos 59 m), Shéu e Veloso; José Luís, Maniche e Nenê (Oliveira).

Ao intervalo: 1-1, marcadores: Folha (30 m) e Jose Luis (42 m). Cartão amarelo: Nenê (29 m), Washington (35 m), Torres (59 m) e Belmiro (83 m).

DESPORTO

Basquetebol: cifistas perto do título

O CDUL ao bater ontem (talvez imprevisivelmente) no Algés, deu uma significativa «ajuda» ao CIF para a conquista do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão de Basquetebol Feminino. As cifistas e a equipa de Dafundo ficaram separadas por duas derrotas, o que constitui uma vantagem de tombo para o Internacional recuperar o título. Resultados dos jogos de sábado: Olivais de Coimbra-Académico do Porto, 62-49 e CIF-Independente do Porto, 49-1. Ontem: CIF-Académico, 84-44; Olivais-Independente, 55-8 e CDUL-Algés, 59-54.

O FC do Porto e o Barreirense venceram os jogos de desempate da fase de apuramento do «Nacional» de Juniores. Os portistas bateram o ARCA por 75-54 e os barreirense venceram o Seixal por 69-65. Assim, as duas equipas vencedoras juntar-se-ão ao Vasco da Gama, ao Belenenses e aos «Amigos» do Funchal, para discutir o 1.º lugar, cuja «poule» decisiva se realizará no próximo fim-de-semana (de 4 a 8), no Pavilhão de Paredes, a meia dúzia de quilómetros da cidade do Porto. Relativamente à mais jovem categoria, que disputa os campeonatos nacionais (Juvenis) já foi marcado o local onde se disputará a final: Pavilhão da Naval Setubalense nos dias 13, 14 e 15 deste mês, tendo como competidores Vasco da Gama, Ginásio Figueirense, Atlético e Algés.

Hoje, a selecção nacional de seniores voltará a concentrar-se num hotel de Lisboa para cumprir o programa de preparação (que inclui dois jogos com equipas de jogadores estrangeiros a actuar no nosso país) com vista ao Campeonato da Europa (fase preliminar do Grupo C) a realizar em Oslo (Noruega). Por outro lado, a selecção de juniores, que estará presente, este ano no preliminar europeu (marcado para a Madeira), já está constituída e, no dia 12, entrará na última fase de preparação, estagiando, provavelmente, em Maíra.

Placard

Ginástica: êxito luso

Portugal venceu colectivamente o encontro triangular com a Bélgica e Marrocos em ginástica desportiva feminina para juniores, realizado em Vila Real de Santo António. A equipa portuguesa somou 171,20 pontos, contra 170,20 da belga e 142,25 da marroquina.

Na classificação geral individual, as duas primeiras posições pertenceram, todavia, às belgas Caroline Morjan e Valerie Pierbon, sendo Sandra Moura, na terceira posição, a melhor portuguesa.

Mamede: 6.º em Milão

O sportinguista Fernando Mamede foi o melhor europeu na corrida dos Cinco Moinhos, disputada em Milão, ao terminar em 6.º lugar, atrás de cinco atletas africanos. O vencedor foi o campeão do mundo de curta-matão de 1983, o etíope Debele Bekele, com 31 minutos, e 57,50 segundos, nos 9500 metros do percurso, enquanto Mamede gastou 32 minutos e 08,30 segundos.

Marcha

O Olivais-Sul venceu (em masculinos e femininos) o 3.º Campeonato de Clubes de Marcha Atlética disputado no Estádio do Jamor. A prova principal (seniores masculinos), disputada na distância de 10 mil metros, foi ganha por Manuel Piteira (do Tercena) com o tempo de 48 minutos 38,4 segundos. Classificações em infantis masculinos — mil metros: 1.º, Armindo Silva, Olivais-Sul, 5 minutos, 24,8 segundos; infantis femininos — mil metros: 1.º, Carla Ferreira, Leões Apelaconenses, 5,46,6; Iniciados masculinos — três mil metros:

1.º, Paulo Cunha, Leões Apelaconenses, 16,44,2; Iniciados femininos — três mil metros: 1.º, Sandra Silva, Andorinha, 18,30,9; Juvenis masculinos — cinco mil metros: 1.º, Fernando Fernandes, Olivais-Sul, 28,30,8; Juvenis femininos — três mil metros: 1.º, Ana Santos, Olivais-Sul, 22,32,6; Juniores masculinos — dez mil metros: 1.º, Jorge Teves, Santa Iria, 49,56,2; Juniores femininos — cinco mil metros: 1.º, Paula Gracioso, Olivais-Sul, 28,18,6; Seniores masculinos — dez mil metros: 1.º, Manuel Piteira, Tercena, 48,38,4. Classificação por equipas: masculinos: 1.º, Olivais-Sul, 59 pontos; 2.º, Santa Iria, 21; 3.º, Leões Apelaconenses, 15. Femininos: 1.º, Olivais-Sul, 35; 2.º, Santa Iria, 25; 3.º, Andorinha e Leões Apelaconenses, 8.

José Pinto: homenagem

O pré-olímpico belenense José Pinto (campeão nacional da marcha atlética que conseguiu pela segunda vez os mínimos olímpi-

cos para estar presente em Los Angeles (Estados Unidos), foi homenageado com um jantar no Restauranty Galão, durante o qual Acácio Rosa (do Grupo dos Mil do Belenenses) promotor da cerimónia, e o professor Fonseca e Costa (treinador de atletismo), enalteceram as excelentes qualidades e grande dedicação do homenageado, considerado nesse momento o principal «embaixador» desportivo do clube da Cruz de Cristo.

Atletismo escolar

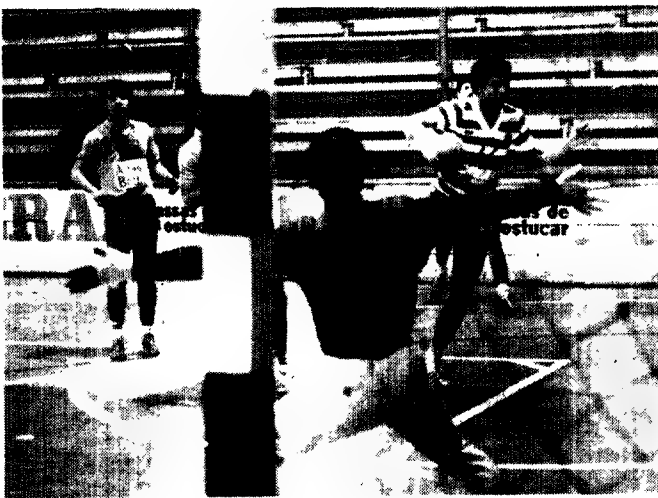
O movimento de Atletismo Escolar (MAE) vai realizar o próximo sábado durante a manhã as provas de pista correspondentes à Inter-Escolas. Estas provas constituirão mais uma forma de convívio desportivo entre as diversas escolas que vão estar presentes e encerrará o programa desportivo definido no âmbito do MAE para o ano lectivo de 1983/84.

Nacional de andebol

Benfica e Sporting não travam marcha

Benfica e Sporting (os «encarnados» como visitantes) foram as únicas equipas a triunfar na dupla jornada (11.ª e 12.ª) do Campeonato Nacional de Andebol da Divisão de Honra, a decorrer na 2.ª fase. Os quatro grupos a qualificar para a «poule» final (Benfica, Sporting, Belenenses e FC do Porto) já estavam encontrados, pelo que os oito encontros outra obrigação não tiveram do que cumprir calendário. De qualquer modo há que dar relevo ao bis triunfante do clube da Luz e ao duplo inéxito do Belenenses, o que possibilitou às «águias» isolarem-se no comando e a ascensão do Sporting ao 2.º lugar. O Caramão (visitado) sofreu mais duas derrotas, uma delas ante o «velho» Desportivo de Portugal, que adicionou a primeira vitória a um único empate que anteriormente conseguira, precisamente perante o Caramão, na 1.ª volta.

Resultados de sábado: S. Mamede-Benfica, 17-23; FC do Porto-Belenenses, 21-20; Caramão-Sanjoanense, 25-31 e Sporting-



Sporting: 18 pontos à melhor do Desportivo de Portugal

Desp. Portugal, 38-20. Ontem: FC do Porto-Benfica, 22-24; S. Mamede-Belenenses, 25-22; Sporting-Sanjoanense, 28-19 e Caramão-Desp. Portugal, 30-34. Pontuação: 1.º Benfica, 33 pon-

tos; 2.º Sporting, 32; 3.º Belenenses, 29; 4.º FC do Porto, 26; 5.º Sanjoanense, 22; 6.º Académica de S. Mamede, 19; 7.º Caramão, 16 e 8.º Desportivo de Portugal, 15.



«Leões» vencem benfiquistas

Voleibol: Atlético em destaque

O Atlético, como vencedor da 2.ª fase do «nacional» feminino da divisão de honra (o que é de saudar) constitui a única intromissão dos filiados do Sul nas duas provas maiores do voleibol nacional, relativamente à etapa final. Na mesma categoria (feminina) o Sporting perdeu na corrida para o apuramento na compita com o Vitória de Guimarães, porque as vimeiranas bateram o Sporting de Espinho. Por outro lado, (masculino) também o Benfica perdeu na arrancada para a qualificação desde que o FC do Porto ultrapassou (pelo resultado máximo) o Leixões, por coincidência a primeira derrota dos matosinhenses na 2.ª fase. Para a «poule» final ficaram apurados o Leixões, Espinho, (campeão nacional), Sp. Espinho e FC do Porto (masculinos) e Atlético (vencedor da «Taça»), Leixões (campeão nacional há sete anos consecutivos), CDUP e Vitória de Guimarães (feminino).

Os resultados da derradeira jornada da 2.ª fase foram os seguintes em blocos. Masculinos: FC do Porto - Leixões, 3-0; Espinho - Sp. Espinho, 3-2; Nacional de Ginástica - Benfica, 0-3 e ISEF-CDUL, 1-3. Femininos: Sp. Espinho - V. Guimarães, 0-3; Leixões - CDUP, 3-2; Sporting - Benfica, 3-2 e Atlético - CDUL, 3-0.

Seleções na Europa

As selecções nacionais de voleibol vão estar envolvidas em duas provas europeias importantes: a equipa feminina participa, entre 6 e 8 do corrente (juntamente com Bélgica, Luxemburgo e Inglaterra) no Grão-Ducado do Luxemburgo, no torneio das Nações. Entretanto, o conjunto masculino estará presente na «Spring Cup», a realizar de 15 a 22 nas Baleares (Espanha) competição em que tomam parte, para além dos dois países ibéricos, a Itália, a Alemanha Federal e a Dinamarca.

Porto domina nosso hóquei

Juventude de Viana e Benfica venceram ontem, respectivamente nos recintos do Sporting de Tomar e do Famalicense, para a 23.ª jornada do campeonato de hóquei em patins da 1.ª divisão. Resultados: Belenenses - Sanjoanense, 6-2; Sporting de Tomar - Juventude de Viana, 2-5; FC Porto - Paço de Arcos, 13-4; Carvalhos - Alenquer, 5-5; Oeiras - Sesimbra, 7-6; Sporting - Parede, 8-2; Oliveirense - Académica da Amadora, 2-3, e Famalicense - Benfica, 1-5. Sábado: Sporting de Tomar - Sanjoanense, 6-5; Belenenses - Ju-

ventude de Viana, 2-3; Carvalhos - Paço de Arcos, 5-5; FC Porto - Alenquer, 11-3; Sporting - Sesimbra, 12-4; Oeiras - Parede, 7-5; Famalicense - Académica Amadora, 3-6; e Oliveirense - Benfica, 2-4.

Classificação: 1.º FC Porto, 66 pontos; 2.º Sporting, 62; 3.º Juventude de Viana e Benfica, 56; 5.º Sanjoanense, 54; 6.º Belenenses, 48; 7.º Oliveirense, Académica Amadora, 45; 9.º Paço de Arcos, 44; 10.º Sesimbra e Sp. Tomar, 43; 12.º Oeiras, 42; 13.º Famalicense, 37; 14.º Parede e Carvalhos, 33; 16.º Alenquer, 28.

Golfe algarvio

Francisco Pontes venceu o torneio de golfe «Johnnie Walker», com 63 pancadas com abono, realizado no campo D. Pedro (Vilamoura). O torneio foi jogado em 36 buracos à melhor de 18. O 2.º lugar foi obtido por Pedro Guedes Sousa (63 pancadas) e o 3.º por Fernando Braga (65). Os primei-

ros lugares em senhoras foram para Patrícia Roquete, (68), Jones, do País de Gales (75) e Agwen, da Irlanda (77).

Vela: Mundial «Star»

Os norte-americanos Vicent Brun e Dave Shaw ganharam a 1.ª regata do Campeonato Mundial de Vela, classe «Star», que decorre em Vilamoura (Algarve).

Bélgica: Goethals ameaçado de irradiação do futebol

A Comissão de Controlo da URBSFA (União Real Belga das Sociedades de Futebol) pediu a irradiação por toda a vida de Raymond Goethals (antigo treinador da equipa nacional belga e do Standard de Liège), de Eric Gerets («capitão» do Standard na altura dos factos) e de Roland Janssen («capitão» do Waterschei) implicados no caso de corrupção durante o desafio Standar-Waterschei (Maio de 1982). Os representantes da Comissão de Inquérito também teriam proposto a proibição de Robert Petit (antigo secretário-geral do clube de Liège e primeiro-vice-presidente da Federação Belga) se candidatar a qualquer cargo no clube. Os membros da Comissão de Inquérito teriam requerido ainda suspensões de outros jogadores, em função do grau de participação no caso. A Comissão de Controlo da URBSFA anunciou que as sanções serão conhecidas hoje à tarde, depois do visionamento da gravação vídeo dos golos marcados durante o encontro.

Saúde e segurança: jornadas desportivas

As 4.ªs Jornadas Desportivas Nacionais dos Centros de Cultura e Desporto da Saúde e Segurança Social tiveram franco êxito. Os resultados nas diversas modalidades: Basquetebol feminino: Porto - Leiria, 27-23; Ténis de Mesa feminino: Viseu - Funchal, 0-5; Andebol feminino: Braga - Misto de Leiria, 12-18 (jogo particular); futebol masculino: Leiria - Vila Real, 3-0; fute-

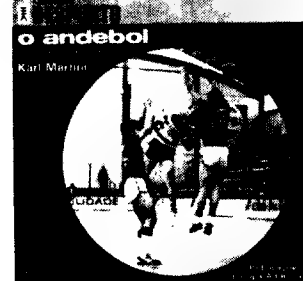
bol de salão masculino: Portalegre - Braga, 2-1; voleibol masculino: Porto - A.R.S. de Coimbra, 3-2; ténis masculino: Caldas da Rainha - Braga, 2-1 e ténis de mesa masculino: Caldas da Rainha - Funchal, 5-1.

Participaram nestas jornadas cerca de 600 atletas de vários pontos do continente e regiões autónomas.

Colecção DESPORTO

À VENDA
EM TODAS
AS
LIVRARIAS

MANUAIS PARA PRATICANTES
E TREINADORES



o andebol
Karl Martini

As técnicas, as táticas,
os métodos. Um livro indispensável a quantos se interessam pela modalidade.

Editado com o apoio da

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ANDEBOL

OUTROS TÍTULOS: WINDSURF • JUDO • VOLEIBOL



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
uma garantia de qualidade

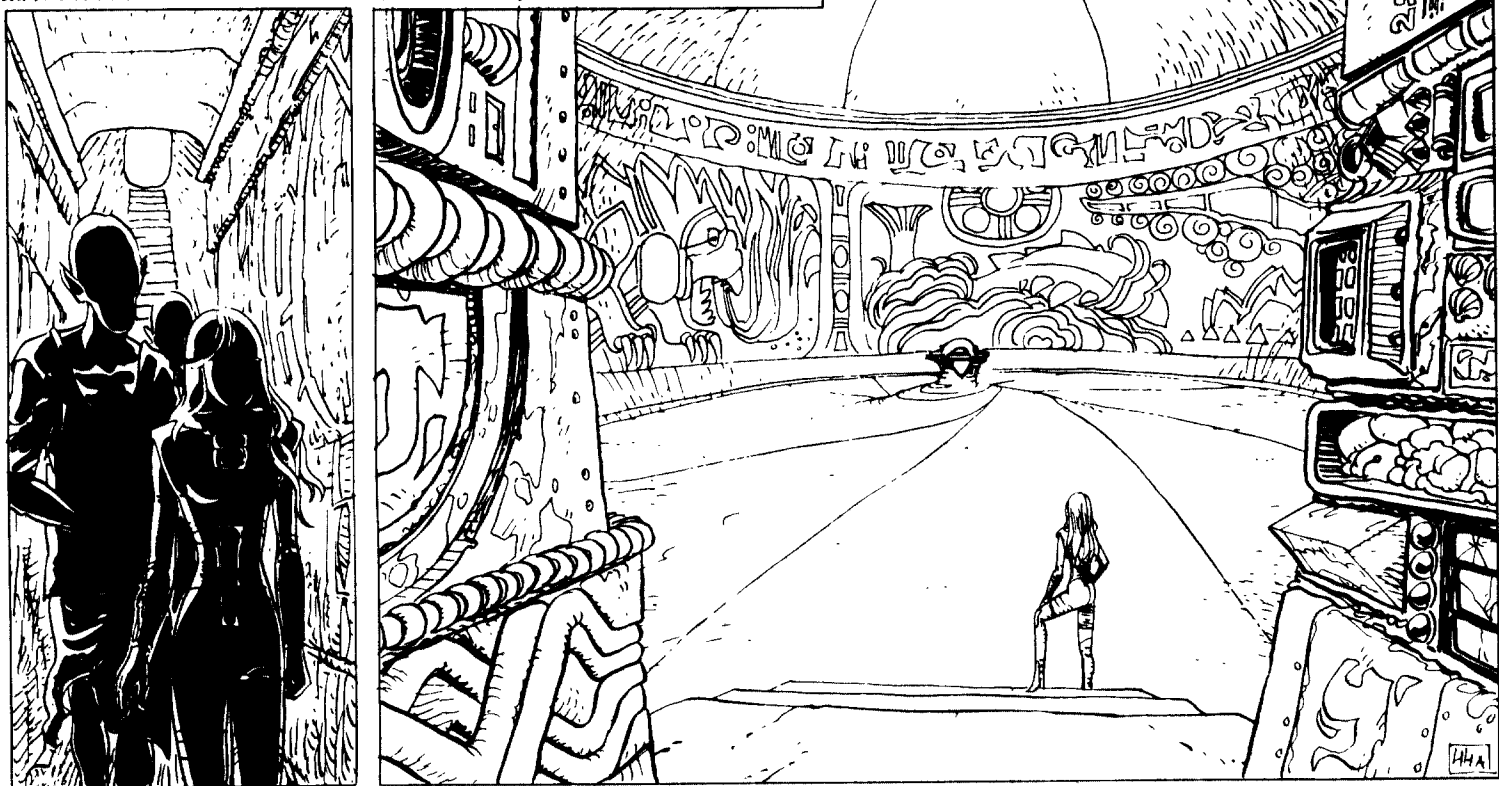
Uma aventura de Valerian... e Laureline
METRO CHATELET, DIRECÇÃO CASSIOPEIA

Mezieres
Christin

44

...A DEIXAREM-ME LÁ ENTRAR...

EVIDENTEMENTE, JÁ NÃO HAVIA NADA PARA VER...



Copyright Dargaud/Meribérica

CONTINUA

Só pagamos para a nossa Câmara...fiscais de Guimarães «corridos» da Feira de Vizela

PORTO, 2 — Os fiscais da Câmara de Guimarães, que na passada semana procediam ao levantamento das áreas e lugares ocupados pelos feirantes no mercado e na feira de Vizela, foram «corridos» pelos vizelenses, entre ameaças e injúrias, pelo que regressaram a Guimarães, com a sua tarefa por cumprir, disso dando conhecimento aos responsáveis autárquicos.

A Junta de Freguesia de Vizela, segundo voz corrente na vila, teria entregue à população, segundo se concluiu de um seu comunicado, a «incumbência» de decidir sobre as medidas a tomar em relação aos fiscais de Guimarães.

Um grupo vizelense, conhecido por «A Pesada», tomou a peito as referidas «instruções» e os fiscais nada conseguiram fazer. Refira-se que já são os vizelenses a fazer na feira e mercado locais as cobranças que, antes do conflito, eram feitas pela Câmara de Guimarães.

Aliás, é o que tudo indica que vai suceder dentro

de dias, quando os fiscais da água forem a Vizela, fazer cobranças. Os vizelenses já dizem que, quanto à «nossa água», também «só pagaremos para a Câmara de Vizela...»

Museu Grão-Vasco tem director interino

PORTO, 2 — O dr. Abel Flórido, estudioso viseense, director do museu de Lamego, foi agora nomeado director interino do Museu Grão Vasco de Viseu, até à nomeação oficial de um director efectivo, tudo indica que venha a ser o dr. Alberto Correia, também viseense. Aquelas funções implicam ainda a responsabilidade pela direcção da Casa-Museu Almeida Moreira, nome do investigador, viseense que fundou o Museu Grão-Vasco, há cerca de 70 anos. Prevê-se que o director efectivo tome posse no próximo mês de Julho.

Entretanto, têm estado suspensas as averiguações sobre alegadas irregularidades cometidas pelo antigo director, dr. Russel Cortez, na sequência de denúncias feitas por deputados municipais e do pedido de intervenção do Instituto Português do

Património Cultural, que na altura fez deslocar a Viseu uma comissão de inquérito.

Recuperação do Barredo «espaço da ribeira» expõe arquitectura portuense

PORTO, 2 — Abriu no sábado, na Rua da Fonte Taurina, em pleno coração da Ribeira-Barredo, cuja recuperação urbana se processa (lentamente) há alguns anos, um pequeno salão o «Espaço da Ribeira», destinado à divulgação de trabalhos de arquitectura que tenham relação com a cidade do Porto. Segundo o grupo de jovens arquitectos que dinamiza esta iniciativa, concretizada no âmbito do comissariado (CRUAR) que dirige a renovação urbana daquela área, o «Espaço da Ribeira», que expõe actualmente um conjunto de trabalhos de conhecidos arquitectos portugueses ou ligados ao Porto, pretende «motivar o público para o significado do trabalho dos arquitectos na cidade» e estimular «o diálogo dos arquitectos com o público».

ao telefone com

ANABELA ROQUE

“Dia 7: o primeiro grande desfile de protesto da juventude”

«É preciso qu'isto mude, outra política p'ra juventude», é a palavra de ordem do desfile de protesto que os jovens dos distritos de Lisboa e Setúbal vão efectuar nas ruas da capital no próximo dia 7.

Nos panfletos que, um pouco por todo o lado, têm sido distribuídos — escolas, fábricas, escritórios, ruas — a Comissão Organizadora do 7 de Abril afirma que os «problemas da juventude não são uma fatalidade» e acrescenta: «Vamos juntar toda a nossa alegria, o nosso protesto, as nossas lutas, no desfile de todos nós». E a coisa promete...

Ao telefone com Anabela Roque, aluna do 12.º ano na Escola Secundária dos Olivais-Chelas e membro da Comissão Organizadora do desfile, pedimos-lhe para definir esta iniciativa.

«A nosso ver é o primeiro grande desfile de protesto da juventude depois da Revolução de Abril».

Quais os objectivos?

«Protestar contra o que (não) tem sido feito por sucessivos governos no que respeita à política juvenil».

Não se importa de concretizar?

«Está a ver: a política dos últimos anos nunca serviu nem interessou aos jovens. Nenhum dos nossos grandes problemas foi resolvido ou está em vias de o ser. Pelo contrário: o desprezo pela juventude, demonstrado pelos vários governos, agravou escandalosamente as nossas condições de vida, de trabalho, de estudo. Repare que o desemprego aumenta assustadoramente, os contratos a prazo não são renovados, os despedimentos individuais e colectivos são diários, o trabalho sem contrato nem direitos e regalias sociais são cada vez mais a única forma de obter emprego».

Não falou da situação no ensino...

«Já lá ia, já lá ia. Os documentos que distribuímos são claros quanto a esse ponto. É evidente que no ensino as coisas também não estão melhores».

Por exemplo...

«Por exemplo? Olhe, faltam instalações, não há ginásios, cantinas e bibliotecas, faltam sanitários e postos médicos. Quer mais? A superlotação obriga à existência de turmas com 50 e mais alunos. Os programas escolares, tanto pelo conteúdo como pela qualidade, são desajustados e irrealistas. Faço até uma pergunta: que política de educação é esta que, no OE, lhe reduz drasticamente as verbas? Que política de educação é esta que não tem dinheiro para a colocação dos empregados que as escolas necessitam mas tem para contratar os tristemente célebres 'audazes' que interrompem as aulas e se 'metem' com os alunos e professores? Que política é esta que perto do fim do 2.º período ainda não se sabe como vai ser a avaliação para o 12.º?»

... Certo, certo. Será então por isso...

Deixe só que seja eu a perguntar: sabe que vivemos num país cuja taxa de insucesso escolar é das mais elevadas da Europa? Sabe? Acha que é por acaso? Para nós não é por acaso».

Para mim também não... Nos vossos documentos dizem estarem fartos de ser cobaias e atacam forte o ministro da Educação. Querem a sua demissão?

«Já reparou que o ministro Seabra arrasta há meses a resolução do problema dos serviços sociais universitários não dando resposta às reivindicações juvenis? Que inquérito foi feito à gestão desses mesmos serviços? Sabe, é curioso ouvir certas pessoas falar... Um homem que diz ter lutado e 'acha' salutar a luta por algo que não se tem, que faz, enquanto ministro, para resolver situações a que ele próprio dá azo e que nós contestamos? Que diálogo é este?»

Que soluções preconizam vocês para a situação em que a juventude se encontra?

«Olhe, o que é claro é que é preciso que isto mude, que é necessária outra política para a juventude. Queremos pessoas competentes e programas decentes. Não podemos ficar parados — e não ficaremos. A verdade é que o 25 de Abril deu novas perspectivas à juventude — e é essas perspectivas que queremos ver concretizadas».

E quanto à adesão ao desfile do dia 7? Há entusiasmo?

«São já muitas dezenas de organizações (Associações de Estudantes e de Trabalhadores-Estudantes, colectividades, sindicatos, comissões de jovens, etc, etc) que aderiram. O entusiasmo é enorme. Pensamos que vai ser um desfile alegre, combativo, próprio de gente jovem. Diremos bem alto que a situação da juventude é insustentável, que isto tem que mudar. Gritaremos basta!»

Ribeiro Cardoso

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Futebol e não Sol, perdão, e não só

«Pontos de vista» veio substituir «Maria, Maria, Maria». O título não é feliz. Falta-lhe invenção, imaginação, animação. Falta-lhe sal — com perdão dos dietistas.

Tem de comum com a rubrica que a antecede o horário impróprio. Qualquer rubrica destinada a determinado público deve ter horário determinado. Ninguém se lembraria, por exemplo, de pôr «Grão a grão» às onze horas da noite. O que não quer dizer que a RTP, um dia destes, se lembre disso...

Vantagens: menos concessões à futilidade, ao cabecismo oco. Maior dinamismo televisual. Linguagem menos agressiva. Alice Cruz não deve confundir sobriedade com solenidade. Locução enfática é anti-tévê.

Voltaremos aos pontos.

Tão mau, que nem deve ser por mal

Sequência dos acontecimentos: na sexta-feira, Telejornal põe à cabeça notícia de sensação. Nada mais, nada menos, a Indonésia estava finalmente resolvida a negociar com Portugal a questão de Timor. E que, para avaliar da nova situação, se reunira o Conselho do Estado.

No sábado, a acabar o Telejornal, nota oficiosa da Presidência da República, extremamente delicada e, por isso, extremamente dura. Que não, senhor. Que o Conselho não cuida da matéria. Nem a mesma, sequer, estava agenda-da...

A nota era irresponsável. Pensei que, depois disto, profunda transformação se iria operar na «alta responsabilidade» da informação na TV. Situações deste género lançam o descrédito sobre qualquer ór-

gão de informação. Depois disto, só há uma atitude digna: o hara-quiri...

Mas todo o sistema lógico falha quando introduzimos no circuito um elemento chamado RTP. Assim, no Telejornal de ontem pudemos ouvir no «Resumo da Semana»: **«Realce para a reunião do Conselho de Estado que procurou encontrar novas vias para o urgente diálogo para a solução do drama de Timor Leste».**

Estes resumos de Garego Esteves não representam o pior dos telejornais de domingo. O de ontem terá a atenuante de ser montado com antecedência. Mas, que diabol, ninguém reparou no deslize, nem o próprio Garego Esteves, responsável do próprio Telejornal de ontem!

Maldade? Talvez nem. Talvez sim — o que é mais grave — irresponsabilidade...

Não brinquem com este fósforo

Vou esquecer que a locutora, pelo modo como pronuncia o apelido de Sarah Bernhardt, mostra nunca ter ouvido falar dela. Oh, a ignorância da nossa juventude! Vou esquecer que o Mamede obteve, lá fora, o tempo de 32 minutos, 8 segundos e 30 décimos...

Uma palavra só para o programa «A Festa Continua», e não para louvar Júlio Isidro por alguns momentos bons do seu programa (a entrevista com António Vitorino d'Almeida que regressará brevemente à Televisão, a presença do «Opus Ensemble», as duas canções de Samuel, a preciosa colaboração de Maria Vieira, aquele faquir, Deus!) mas para chamar a atenção para um facto... incómodo.

Refiro-me às vaías monu-

mentais com que a assistência recebe as vitórias do Futebol Clube do Porto e os aplausos frenéticos com que escuta as suas derrotas. Eu sei que é clu-bismo, brincadeiras de benfiquismos e sportinguismos. Só que as emissões da «Festa Continua» são sempre em Lisboa e o Porto nunca tem oportunidade de entrar na «brincadeira»...

Brincadeira indesejável. Sabemos como o Porto acarinha o seu clube principal — e é fácil compreender as reacções da população (gloriosamente) tripeira perante estas agressões dominicais.

Júlio Isidro não é dos que se proclamam adversários ou ignorantes da crítica. Razão pela qual acreditamos que não deixará de tomar em devida conta o que aí se escreve.

Não se diga que exagero. Com a televisão nunca se exagera: ela supera todos os exageros. A televisão é um fósforo a sonhar que é Sol. E é...

Se foi a brincar, o caso é sério!

Já que falamos de futebol... Telejornal abriu com a notícia da possível repetição do «Polónia-Portugal».

Ao princípio pensei que era brincadeira de Um de Abril. Mas a entrevista com o dr. Silva Resende dissipou-me todas as dúvidas, tão minuciosa, tão informativa, tão patriótica ela foi.

Compartilho da indignação de Artur Agostinho, face ao que poderia ser uma «brincadeira de mau gosto» — e sê-lo-ia, a meu ver, a vários níveis. Mas, repito, não se trata disso, a presença de Silva Resende assim o prova. Nenhum responsável levaria a irresponsabilidade tão longe, principalmente em ma-

téria de tanta responsabilidade como são o futebol e a informação responsabilizada.

Como é que alguém poderá imaginar que um presidente da F.P.F. se possa prestar a tamanha... maquinação?

Informações e confusões

De José Manuel Barata-Feyo, chefe de redacção da RTP, recebemos a seguinte carta:

«Para melhor esclarecimento dos leitores do «Diário de Lisboa» e seu próprio, informamos que o programa «Portugueses na Alemanha», transmitido na passada 3.ª-feira, não foi uma «Grande Reportagem», da mesma forma que o não foram quer os programas sobre refugiados em Angola e sobre Macau, da jornalista Diana Andringa, quer todos os outros programas que, sob o título genérico de «Grande Informação», vêm aparecendo ultimamente no espaço habitualmente reservado à «Grande Reportagem».

Embora compreendendo que a confusão, no que respeita à informação das noites de 3.ª-feira, se preste a dúvidas, gostaríamos de não retirar os méritos desses programas aos seus autores, mas também não assumir as críticas que os mesmos lhes mereceram.

Agradeço o esclarecimento e peço desculpas a quem se julgar com direito a elas.

De facto, estranhei que nem as pessoas nem a cabeça do programa fossem as mesmas. Só que, na propaganda dele, sempre se fazia referência a «Grande Reportagem». Se, na própria televisão, confundem as grandes informações, sejam relevadas aos críticos as suas pequenas confusões, ou vice-versa, se preferirem.

Hoje



A RTP-1 apresenta o 3.º programa do concurso Um, Dois, Três, em que a ficção científica é o tema desta noite

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

- 18.02 Notícias
- 18.10 Grão a Grão
- 18.35 Teleregiões
- 19.00 «A Balada de Hill Street»
- 20.00 Telejornal
- 20.30 «O Bem Amado» — 11.º episódio.
- 21.00 Um, Dois, Três — a ficção científica é o tema da presente edição. Coordenação e apresentação de Carlos Cruz.
- 23.00 Últimas Notícias

19.32 Notícias

19.40 Folclore — Grupo Etnográfico de Vila Praia de Âncora.

20.10 Voar — «O Alouette III».

20.45 Animação — «Animação Experimental».

21.15 Jornal da Noite — as notícias do País e do estrangeiro.

21.45 «Gabriela» — 122.º episódio.

22.20...Da Música — Orquestra Nacional de França. Programa gravado no Teatro dos Campos Elísios, em Paris.



A RTP-2 exhibe mais um programa da série Voar

Amanhã

Das 13.35 às 17.30: Ciclo Preparatório TV; 18.02: Notícias; 18.10: Grão a Grão; 18.35: Teleregiões; 19.00: Os Açorianos; 19.25: Três Tons; 20.00: Telejornal; 20.30: «O Bem Amado»; 21.00: «Reilly»; 22.00: 1.ª Página; 22.55: Últimas Notícias.

19.32: Notícias; 19.40: Portugal Romano; 20.05: Adágio; 20.35: D'Hoje p'Amãhã; 21.15: Jornal da Noite; 21.45: «Gabriela»; 22.20: «A Balada de Hill Street».

A TV dia a dia

Hoje há «Um, Dois, Três»

Hoje à noite há concurso: a terceira sessão do concurso «Um, Dois, Três», subordinada ao tema «Ficção Científica», vai para o ar, no primeiro canal, por volta das 21.15 horas.

A estrutura do concurso, que proporciona alguns momentos de boa disposição, é conhecida dos mais atentos seguidores da iniciativa conduzida por Carlos Cruz. Três pares concorrentes apresentam-se na «greiha de partida», dispostos a vencer as primeiras eliminatórias. Mas só um deles terá oportunidade de percorrer as restantes fases do concurso, jogando com a sorte, a perspicácia e a intuição, que dão direito a um prémio final mais ou menos valioso.

Momentos de animação — musicais ou teatrais — preen-

chem as quase duas horas de concurso, com destaque para nomes como Josefina Silva e Barroso Lopes, Carlos Miguel, Lydia Barloff e António Assunção, entre outros.

A cenografia é de António Casimiro, enquanto a produção é da responsabilidade de Isabel Fragata e Fernando Simas. Os textos de humor são assinados por Rolo Duarte e Helder Costa. A realização de «Um, Dois, Três» é de Bento Pinto França.

Mas não se esgota no concurso o que a RTP-1 nos tem a oferecer esta noite. Já não falando da telenovela brasileira «O Bem-Amado», de Dias Gomes, o que mais teremos possibilidade de ver?

Os mais pequenos podem contar com o já habitual «Grão a

Grão», no ar pelas 18.10 horas, durante uns 20 minutos. Exibe-se hoje o 17.º episódio da série de desenhos animados «D'Artacão e os Três Mosqueteiros», uma boa adaptação do original de Alexandre Dumas «Os Três Mosqueteiros».

«Tele-Regiões», no ar pelas 18.30, é um roteiro do que sucede pelo País, nem sempre seleccionado criteriosamente, mas que pode ser seguido com interesse e proveito.

Por volta das 19 horas, exhibe-se o quarto capítulo de «A Balada de Hill Street», uma abordagem aos problemas do quotidiano policial numa esquadra de bairro nova-iorquina. Demasiado violento para gostos mais sensíveis, mas de indiscutível popularidade.



Animação experimental com Norman McLaren

Os amantes da animação têm hoje com que se deleitar, no segundo canal da RTP, a partir das 20.45.

O programa é preenchido com filmes de animação experimental, assinados por nomes tão fundamentais como Norman McLaren («Uma Fantasia»), Andrzej Warchal («Cinema-Verdade»), Miroslav Kijovic («A-B») e Jerzy Kucia («O Círculo»), seleccionados como habitualmente por Vasco Granja.

O que as obras desta noite permitem evidenciar, é que nem todos os cineastas do género traba-

lham do mesmo modo. Parece uma verdade «palissiana», mas o certo é que alguns gostam de jogar no desenvolvimento de imagens simples e lineares, enquanto outros autores arriscam incursões em áreas mais «inóspitas», introduzindo frequentemente a perplexidade, a confusão e a polémica em torno dos seus trabalhos. Será o caso dos filmes que esta noite estarão nos nossos televisores?

Seguramente menos «complexa» é a exibição do Grupo Etnográfico de Vila Praia de Âncora, que preenche o programa «Folclore», com que praticamente

abre a programação do segundo canal, por volta das 19.45 horas.

O programa desta noite, realizado por Adriano Nazareth, continua, pois, a revelar-nos aspectos corais e da dança tradicional do folclore minhoto.

«Voar» é, antes do mais, o título de um programa que a RTP transmite à segunda-feira no segundo canal, por volta das 20.15 horas. No espaço de hoje, a decorear na Base Aérea de Tancos, pilotos do helicóptero «Alouette III» mostram-nos as características destes aparelhos: como sobe e desce, para que serve, o que transporta, de que lhe servem as

pás, etc. Numa palavra: tudo o que pode convencê-lo a entrar no aparelho, sem levar o coração num cesto...

A concluir, «... Da Música» transmite o primeiro de uma série de dois concursos com a Orquestra Nacional de Paris, dirigida por Daniel Barenboim, num programa gravado no Palácio dos Congressos, em Paris. Neste primeiro concerto, é interpretado o «Requiem», de Mozart, com o Coro da Orquestra de Paris, dirigido por Arthur Oldham, com Rachel Iakar, Denise, David Randall e Marius Rintzler como solistas.

GRUNDIG
a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

Concurso Um, Dois, Três
(21.00)

Voar
(20.10)

Terceira sessão do concurso-show «Um, Dois, Três», hoje subordinada ao tema «Ficção Científica».

Três pares concorrentes estarão no início do programa dispostos a vencer as primeiras eliminatórias. Só um deles irá percorrer as restantes fases do concurso em que estão em jogo a sorte, e a perspicácia com vista a um prémio final, que poderá ser mais ou menos valioso, consoante o palpite dos concorrentes for ou não o melhor. Tudo isto será entrecortado com momentos de animação, ou musicais a que não serão alheios os actores Josefina Silva e Barroso Lopes, Carlos Miguel, Lydia Barloff e António Assunção, entre outros convidados.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Maiores 12 anos
TUBARÃO 3

ÁVILA 539930
Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.30
- M. 18 a.
FOME DE VIVER
c/ Catherine Deneuve e David Bowie

AVIS 547153
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 anos
DECAMERON INTERDITO

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
WARGAMES, JOGOS DE GUERRA

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
A BELA ADORMECIDA

CASTIL 530194
R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
SÓCIOS
c/ Ryan O'Neal e John Hurt

CINE BLOCO 556824
R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 18 e 21.15
- Int. men. 18 a.
O CAÇADOR
Às 00.30
A QUEIMA-ROUPA

CINE CAMÕES 324194
R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A FORÇA DO AMOR

CINE 222 579480
Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A CÂMARA SECRETA
Às 24
RESGATE

CINESTÚDIO LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30
- M. 12 a.
ANDROIDE

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30
FELIZ NATAL, MR. LAWRENCE

CONDES 322573
Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
A MÁSCARA DO RANGER

2000 2100055
Av. B. Voluntários, lts 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

EDEN 320768
P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 anos
TUBARÃO 3

ESTÚDIO 555134
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
**OS DEUSES DEVEM
ESTAR LOUCOS**
80.ª semana

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
**THE DAY AFTER, O DIA
SEGUINTE**

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24
- Int. men. 13 a.
A CÂMARA SECRETA

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45
- M. 12 a.
SER OU NÃO SER

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
**AS LOUCAS AVENTURAS DE BARBA
AMARELA, O PIRATA**

LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

Às 21.30
TUBARÃO 3
2.ª Semana

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O PROFISSIONAL
Às 24
**DRÁCULA, AMOR À PRIMEIRA
DENTADA**

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. m. 13 anos
ATALHOS
c/ Sally Field e Tommy Lee Jones

ODEON 328283/4
R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 16 a.
O GRANDE ATAQUE DO DRAGÃO

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
- M. 16 a.
**AREIAS QUENTES, DESEJOS
SELVAGENS**



«The Day After» o filme que maior impacto tem provocado em todo o mundo. Em exibição

POLITEAMA 326716
R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OS GLADIADORES DO FUTURO

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 12 a.
NO LIMAR DA REALIDADE
Às 23.30 - M. 18 a.
O RÉPTIL

SALA 2
Às 14.15, 16, 17.30, 19, 21 e 22.30
- M. 12 a.
ZELIG

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 18 a.
A MULHER EM CHAMAS
Às 23.30 - M. 18 a.
JOGO DA FORTUNA E DO AZAR

SALA 4
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 16 a.
FELIZ NATAL, MR. LAWRENCE
Às 23.30 - M. 18 a.
O MEU TIO DA AMÉRICA

QUINTETO 573407
R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 anos
**THE DAY AFTER
O Dia Seguinte**
Às 24
A CONTAGEM FINAL

ROMA TEL. 727778
Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
O acontecimento!
O filme de maior impacto em todo o
Mundo
**THE DAY AFTER, O DIA
SEGUINTE**

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
**AS LOUCAS AVENTURAS DE BARBA
AMARELA, O PIRATA**

SÃO JORGE 579144/579344
Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
YENTL

SALA 2
Às 14.15, 16.45, 19 e 21.15
FOME DE VIVER
c/ Catherine Deneuve e David Bowie

- M. 18 a.

SALA 3
Às 14.30, 16.30, 18.45 e 21.45
- M. 12 a.
ZELIG
c/ Woody Allen e Mia Farrow

7.ª ARTE 730715
Av. República, à E. Entre Campos, junto
ao n.º 63

Às 14.30, 17, 19.15, 21.45 e 24
- M. 12 a.
Candidato a 5 Óscares
YENTL
c/ Barbra Streisand e Amy Irving

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
A EDUCAÇÃO DE RITA

TURIM 706666
E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OPÇÃO FINAL

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreras, lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
SER OU NÃO SER

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
O ESTRIPADOR DE NEW YORK

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Jovens Médicos Apaixonados», às 21.45 (12 anos)
ALFA-2 - «Nunca mais Digas Nunca», às 21.15 (12 anos)

ALFA-3 - «Jogos de Guerra», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA - «O Anjo da Maldade», sessões permanentes (18 anos)

MUNDIAL - «Jogos de Guerra», às 21.30 (12 anos)
CAPITÓLIO - «Giselle», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

RESTELO - «Classe», às 21.30 (16 anos)
LONDRES - «O Último Fôlego», às 21.30 (16 anos)

ALFA-CLUB - «O mundo a seus pés», 21.30 e 24.00 (13 anos)
TIVOLI - «Jovens Médicos Apaixonados», às 21.30 (12 anos)

ESTÚDIO ACS - «O caçador de tubarões», 21.15 (13 anos)
TERMINAL - «No Limiar da Realidade», às 21.30 (12 anos)

APOLLO 70 - «Os Lobos não Choram», às 21.30 (12 anos)
CITY CINE - «Zeig», às 21.30 (12 anos)

CINEMATECA PORTUGUESA - «Os Grandes Aldrões», 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «Ninja o Imbatível», 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Casino - «48 Horas», às 21.15 (12 anos)

S. JOÃO - «Oficial e Cavalheiro», 21.45 (18 anos)
CASCAIS - Oxford - «O Dia Seguinte», 21.30 (12 anos)

Outra Banda

COSTA DE CAPARICA - Sílicine - «A Fronteira da Vergonha», 21.30 (18 anos)

ALMADA - Cine-Estúdio - «Classe», 21.30 (6 anos)

ALMADA - Incrível - «Empresta-me a Tua Mulher», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - Académia - «A Última Virgem Americana», às 21.15 (12 anos)
AMORA - Lord - «Staying Alive», às 21.30 (13 anos)
SETÚBAL - Júpiter - «The Day After», às 21.15 (12 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Firefox», às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA - Cineestúdio - «Uma Aventura Fascinante», às 21.15 (18 anos)

Porto

ESTÚDIO - «O Inspetor Martelada», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «Tubarão 3», às 21.30 (12 anos)

RAIONE - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
LUMIÈRE-A - «Loucuras de um Casal», às 21.30 (12 anos)

LUMIÈRE-L - «O Estranho Mundo de Garp», às 21.45 (12 anos)
VALE FORMOSO - «As Noites Quentes de Dallas», às 21.30 (13 anos)

SALA-BEBE - «Alemanha no Outono», às 21.45 (16 anos)
ÁGUA - «Coração de Ouro», às 21.30 (12 anos)

RIVOLI - «O Último Fôlego», às 21.30 (16 anos)
BATALHA - «Férias Quentes», às 21.45 (18 anos)

PEDRO CEM - «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)
JULIO DINIZ - «Quadrophenia», às 21.30 (18 anos)

PASSOS MANUEL - «Jovens Médicos Apaixonados», às 21.45 (12 anos)
SÁ DA BANDEIRA - «Júlia, uma Máquina Sexual», às 21.30 (18 anos)

CHARLOT - «O Último Fôlego», às 21.30 (16 anos)
TRINDADE - «O Dia Seguinte», às 21.30 (12 anos)

FOCO - «Jogos de Guerra», às 21.45 (12 anos)
OLÍMPIA - «Pela Mira da Espingarda», 21.30 (13 anos)

Lisboa PERMANENTE

AREIRO - PRAÇA DE LONDRES: João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); **BOA-HORA:** Sepot, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); **CAMPO D'OURIQUE:** Elma, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 866176); **CASTELO:** Silva, C. de Santo André, 16 (T. 862074); **CHILE:** Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B-C (T. 570487); **FEIRA POPULAR:** Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); **GRAÇA:** Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 887842); **LUMIAR** - **QUINTA DAS MOURAS:** Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **LUZ-2:** Circular, Da Luz, E. da Luz, 124-A (T. 723179); **MARQUÊS DE POMBAL:** Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **RATO:** Cunha, R. Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **XABREGAS - MADRE DE DEUS:** Conceição, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **BRANDOA - AMADORA:** Tavares Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS:** Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 911139).

REFORÇO

ALVALADE - ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **BAIXA:** Simões Pires, R. da Prata, 115 (T. 362350); **BENFICA:** União, E. de Benfica, 592-594 (T. 700092); **CAMPO D'OURIQUE:** Lobel, R. Infância, 16, 98-B (T. 688867); **MARQUÊS DA FRONTEIRA:** Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438);

teatros

Lisboa

MARIA MATOS - «Anne», às 20.00 (6 anos)
VILLARET - «O Super Silva», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 2101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Mano Almeida, R. D. Diogo Couto, lote 162 (T. 219697). Até às 19 horas; **TÍRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHÊ:** Carvalho, Bairro Padre P. Correia, 4-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS:** Mourão Vaz, Av. Moçambique, 18-C (T. 2437916). Permanente; **NOVA OBRAS:** Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 247723). Até às 22 horas; **CARCAVELOS:** Vilar, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PARADE:** Grincho, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL:** São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SAS- SOEIRO:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, R. A. (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMO- REIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTEESTORIL:** Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Cordeiro, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 372 (T. 933613). Permanente; **GIRASOL:** R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Até às 22 horas; **DAMAIA:** Damia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). **QUELUZ:** Correia, L. do Mercado, 3 (T. 950906). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; **CACÉM:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **ALGUEIRAO:** Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 2130035). Até às 22 horas; **MOITA:** União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCO- CHETE:** Nunes, L. Coronel Ramos Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas.

termadas

9212038). Permanente; **MERCÊS:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA:** Araújo, Até às 22 horas; **SINTRA:** Gomes da Silva, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES:** Abreja (T. 9290088). **MOSCAVIDE:** Pedro Gomes, Bairro 25 de Abril, 13 (T. 2519670). Permanente; **SACAVEM:** Cortes, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; **LOURES:** Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Permanente.

Porto

Reforço: das 9 às 12 e das 14 às 22 h **MAGALHAES** - Rua de Serralves, 566; **BARREIROS** - Rua de Serpa Pinto, 8-10; **COSTA CABRAL** - Rua Costa Cabral, 1832; **SOEIRO** - Rua de Santos Pousada, 71; **BIRRA** - Praça da Liberdade, 125.

De dia e toda a noite

LEMOIS & FILHOS - Praça de Carlos Alberto, 31; **FALCÃO** - Rua de St.º Ildefonso, 61; **BOTELHO** - Rua da Alegria, 863; **QUELJA FERREIRA** - Rua Vasques de Mesquita, 32 (às Antas); **CAMPO ALEGRE** - Rua do Campo Alegre, 723.

Coimbra

OLIVEIRA RAMOS - Monte Formoso (Tel. 20758); **ROCHA** - Rua do Brasil (defronte de S. Teotónio - tel. 71526).

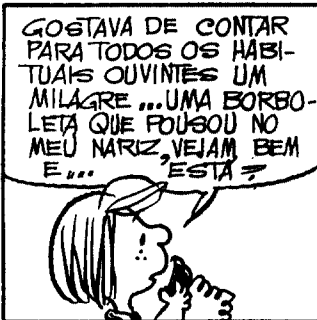
Caminhos de Ferro Portugueses

DL

PORTO PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Fonetele: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARÉS DE HOJE				
PREIA-MAR BAIXA-MAR				
3.44	4,0 m	9.17	0,9 m	
15.58	3,9 m	21.30	0,9 m	
Dia 3				
4.13	4,0 m	9.46	0,9 m	
16.26	3,9 m	22.01	0,9 m	
TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS				
VIANA DO CASTELO	13°			
BRAGANÇA	9°			
VILA REAL	11°			
PORTO	13°			
COIMBRA	13°			
CABO CARVOEIRO	14°			
PORTALEGRE	9°			
LISBOA	13°			
ÉVORA	11°			
BEJA	11°			
FARO	14°			
SAGRES	11°			
PONTA DELGADA	15°			
FUNCHAL	15°			

últimas

DOIS PRESOS QUE SE EVADIRAM a 22 de Março da cadeia «Boa Nova», de Ponta Delgada, foram recapturados, revelou o director do estabelecimento prisional. A evasão processou-se por arrombamento da porta da cela e posterior escalamento de um muro exterior. Os dois evadidos estiveram implicados no assalto à repartição de Finanças da Ribeira Grande, ilha de São Miguel. O director da cadeia realçou que as condições de segurança da «Boa Nova» são mínimas e que já propôs o seu reforço.

Amilcar Barros Queirós

Foi a sepultar, no passado fim-de-semana, Amilcar Fernandes de Barros Queirós. Filho do homem político da República, Tomé de Barros Queirós, manteve-se toda a vida fiel aos ideais de Democracia e de Liberdade de seu pai de quem foi secretário. Exerceu funções nos caminhos-de-ferro. Foi director e presidente do Conselho Fiscal, durante vários períodos, da Sociedade Nacional de Belas Artes. Fez parte das Comissões Comemorativas dos Centenários de Silva Porto, de Alfredo Keil e de Columbano e do cinquentenário da Sociedade Nacional de Belas Artes. Nesta Sociedade, com o pintor António Saúde, iniciou a formação do Arquivo Histórico. Foi um dos fundadores, e o principal organizador do Museu Paulo Campos nas Azenhas do Mar. Publicou um romance intitulado «Herança Trágica» e um opúsculo sobre a evolução associativa dos agrupamentos que levaram à constituição da Sociedade Nacional de Belas Artes: Sociedade Promotora de Belas Artes, Grémio Artístico, Grupo do Leão.

Amilcar Fernandes de Barros Queirós era pai do nosso camarada de Imprensa José Garibaldi, irmão do dr. Vasco Barros Queirós, e tio do publicitário Tomé Barros Queirós, aos quais apresentamos condolências.

Exaltina Maia

Faleceu no último sábado no Hospital de Santa Maria, onde se encontrava internada há dias, Exaltina Rodrigues da Fonseca Maia, de 91 anos, viúva do capitão João Baptista da Fonseca Maia e sogra do jornalista Manuel Rodrigues Monteiro de Azevedo, nosso colega de Redacção.

A extinta era mãe de Maria Natália Rodrigues da Fonseca Maia, já falecida, de Lina Rodrigues da Fonseca Maia, e de João Arnaldo Rodrigues da Fonseca Maia, jornalista.

O funeral realizou-se ontem no Hospital S.ª Maria para o cemitério do Lumiar, onde a extinta ficou sepultada.

A família enlutada o «DL» apresenta sentidas condolências.

Segundo a Trilateral

A Humanidade está confrontada com perigos de dimensão real

Será necessário haver uma cooperação internacional mais importante dentro dos próximos dez anos para se combaterem várias ameaças — desde a guerra nuclear à diminuição do nível de vida em todo o mundo —, conclui um relatório da Comissão Trilateral, composta por homens de negócios, governantes, dirigentes sindicais e universitários da América do Norte, Europa e Japão.

«Pela primeira vez, a humanidade está confrontada com perigos de uma dimensão realmente global», escrevem os autores do relatório, Zbigniew Brzezinski, antigo conselheiro do presidente Carter para os assuntos da segurança nacional, David Owen, chefe do Partido Social-Democrata britânico, e Saburo Okita, antigo ministro japonês dos Negócios Estrangeiros.

O documento, do qual foram publicados ontem extractos, foi preparado com vista a uma reunião à porta fechada de três dias da Comissão Trilateral, que começou ontem.

Os autores do estudo estabeleceram quatro séries de ameaças principais a que o

mundo tem de fazer face:

- «Uma deterioração significativa da cooperação multilateral económica e política, a escalada do desemprego e a diminuição do nível de vida».
- «Conflitos regionais cada vez mais destruidores e cada vez menos controláveis, o que aumenta o risco de confrontação Leste-Oeste».
- «Distúrbios sociais em importantes regiões de África, da Ásia e talvez mesmo da América Latina. Poderiam seguir-se a isto a fome em grande escala, as migrações maciças da população e o caos, reduzindo assim as perspectivas de democracia e aumentando as ocasiões dadas aos extremistas de direita ou de esquerda de tomarem o poder».
- «A guerra nuclear, com as suas capacidades de destruição e de morte sem precedentes, uma catástrofe de que o mundo poderia não recuperar».

Alguns factores positivos

O relatório nota contudo algumas evoluções positivas,

designadamente «o esboço de estratégias globais para uma cooperação internacional» nos domínios da Medicina, da Comunicação e da Nutrição.

Entre os factores positivos, os autores assinalam ainda «o declínio da atracção exercida pelo modelo de desenvolvimento soviético, particularmente no Terceiro Mundo».

O documento da Trilateral considera por outro lado que os aliados dos Estados Unidos devem assegurar uma parte maior do custo com a defesa das nações ocidentais.

Por último, o relatório conclui que os estados industrializados podem controlar o seu próprio destino. «Se os anos 80 se revelarem como um decénio de perda de controlo, será porque os países trilaterais não souberam explorar os elementos de progresso existentes», escrevem os autores do estudo, acrescentando: «A anarquia global e a violência internacional seriam nessa altura a herança indesejável de uma falta de vontade por parte dos sectores mais ricos, mais produtivos e mais democráticos do nosso globo».

Quarenta e oito sindicalistas no Tribunal

Quarenta e oito sindicalistas do distrito de Setúbal, entre os quais o dirigente nacional da CGTP-IN, José Encarnação, começaram esta manhã a ser julgados no Tribunal de Polícia, em Lisboa, na sequência da sua detenção no passado dia 26, frente à residência oficial do Primeiro-Ministro, com quem queriam avistar-se.

O primeiro arguido a ser ouvido, o sindicalista Carlos Peres, de 34 anos, refutou as acusações de desobediência à autoridade e violação da lei que regula a liberdade de manifestação, alegando que, quanto ao primeiro item, não houve desobediência porque o grupo de sindicalistas presentes nunca foi interpelado pela polícia no

sentido de dispersar; quanto ao segundo ponto, alegou não ter havido violação da lei já que não houve qualquer reunião ou manifestação na via pública, porque o grupo apenas aguardou que o Primeiro-Ministro respondesse a um pedido de audiência, formulado no dia 20 para discutir a situação de 20 mil trabalhadores com salários em atraso.

Carlos Peres diria que apenas o deputado independente pela APU, Manuel Lopes, que por ali passava, chegou a dialogar com a PSP, mas não lhes pôde transmitir o conteúdo da conversa já que, quando aquela terminou, eles se encontravam detidos dentro das carrinhas da polícia.

A hora do fecho desta edição, começara a ser ouvido um segundo arguido.

O mesmo juiz que preside ao julgamento destes 48 sindicalistas está ainda encarregado dos casos de outros detidos em idênticas circunstâncias, designadamente na 4.ª e 6.ª feiras da semana passada. Estes julgamentos, no entanto, encontram-se condicionados pela evolução do que teve início esta manhã.

Um outro juiz, encarregado do julgamento de sindicalistas detidos na 3.ª feira da semana passada, declarou-se entretanto incompetente para julgar o caso, remetendo-o para o Ministério Público.

Os valores da Informação

Continuação da pág. 1

dades quotidianas. Os portugueses têm necessidade de serem informados em liberdade e com isenção; têm necessidade de ler para se cultivarem; têm necessidade de frequentar espectáculos de cinema, de teatro, de música, de ballet; têm necessidade de frequentar exposições e museus; têm necessidade de conhecerem o seu país e de apreciar os monumentos, as obras de arte, as memórias de um longo passado histórico.

Com o jornal, e toda essa fruição artística e cultural que esta ameaçada. Os bilhetes de acesso aos museus nacionais e municipais, os bilhetes de cinema e do teatro, o preço dos livros, têm aumentado nos últimos dez anos a um ritmo que não tem paralelo nos aumentos dos salários e ordenados. O jornal custava 2550 em 1974, o seu preço aumentou, nestes anos, 700 por cento.

O «Diário de Lisboa» esteve de acordo com o aumento de preço dos jornais diários mas en-

tende, tem sido essa a nossa posição, que ao Estado cabe apoiar a Imprensa de um modo geral e não apenas dispensar os dinheiros públicos com a sua imprensa: a «Imprensa Estatizada». Todavia, como o Estado não tem uma política de informação que corresponda à defesa dos valores culturais e ao desenvolvimento do curso político democrático pluralista, a um jornal privado, livre e independente que cobre uma vasta área sociopolítica, só resta enfrentar as consequências de um tão grave aumento de preço com o apoio dos seus leitores, muitos dos quais são amigos do jornal, seus constantes e dedicados companheiros de jornada.

Com os seus leitores o «Diário de Lisboa» não se propõe só vencer dificuldades conjunturais, mas progredir, ir mais além, ir onde os leitores quiserem, acompanhá-los sempre, com eles participar na tarefa de mudar e modernizar Portugal em Democracia, para a Democracia.

Mário Soares em Lagos: «Portugal precisa de turistas que deixem dinheiro»

FARO, 2 — O Primeiro-Ministro afirmou em Lagos que «Portugal precisa de turistas de qualidade e de turistas que nos deixem dinheiro, e não de turistas que vêm cá gozar o nosso sol e nada deixam».

Mário Soares falava aos jornalistas após o encerramento do IV Congresso de Turismo do Algarve, durante o qual foi diagnosticada a situação deste sector e propostas soluções para os problemas que se lhe deparam.

Ao longo dos quatro dias de trabalhos foram apresentadas 25 comunicações sobre quatro painéis subordinados ao tema genérico: «Algarve — que qualidade?» Dezoito conclusões foram aprovadas pelos cerca de quatrocentos congressistas participantes.

Entre as conclusões contam-se a criação da região administrativa do Algarve e de uma sociedade de desenvolvimento regional. Os congressistas aprovaram a continuação das obras do porto de Portimão, com inclusão do projecto de construção da ponte sobre o Arade, e a execução do projecto da ponte sobre o Guadiana, já prevista para arrancar em 1985. Recomendaram ainda a rápida execução dos projectos previstos quanto à rede viária do Algarve, nomeadamente a estrada n.º 125.

Os congressistas aconselharam à TAP e aos organismos intervenientes, nomeadamente a Direcção-Geral de Aeronáutica

Civil, a concessão de maiores facilidades para incentivos de voos charters. Pediram também a organização e execução de cursos de formação e reciclagem nas áreas do turismo e da hotelaria sobre gestão de empresas e, ainda, a criação de cursos de animação turística.

Defenderam também a necessidade de prolongar o aeroporto de Faro e de o Algarve ser dotado com urgência de um centro polivalente de desportos e cultura para a realização de congressos. Gecomendaram igualmente a reclassificação dos estabelecimentos hoteleiros e similares e a conclusão imediata do plano director regional e, ainda, a criação do museu das descobertas, sugerindo que seja localizado em Sagres.

Por fim, as conclusões referem os cuidados de saúde e recomendam um reforço dos serviços hospitalares em meios técnicos, humanos e financeiros com vista a um melhor atendimento das populações e dos turistas.

Novo esquema de financiamento

O último dia de trabalhos proporcionou algumas intervenções de grande fôlego chamando a atenção para questões que, se não forem resolvidas atempadamente, terão graves consequências para «esta galinha de ovos de ouro» que é turismo para o Algarve.

O AVANÇO DA ELECTRONICA NOS NOVOS AUTO-RÁDIOS E ANTI-ROUBO PHILIPS

Compre um Auto-Rádio Philips com leitor. OFERECEMOS-lhe* um Anti-Roubo electrónico Philips de 7.000\$00

* Esta oferta é limitada.

AGENTE OFICIAL: FERNANDUS

RUA ARTILHARIA UM, 44 - 1200 LISBOA - TEL. 65 10 21

Sete Ponto Sete

Mensagens pessoais

Encontro
em Veneza

**Macciocchi
e Baudrillard
escrevem sobre
o comércio
das ideias**

Págs. 2 e 3



Cinema português em debate

- Entrevista com José Fonseca e Costa
- Depoimentos de Seixas Santos, João César Monteiro e António de Macedo

Págs. 4, 5 e 6

P A R A Í S

De 29 a 31 de Março, em Veneza, intelectuais tentaram pôr alguma ordem no "comércio das ideias," e alguns deles pensam mesmo numa espécie de "mercado comum da cultura"

Dez para um

Maria Antonieta Macciocchi

A Europa nasceu de uma cultura e de um pensamento comuns: *"Quando viajo na Alemanha, em França, em Espanha, dizia Voltaire, uma correspondência perpétua liga-lhes todas as partes"*.

Victor Hugo anunciava como inevitáveis os Estados Unidos da Europa. Mas pouco se avançou nesse caminho. Há um mercado comum europeu, não há identidade europeia, nada que faça com que os egoísmos nacionais deixem passar à frente o interesse comunitário. Para passar do estádio do pensamento nacional para o do pensamento europeu, a Comunidade dos Dez precisa de uma revolução cultural.

Foi esse o objecto do colóquio que reuniu em Veneza, entre 29 e 31 de Março, uns cinquenta intelectuais vindos de todos os países da Europa e que pertencem às mais diversas disciplinas. Dois temas estiveram na ordem do dia: o de uma identidade cultural alimentada por memória histórica, implicando assim a Europa central, que será representada por vários criadores: o desafio da nova revolução tecnológica. Chegou o momento de estabelecer uma indústria europeia da cultura — num mercado comum cultural — capaz de dar respostas às enormes necessidades criadas pelo desenvolvimento das *medias*.

A consciência de um destino partilhado não tem nenhuma possibilidade de se propagar, se os intelectuais não contribuírem para isso. Cabe-lhes a eles começar a *"pensar-se europeus"*, fugindo ao destino das pequenas nações, destino esse que matou a liberdade da Europa central. Cabe-lhes a eles representar, para a união europeia, o papel outrora representado por Hegel na unidade da Alemanha e de por Maquiavel na da Itália.

Ao procurar desenvolver uma rede de comunicações e de intercâmbios entre criadores e intelectuais europeus, o colóquio alimentou em propostas concretas, os trabalhos do próximo Parlamento europeu e do conselho dos ministros da Comunidade. ■

O despertar dos utopistas

Jean Baudrillard

Sociólogo

que diz respeito às disciplinas teóricas e científicas. Há uma espécie de fatalidade e de irreversibilidade no processo centralizador — inclusive no da cultura que faz com que talvez não haja para uma civilização que apostou no universal outro destino que não seja morrer através do universal.

Para esclarecer essa impossibilidade actual de um espírito, de um impulso, de uma cultura, de um dinamismo europeu, talvez seja preciso voltarmos-nos a **contrário** para os Estados Unidos a fim de compreender o que os ajuda e o que nos falta.

Os Estados Unidos não têm problema insolúvel de federação (claro que houve a guerra da Secessão, mas do que estamos a falar é do actual conjunto federal), porque eles são, desde o limiar da sua história, uma cultura (ou uma incultura) da promiscuidade, da miscigenação, da mistura nacional e racial, da rivalidade e da heterogeneidade. Isto ainda se vê em Nova Iorque onde sucessivamente cada *"building"* dominou a cidade, onde a pouco e pouco cada etnia dominou a cidade a seu modo, e onde o conjunto dá, no entanto, uma impressão, não de igualdade e de fraternidade, claro que não, mas de convergência na energia — não de unidade ou de pluralidade, mas de intensidade rival, de potência antagonista, e cria assim uma complexidade de facto, uma atracção colectiva de facto, muito para além daquilo a que se chama a cultura ou a política, na

violência ou na própria banalidade do modo de vida.

Demasiadas histórias atrás de nós

Isto falta-nos, temos demasiadas histórias atrás de nós. E a nossa história é de ideais históricos expostos à sua realização impossível. Enquanto que a história dos Estados Unidos (será verdadeiramente uma história?) é a de uma utopia realizada. A convicção idílica de os americanos serem o centro do mundo, o poder supremo e o modelo absoluto não é falsa. E ela não se baseia somente nos recursos, nas técnicas e nas armas (coisas de que a Europa também dispõe em relativa abundância), baseia-se antes de mais no pressuposto miraculoso de uma utopia incarnada, de uma sociedade que, com uma candura que se pode julgar insuportável, se coloca na ideia de que ela é a realização de tudo aquilo com que os outros sonharam — justiça, abundância, direito, riqueza, liberdade. Ela sabe-o, acredita nisso, e, finalmente, os outros acreditam também.

O ideal antecipado para além da história (e não se deve negligenciar a consagração fantástica disso tudo pelo cinema), o Novo Mundo ousou, por uma espécie de força teatral, materializar sem esperar. Por essa razão, e pense-se o que se pensa da arrogância do dólar e das multinacionais, é essa cultura que fascina mundialmente, mesmo os que com ela sofrem, e isto

devido à convicção íntima e delirante de ter materializado todos os seus sonhos.

Nessa tentativa de a Europa se repensar como cultura e como história, não se deve esquecer essa peripécia brilhante e fatal que foi a extensão, para além dos mares, dessa cultura e dessa ideologia europeias. Ao exportá-lo, o ideal é expurgado da sua história, concretiza-se, desenvolve-se com um sangue novo e uma energia experimental. O dinamismo dos *"novos mundos"* testemunha sempre a sua superioridade sobre a sua pátria de origem; eles tornam operacional o ideal que os outros cultivam como fim derradeiro e secretamente impossível.

O aparecimento dessas sociedades sem história (depois do golpe de teatro mundial que foi a colonização) extingue o destino das sociedades históricas. Ao extrapolar brutalmente o seu poder e o seu ideal de além-mar, estes últimos perdem o controlo da sua evolução. O modelo ideal que segregaram, anula-os. E a soberania desta história ou desta cultura nunca mais se reencontrará. Para os valores históricos, políticos, metafísicos europeus, da sua projecção, da sua realização (mesmo que para nós seja caricatural) além Atlântico, é um momento irreversível. É o que nos separa, aconteça o que acontecer, dos americanos.

É o que faz com que os imitemos, com que os parodiemos por vezes com muito atraso e sem muito êxito, e sonhemos com os Estados Unidos da Europa. Falta-nos a alma, a audácia, aquilo a que se podia chamar o grau zero de uma cultura, o poder da incultura. Por mais que nos adaptemos mais ou menos a esse modo de vida, essa visão do mundo escapar-nos-á sempre, como a **Weltanschauung** histórica e filosófica da Europa escapará sempre aos americanos.

Continuaremos a ser utopistas nostálgicos magoados pelo ideal mas cuja realização, no fundo, não nos agrada, professando que tudo é possível mas nunca por nunca ser que tudo está realizado. O nosso problema é que as nossas velhas finalidades — revolução, progresso, liberdade — desapareceram antes mesmo de ser atingidas, e sem, salvo em raros momentos, terem sido vividas como realizadas. Daí a melancolia.

De onde podia vir o impulso de um novo golpe de teatro que pusesse fim à *"disparidade"* que é a dos países da Europa e em que todos estão condenados a proteger o seu património e seus privilégios, isto é, a gerir o fim da sua história? Certamente não da cena política que é uma instância imóvel e faladora. Não é de uma instância *"representativa"* onde todos têm as suas

dissensões nacionais, que virá o choque, a reacção em cadeia. Também não é da instância económica, que, de certo modo, é tão arcaica como o político e ainda mais aleatória. Isto são pomos de discórdia.

Valor de reconciliação?

Resta a cultura como pomo de reconciliação, como valor supranacional de câmbio e de criatividade, como possibilidade de impulso e de consenso feliz (quando o político e o económico procuram desesperadamente um consenso infeliz: vejamos a figura triste e austera de Jacques Delors e a de Claude Cheysson, em França, enquanto Jeck Lang exibe um resplandecente optimismo). A França socialista pode servir de modelo prefigurativo: desde o princípio que ela jogou a ofensiva cultural como paliativo para as contradições económicas e políticas. Os resultados são, pelo menos, incertos, mesmo que não sejam negligenciáveis. Mas, claro que se trata de uma cultura promocional. Promoção do museu, do património, da França como obra-prima em perigo. Promoção do **reportório cultural**. Ou então promoção do **laboratório cultural**: o hiper-realismo da comunicação, da animação, do vídeo e da informática, ou os bens culturais, circulam libertos de todo o passado de todo o valor específico, numa sucessão e equivalência ininterruptas (mas Beaubourg, que oferece um belo exemplo dessa circulação forçada dos bens culturais, também oferece o mais belo exemplo de centralização reforçada!)

Mas no fundo, a cultura, a verdadeira, não é decerto um valor de reconciliação, e ela é decerto outra coisa que não a única herança ou a simples promoção dos bens culturais, mesmo a um nível internacional. A cultura é uma forma de excesso irredutível aos valores materiais de uma sociedade, ela é uma forma de desafio de uma sociedade a si própria e aos seus próprios valores, uma forma de ultrapassar o seu próprio princípio de realidade e de identidade. A cultura é uma espécie de estalo, de encanto, de sedução, de prestígio, de glória, com a qual uma sociedade exalta a sua singularidade. Hoje restringimos demasiado o conceito de cultura ao de afirmação e de expressão (linguística, étnica, artística) de uma identidade. A própria Europa está apanhada na armadilha de procurar uma **identidade** que não encontra. Uma identidade por falta, e uma cultura que seria o seu mais pequeno denominador comum. É preciso olhar mais acima. Não há que procurar a identidade mas a glória. ■



O Leste sai da sombra

N

OS países politicamente separados do Ocidente, como a Polónia ou a Checoslováquia, há uma profunda convicção da unidade da cultura europeia. Essa convicção é decerto mais enraizada e mais forte nestes países do que na Itália ou em França. Isto vem provavelmente de uma antiga ligação a mitos engendrados pela nostalgia. Em todo o caso, o sentimento de unidade da cultura europeia não é em parte alguma tão tenaz como nos países separados da Europa Ocidental, nos países na Europa, raptada, para utilizar as palavras de Milan Kundera.

O escritor que chega de Varsóvia, de Praga ou de Budapeste só começa a duvidar dessa unidade cultural, europeia quando

se encontra em Paris, ou em Roma. Porque aí ele encontra a dúvida que a Europa tem de si mesma e dos seus valores. O que o impressiona nessa Europa natal, é a falta de ideias novas. As divisões ideológicas — entre direita e esquerda — parecem-lhe ultrapassadas pela experiência do seu país. Ele habituou-se a separar os sistemas políticos — e os homens — segundo a divisão **totalitarismo - democracia**. Esquerda e direita são para ele termos que simbolizam noções éticas. A esquerda é, segundo ele, os que estão sentados à direita de Deus. O totalitarismo reinante liquidou as contradições. É o ovo de Colombo que não tem direita nem esquerda.

Os polacos, os checos e os lituanos já não raciocinam segundo as categorias políticas actuais da Europa ocidental. Eles detestam a perversão com a qual os privam do decálogo dos direitos humanos. Em comparação com a sua experiência colectiva dos países de «outra Europa», as nevroses e as revoltas nas «so-

Kazimierz Brandye

(escritor polaco)

ciedades de consumo» parecem-lhes pouco impotantes. Ponho aspas em «sociedades de consumo»: são sociedades que, apesar de tudo, também pensam e criam. Na verdade, a unidade da Europa há muito que está ligada à sua unidade cultural. Dante, Cervantes, Shakespeare fizeram por ela mais do que os Tudor ou os Hohenzollern, Balzac e Dostoevski mais do que os parlamentares e os governos do momento. Para nos limitarmos a exemplos da literatura podemos dizer outro tanto de Proust, de Pirandello, de Thomas Mann e de Kafka, quanto aos períodos mais próximos de nós. E também, de Soljenitsyne que revelou aos europeus o arquipélago desconhecido dos males humanos.

A literatura e a arte sempre tiveram mais possibilidades de criar a unidade europeia, do que a política e a ideologia. Tanto mais que durante as últimas décadas, a cultura europeia se en-

riqueceu com obras nascidas nos verdadeiros sofrimentos. Os sofrimentos de nações submetidas ao totalitarismo e ao colonialismo. O Terceiro Mundo e a Europa abandonada pelo Ocidente, penetraram na consciência das sociedades das metrópoles. Diria mesmo que era necessário ao Ocidente — que isto lhe fez bem. Os sábios e os artistas que, depois de terem abandonado o seu país esmagado pela ditadura, encontraram refúgio na Europa ocidental, deram-lhe novos pensamentos e acordaram a sua sensibilidade. Eles também a tornaram consciente da existência de «outra Europa», a que foi abandonada, no seu tempo, ao nazismo, como a Checoslováquia, depois ao estalinismo como a Polónia. Ou primeiro ao nazismo e depois ao estalinismo. Como justamente a Checoslováquia.

Ao dizer que esta corrente de sofrimentos, vindos dos países cativos fez bem ao Ocidente, penso em algumas das minhas

próprias observações. Lembro-me — e nunca esquecerei — a bela explosão de amizade dos franceses perante os polacos, depois das greves do litoral do Báltico, onde nasceu o Solidariedade polaco. Eu tinha então a impressão de me encontrar na França da Primavera dos povos, num Paris agitado pelas ideias de liberdade e de irmandade. Onde me encontrava? Na Europa, sem dúvida. E foi precisamente nessa época que compreendi que «isso lhes fazia bem» — que eles se sentiam melhor, moral e fisicamente, como se, de repente, tivessem reencontrado a força em si próprios. Pensava então, como Letitia Bonaparte: «Esperemos que isto dure...»

É preciso que dure. Penso no meu país. Nas suas necessidades espirituais. É um saco sem fundo que contém todos os livros do Mundo, todos os filmes, todos os discos, todas as cassetes vídeo. Essa fome — uma fome inesgotável que provoca a sensação de vazio — essa fome não será morta pelo transporte de obras literárias que passem as

fronteiras ou os escritórios das aduanas. Para a acalmar é preciso que nasçam novos centros de acção da sociedade e novas formas de acção. Também no Ocidente. E sobretudo na Europa ocidental. Em todo o caso diria que essas formas de acção deveriam ser menos burocráticas, menos ministeriais, do que têm sido até agora. No país de «outra Europa» são as pessoas — e não os Governos — que é preciso enriquecer de cultura não censurada. Visto que falamos da unidade cultural da Europa — de toda a Europa — só pode contribuir para uma actividade reflectida, paciente e desinteressada. É preciso abrir os verdadeiros valores culturais à gente desses países, é preciso dar-lhes — e não vender-lhes. É possível. Tudo é possível desde que se ocupem disso pessoas inteligentes, dotadas de imaginação — não necessariamente administradores ou diplomatas.

É preciso trabalhar para isso. É absolutamente necessário fazê-lo. ■

Tês dias no Café da Europa

Rolf Liebermann

(músico, antigo director da Ópera de Paris)

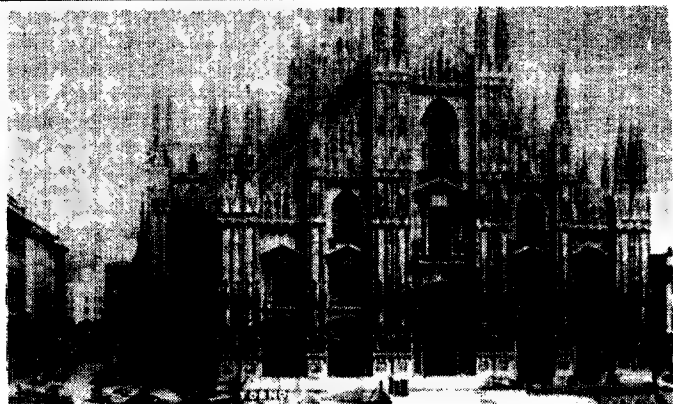
A

Europa do comércio, já não sabe a que santo se votar e agoniza. É tempo de a Europa ter um verdadeiro ponto de partida e de uma entidade cultural. Lembremos que essa herança comum é a síntese cultural da Europa, do Atlântico ao Ural?

A necessidade vital de construir uma Europa política como resposta ao choque dos dois blocos, é para mim tão evidente que não me deterei. Em contrapartida, vou clarificar aquilo que entendo por cultura afirmando que uma acção pode exercer-se com tanta eficácia cultural ao promover uma exposição de Picasso, como ao instalar casas de banho na Getreidegasse, em Salzburgo, ao equipar com computadores e pianos uma casa de jovens em Lyon, ou, por fim, ao recordar uma definição de Lévi-Strauss. **O que pertence ao domínio dos costumes, das técnicas, das instituições e que permite diferenciar um grupo, uma sociedade, em relação uns aos outros, deve ser considerado cultural.**

Trata-se, pois, para a Europa, de praticar um intercâmbio cultural, que engloba todos os nossos hábitos de vida, incluindo as artes.

Foi em Veneza que em 1983 demos o ponto de partida para a preparação do Ano da música em 1985 decidido pela Comunidade Europeia e pelo Conselho da Europa. Vice-presidente do comité de organização (cargo que compartilho com Massimo Boginekin), presidente do comité suíço, há dois anos que



me dou conta, de reunião em reunião, do lento caminhar da proposta para a adopção, depois para a realização de um projecto musical europeu. Sem previamente julgar aquilo que reflectirá o ano de 1985, posso já fazer algumas referências positivas.

Embora sabendo que é mais fácil encontrar um denominador comum a vinte e três países no quadro da música, (visto a sua linguagem não necessitar de tradução) do que noutras disciplinas, chegamos a adoptar uma política que dá menor vantagem aos projectos pontuais e espectaculares — os golpes publicitários — do que os que podem ter um eco cultural de longa duração.

Permitir, por exemplo, a quatro jovens músicos desconhecidos trabalhar em conjunto durante três anos, evitando assim que o quarteto se disperse por razões económicas. Organizar tournées de jovens solistas nos países europeus com a obrigação de inscrever no seu programa uma criação de um compositor contemporâneo do seu país. Tornar livre a utilização dos meios que a técnica põe à disposição dos músicos. Criar um festival das minorias culturais europeias (bascas, irlandesas, celtas, sardas, corsas, etc.).

Obter finalmente uma pausa. No sentido musical do termo.

Durante duas horas, fazer parar os ruídos que nos cercam, o tráfico urbano, os aparelhos de rádio, as televisões: deixar ouvir o silêncio.

E certo que não basta reunir durante algumas horas os artistas e os intelectuais cuja expressão se enraiza na Europa, para que ela tome consistência. A Europa cultural só pode edificar-se para os que a povoam e através deles. E antes de mais ao nível da linguagem que é preciso fazer ceder os obstáculos. Organizar o tempo escolar para que todas as crianças possam passar um ano da sua vida liceal num país da Europa à sua escolha, e que a partir da adolescência, e tal como na Suíça (não se trata de chauvinismo mas de realidade histórica e geográfica), todos sejam tri-lingues.

Continuidade e enriquecimento

É preciso que não nos prendamos somente às trocas entre estudantes, mas também às trocas entre trabalhadores, desde o menos qualificado ao mais especializado: que as cidades gémeas da Europa dêem o exemplo de uma actividade cultural experimental e inédita; que o turismo seja um elo e uma comunicação real, entre os povos da Europa. As pessoas em férias, nunca viajaram tanto fora

das suas fronteiras. O ano passado, a França estava à beira da revolução devido a um controlo de divisas. Mas estes êxodos anuais só permitem aos veraneantes amontoarem-se nas mesmas praias ou passar à pressa diante dos mesmos monumentos, sem manifestar curiosidade pelas populações que os albergam e sem procurar o mínimo contacto directo com a sua cultura.

Como podem os artistas, os criadores, ser os condutores da Europa? Reunindo-se, não, entre si, num clube privado da Europa, mas em locais abertos ao público. Não é nas cidades que a cultura ferve desde Platão? Da Cafèhaus de Karl Kraus, em Viena, ao Romanische Kaffee, em Berlim, do la Coupole de Montparnasse, passando pelo Odeon, em Zurique, refúgio de Brecht, no início do nazismo, ou do Deux Magots de Jean-Paul Sartre depois da libertação, os intelectuais e os artistas sempre elegeram um local onde amigos e discípulos se reuniam para refazer o mundo.

É essa filiação, esse elo vivo mestre-discípulo essa memória da Europa, que é preciso preservar encorajando e criando em toda a parte academias, festivais, «mesas-redondas» e encontros que darão a essa geração da imagem os meios de assegurar a continuidade e o enriquecimento da cultura europeia.

É sem dúvida preciso reunirmo-nos em Veneza, criar durante três dias um Café da Europa provisório, que não será uma feira das vaidades onde cada um fará o seu monólogo, a fim de exprimir a sua personalidade, mas que será, pelo contrário, o primeiro local privilegiado onde verdadeiras discussões irão dar origem a propostas precisas, para que essa iniciativa cultural não mergulhe na laguna. ■

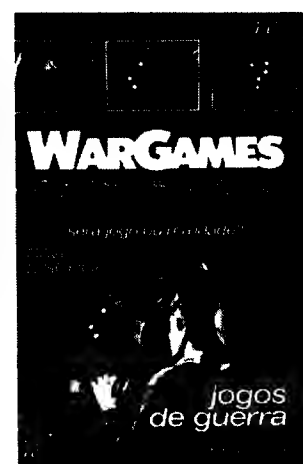
DOIS GRANDES FILMES DOIS GRANDES LIVROS



SUSPENSE
Um lançamento

publicações europa-américa

FICÇÃO CIENTÍFICA



jogos de guerra



O DIÁRIO DE UM LOUCO
de Nicolau Gogol

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul
Cacina, 1-A
1300 Lisboa
Tel. 661515 e 669205

Teatro da Comuna

2.º MÊS
A MISSÃO
de HEINER MÜLLER

De 3.ª a Sexta, às 21.30 h.
Sábado, às 17 h. e 21.30 h.
Domingo, às 17 h.

10.º ANO
DE ACTIVIDADE
DA COMPANHIA

M

U

D

A

Realizadores face a outro IPC

As razões de um debate

FLORESTA de enganos é o cinema, o cinema português em especial. Dependente, praticamente a 100%, dos subsídios do Instituto Português de Cinema, nunca a sua produção, difusão e análise foi matéria serena.

Os ânimos, porém, estão agora particularmente acesos. A nova regulamentação da assistência financeira à produção cinematográfica, concebida e publicada pela actual Direcção do IPC (presidida por Luís Salgado Matos) veio criar um corpo de normas que, para o bem ou para o mal, vão mudar a face do nosso cinema. Limitando drasticamente o subsídio a 100% ao chamado «filme-padrão» (que, este ano, foi definido como custando 20 500 contos), colocando condições draconianas do ponto de vista administrativo, limitando até ao impossível a angariação de financiamentos estrangeiros (mercê da obrigatoriedade de cedência dos direitos de comercialização no mercado externo a uma empresa mista, a criar, de contornos indefinidos) e, paralelamente a esta regulamentação, não prevendo (antes pelo contrário) quaisquer medidas de defesa do cinema português no mercado interno, a actual Direcção do IPC veio constituir-se em centro de polémica.

Termina hoje o prazo de entrega de pedidos de assistência financeira para o ano de 1984. O «Sete Ponto Sete» decidiu abrir o debate público desta questão.

As razões que nos movem são simples. Qualquer que seja a opinião que tenhamos sobre o cinema português, há algo de indelével: nos últimos anos alguns filmes houve que puderam constituir-se em assinaláveis sucessos de público,

essa entidade sem a qual o cinema não existe. Filmes como **Kilas**, **o mau da fita** e **Sem sombra de pecado** de José Fonseca e Costa, **Francisca** de Manoel de Oliveira, **Oxalá** de António Pedro Vasconcelos ou **Os abismos da meia-noite** de António de Macedo, conseguiram romper o «ghetto» e atingir largas camadas de espectadores, antes arredadas do cinema português. Ora nenhum desses filmes poderia ter sido feito com as actuais condições de financiamento do IPC. O cinema é caro e não há padronização hipoteticamente moralizadora que altere esse facto.

Há quem, no entanto, argumente que o Estado não deve visar essencialmente o público mas financiar obras de mérito cultural e que, para tanto, o critério de subsídios na sua rigorosa regulamentação se destina a esconjurar os arrivistas e a criar uma cinematografia austera e meritória. Há quem diga que as novas normas, agora em vigor, vão acabar de vez com os incumprimentos contratuais em que o cinema português é fértil, vão acabar com possíveis irregularidades financeiras, vão enfim podar a árvore sã dos seus ramos ruins.

A favor ou contra, as opiniões no seio dos realizadores estão longe de afinar por um mesmo diapasão. Fomos por isso ouvi-los. A partida sabíamos que a Regulamentação posta em prática pela Direcção do IPC não colhera um único voto favorável no Conselho Consultivo e, mesmo assim, fora levada à letra da Lei.

José Fonseca e Costa concedeu-nos uma entrevista. António de Macedo, João César Monteiro e Alberto Seixas Santos (este em nome da Associação de Realizadores) preferiram o depoimento escrito.

A Direcção do IPC solicitámos uma entrevista. Declinou essa nossa pretensão mas garantiu-nos um depoimento escrito em resposta às questões mais quentes, depoimento que publicaremos no próximo «Sete Ponto Sete».

Os dados aí estão. Polémicos é claro.

Jorge Leitão Ramos

José Fonseca e Costa: O cinema vai desaparecer

Jorge Leitão Ramos: o teu filme **Sem Sombra de Pecado** acabou de ter uma reposição em Lisboa, há meses que se vem falando do teu projecto **Balada da praia dos cães**, como vês o futuro próximo do cinema em Portugal?

José Fonseca e Costa: Estou muito céptico acerca da possibilidade de voltar a filmar, entendendo que o cinema vai desaparecer em Portugal, o cinema português vai ser cada vez mais difícil de produzir, duvido que volte a fazer outro filme. Não me parece, pelo menos no presente momento, que a política cinematográfica se esteja a orientar na direcção do mercado. Quem está à frente do Instituto Português de Cinema defende um projecto elitista, culturalista, que consiste na fabricação de filmes ditos de qualidade, qualidade essa determinada a priori pelos próprios ou por pessoas por eles indicadas, em obediência a um espírito de grupo estreito e limitado, o que desvirtua o cinema.

O cinema é um espectáculo popular por excelência, tudo o que se faça para o desvirtuar dessa finalidade parece-me um crime. Só uma política virada para o mercado poderia permitir a existência aqui de uma indústria cinematográfica que desse a possibilidade aos produtores e realizadores de filmes de trabalhar com um certo desafogo, com a nossa criatividade plenamente estimulada, traduzida nos projectos que vamos acalantando.

Jorge Leitão Ramos: Estás, então radicalmente contra a política da actual direcção do IPC. Porquê?

José Fonseca e Costa: Eles têm um projecto de dirigismo cultural, e eu entendo que o dirigismo é sempre de cariz totalitário e leva ao arbitrio. Eu sou pela criatividade e pela iniciativa pessoal. Não vejo que um filme seja outra coisa senão uma manifestação fortíssima de uma personalidade, (os grandes filmes da História do Cinema provam-no) apesar de ser o resultado de um trabalho colectivo fascinante.

Acontece que está definido um Regulamento de Assistência Financeira à Produção que é perfeitamente inexecutável, que faz do realizador um títere e do produtor outro títere, que institui conceitos perfeitamente aberrantes como o do **filme-padrão**. Um filme não é padronizável, cada filme é uma peça única, tanto o filme mais descaradamente comercial como o produto mais experimental do mundo. Se não fosse assim havia cadeiras de montagem de filmes e sabe-se o que aconteceu a todos aqueles que as quiseram fazer. É estranho e aberrante, que, em Portugal, em 1984, alguém queira impor esse conceito: só a ignorância o pode justificar.

Trata-se de pessoas que nunca tiveram nada a ver com a actividade cinematográfica, que estão ligadas a determinados grupos de pressão intelectual que entenderão, eventualmente,

Seixas Santos (em nome da Associação de Realizadores):

O projecto do IPC retoma em grande parte o nosso projecto

O regulamento de assistência financeira à produção de filmes, actualmente em vigor, nasceu, em boa medida, de uma proposta oportunamente apresentada ao IPC pela Associação Portuguesa de Realizadores de Filmes. Alias pode também dizer-se que a consciência da necessidade de normas que assegurassem a todos os cineastas iguais oportunidades ajudou a criar a própria Associação. Era, de facto, consensual entre a maioria dos realizadores que deviam existir regras estáveis que pusessem cobro à incerteza, ao arbitrio e às flutuações que, desde a criação do IPC, caracterizaram os sucessivos planos de produção.

Parecia a todos importante que fossem claras e públicas tanto as normas que condicionavam o acesso dos filmes aos concursos, como os critérios que presidiam a sua selecção.

Era preciso para isso que se estabelecessem: 1.º — balizas ao montante máximo a atribuir a cada filme, em função dos custos médios de uma produção portuguesa; 2.º — uma clara distinção entre o montante do subsídio e do empréstimo, de modo a favorecer os filmes de baixos custos sem, impedir, dentro de certos limites, a produção de filmes com mais pesadas exigências de execução; 3.º — condições para o exercício regular da profissão de realizador, reduzindo a margem de subjectividade dos juízos sobre os projectos, garantindo a rotatividade dos cineastas cujos filmes tivessem obtido índices razoáveis de acolhimento crítico e/ou de público, sem que o IPC, enquanto organismo tutelado pelo Ministério da Cultura, relegasse para meros critérios automáticos a atribuição dos apoios à produção.

Em face das anómalas circunstâncias em que vive o cinema português, sem produtores com condições de sobrevivência relativamente ao mercado e de independência relativamente ao Estado, tratava-se ainda de garantir a possibilidade de os realizadores apresentarem projectos ao IPC, em igualdade de circunstâncias com os produtores, mesmo se só a estes competia, em última análise, assinar contratos com o Instituto.

Depois de discussões alargadas e que nalguns casos originaram rupturas, assentou-se num esquema cuja articulação partia da definição do custo de um filme médio — e na definição de percentagens para cima e para baixo do montante do filme médio por forma a evitar a uniformização dos projectos, mas também a impossibilitar a cobertura integral pelo Estado de



projectos com orçamentos muito acima dos valores correntes.

Ressalva-se que, no espírito das nossas propostas, tais medidas eram inseparáveis da necessidade de criar outras que, a prazo, aumentassem a rentabilidade dos filmes portugueses, quer pelo alargamento do parque de exibição, quer pela negociação de um pacote de medidas com distribuidores e exibidores que permitisse aumentar o número de semanas de exibição e a percentagem que destas receitas reverteria para o produtor.

O projecto do IPC, agora aprovado depois de prolongadas discussões, retoma em grande parte o nosso projecto, desvirtua-o nalguns pontos, melhora-o noutros, segue o em muitos.

Discutimo-lo sem complexos, aceitando como boas algumas alterações pontuais, mas opondo-nos tenazmente a outras que entendemos poderem vir a ter efeitos perniciosos no futuro. São elas:

1.º a falta de flexibilidade do esquema final subsídio/empréstimo, tornando mais rígido o primeiro (quem pedirá

menos que o montante calculado para o «filme padrão»?) e menos acessível o segundo;

2.º O montante apurado para o custo de um filme padrão — que corresponde afinal com maiores restrições à nossa definição do filme médio — é pouco realista e sujeita-se a criar num futuro próximo novas e graves situações de paragem e bloqueio nos filmes aprovados;

3.º — tendo consciência da dificuldade em encontrar fórmulas sem defeito para o crivo que asseguraria a selecção e a aprovação dos projectos, víamos no conselho consultivo do IPC ainda o órgão com mais legitimidade para desempenhar essa tarefa. A composição presente do júri quase inteiramente constituído por personalidades da distribuição, exibição e crítica, corre o risco de tornar híbridos os juízos e forçar decisões por recurso ao compromisso, radicalizando ainda mais as divergências de critérios que existem entre a distribuição/exibição e a crítica, entre princípios predominantemente comerciais e valores estéticos. Neste ponto o IPC não fez mais do que tornar patente uma dificuldade inicial que não resolveu, antes agravou na medida em que retirou dos critérios de apreciação, a maioria dos elementos que constavam da nossa proposta:

— curriculum dos filmes (apuramento das receitas de bilheteria, crítica e festivais);

— curriculum dos realizadores e/ou produtores;

— garantia de investimentos exteriores ao IPC, etc...

Não se julgue, no entanto, que a assistência automática resolveria as contradições existentes. Em primeiro lugar, nunca foi apresentado um sistema de pontuação que resistisse a uma análise desapassionada. Além disso, um tal sistema corria o risco de perpetuar no tempo uma situação de privilégio inicial, que tivera origem necessariamente num subsídio selectivo, logo num júri. Por último, não era certo que o IPC não visse, a prazo, desfigurada a sua acção, condenado que podia ficar a assistir filmes comerciais sem quaisquer vectores estéticos.

O actual regulamento beneficia da sua transitoriedade, ditado que foi em muito pela consciência da contradição entre a exiguidade das verbas disponíveis e as necessidades da produção, razão porque preferimos remeter para os resultados do plano agora em curso o julgamento ponderado sobre os méritos da sua filosofia.

Seixas Santos

recer em Portugal

estarem ali para educar o povo, que pretendem substituir-se ao veredicto do público, que têm ideias absolutamente contrárias às do projecto que defendo.

O projecto desta direcção é para o IPC o verdadeiro proprietário de todos os filmes que eventualmente se façam, mercê, por exemplo, e entre outras coisas, da obrigação de entregar a sua exploração a uma empresa mista de venda de filmes portugueses ao estrangeiro, empresa que não foi estudada, que não se sabe que perspectivas vai ter, enfim, as coisas passam-se a um nível perfeitamente, mas perfeitamente, surrealista.

Fiz quatro filmes, os meus filmes incomodam muita gente porque provam que é possível fazer um cinema de qualidade, capaz, simultaneamente, de atingir vastas camadas de público. Penso que só por esta razão, um cineasta devia ser estimulado a ponto, por exemplo, de poder preparar *livremente* o seu projecto seguinte. É uma posição de base.

Uma parte, felizmente cada vez mais pequena, dos cineastas portugueses são totalmente incapazes de contar uma história em cinema e precisam de socorrer-se da muleta cultural e do terrorismo intelectual. Criam então *lobbies*, grupos de pressão, que começam sistematicamente por insultar o público, por dizer que o público é estú-

pido. O público é sempre estúpido quando não gosta dos filmes dessas pessoas, mas é inteligente quando gosta dos filmes que essas pessoas gostam. Ora o público não gosta de alguns filmes portugueses porque são insuportáveis, as histórias mal contadas, os filmes mal feitos, essa é que é a verdade. A muleta cultural é aquela de que se servem os mediocres para continuarem a filmar.

Jorge Leitão Ramos: Queres concretizar alguns pontos de desacordo com o clausulado do regulamento?

José Fonsec a e Costa: Já falei no mais gritante que é o da empresa mista de venda de filmes portugueses ao estrangeiro, mas podemos ver outros.

Obrigado, por exemplo, quem for financiado pelo IPC a beneficiar das vantagens de uma «pool» de película, vantagens que ainda ninguém entendeu. Eu ando na produção de filmes há vinte anos e considero perfeitamente desastrosa a criação dessa «pool» que só pode prejudicar a organização de cada uma das produções.

Porquê obrigar todos os projectos de filmes a passar por dois crivos de apreciação, um «ideológico-cultural», com intervenção de um júri, e outro «técnico-operacional», algum tempo mais tarde?

Como sou pelo profissionalismo, entendo que a burocracia

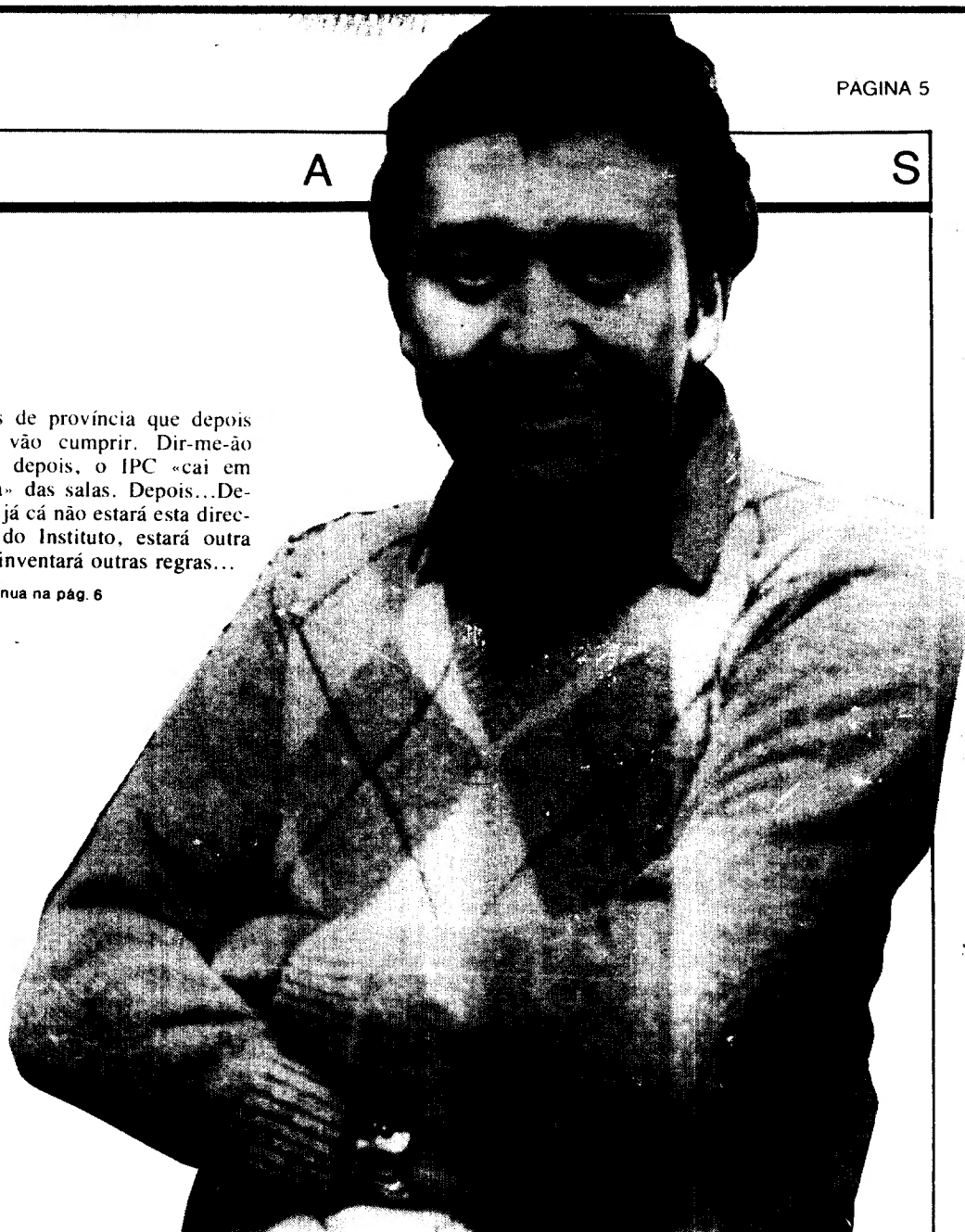
e os custos que gere devem ser reduzidos, e não aumentados.

Este regulamento pede uma quantidade de papelada puramente inútil, que só obriga a gastos suplementares quando o IPC afirma querer reduzir os custos.

Outro exemplo: para obter empréstimos do Instituto para completar a verba atribuída a fundo perdido como subsídio (e que é o montante do filme-padrão), é necessária a apresentação de boas garantias de exibição em pelo menos três salas em três localidades diferentes do circuito comercial português ou de um circuito estrangeiro, garantias de, pelo menos, duas semanas no período de Outubro a Maio. A realidade portuguesa é bem diferente. O nosso mercado não consente a exigência de tais garantias. Seria um dos raros cineastas portugueses a merecer a confiança dos distribuidores e exibidores (porque tanto uns como outros ganharam dinheiro com os meus filmes) e nenhum distribuidor me dá essas garantias. Ou seja, o que aqui está é um convite à aldrabice. Pode sempre fazer-se um «cambalacho» com pequenas

salas de província que depois não vão cumprir. Dir-me-ão que, depois, o IPC «cai em cima» das salas. Depois... Depois já cá não estará esta direcção do Instituto, estará outra que inventará outras regras...

Continua na pág. 6



António de Macedo:

Angelicais Propósitos

Nos anos 40, no tempo em que o «Diário de Lisboa» custava três tostões, um filme português custava cerca de 1000 contos e os capitalistas que investiam nesse negócio não só recuperavam o capital empatado, como até conseguiam ganhar dinheiro com a exibição comercial do filme.

Hoje, quarenta anos volvidos, constatamos que o «Diário de Lisboa» (e, obviamente, a generalidade de tudo o mais) custa **setenta vezes mais!**

Por esta lógica inflacionária, o filme português médio, actual, deveria custar 70 mil contos, e amortizar-se nas mesmas condições. Misteriosamente, não é o que se passa. Contrariamente ao que propalam certos teóricos da nossa triste agricultura filmática, o filme português **não** acompanhou a «psicose inflacionária» generalizada.

Hoje custa cerca de 35 mil contos (ou seja, metade do que seria logicamente de esperar), — mas em contrapartida o mercado português perdeu a capacidade de resposta para amortizar um tal custo, apesar de ser, como acabámos de ver, 50% mais baixo (comparativamente) do que há 40 anos.

Muitas razões concorrem para este fenómeno, desde a actual e cada vez mais forte concorrência da televisão e dos filmes estrangeiros altamente sofisticados e competitivos, até à falta de aplicação de leis de protecção ao cinema nacional...

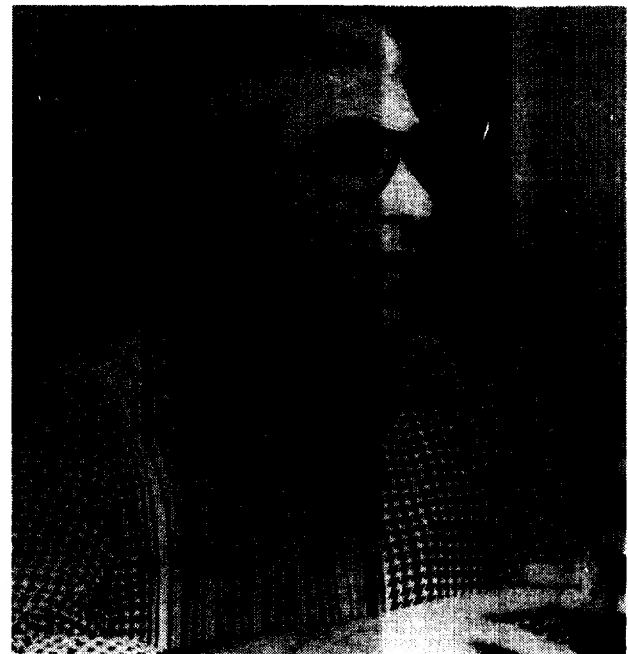
Entretanto, surgiu em Janeiro deste ano, nos termos do Decreto-Lei n.º 22/84, um Regulamento de Assistência Financeira à Produção Cinematográfica, cujos objectivos, segundo se lê no seu preâmbulo, são: «diminuir o custo de produção dos filmes portugueses, melhorar a sua relação com o público, fortalecer as empresas produtoras e os criadores, nomeadamente os realizadores».

Infelizmente, tanto a dura realidade das coisas como os próprios termos do Regulamento estilham aqueles angelicais propósitos. Até o legislador reconhece que este diploma tem de ser fatalmente transitório, pois «um esquema durável de apoio à produção exige a reconsideração da problemática da **distribuição** e da **exibição** do filme português».

É um facto. Sem condições de mercado para um dado produto, nenhum financiador no seu perfeito juízo se abalança a investir capital nesse fantasmático produto de duvidosa rentabilização.

A opção tem de ser clara: ou o Cinema em Portugal é Cultura pura, — e então o Estado tem de financiar a produção a 100% e **ao mesmo tempo** assegurar a **distribuição** a 100% e a **exibição** a 100% de todos os filmes produzidos — ou o Cinema é indústria a sério (com o concomitante escoamento comercial competitivo tanto interno como externo), e os apoios do Estado haverão de ser menos económico-financeiros do que legislativos (criação de infra-estruturas e viabilização de mercados) e fiscalizadores.

O actual Regulamento não aponta nem para uma opção nem para outra. Fica-se numa meia-coisa onde se espera, miraculosamente, que alguns capitalistas papalvos «dêem» o seu dinheiro para bem da «cultura» cinematográfica nacional, sem



que em contrapartida se lhes garanta um implemento industrial com boas hipóteses comerciais.

Quanto aos tais angelicais propósitos a que me referi acima: é uma retinta contradição, senão mesmo um sofismático contracenso, pretender, por um lado, «diminuir o custo de produção dos filmes portugueses», e, por outro lado, «melhorar a sua relação com o público»! O que pode atrair o público, salvo raríssimas excepções, é sempre muito caro, e o custo do «filme-padrão» (figura mítica criada pelo Regulamento) foi fixado, para este ano, em 20 500 contos — ou seja, pouco mais do que **a quarta parte** do que o filme português, **hoje**, deveria custar!

E quanto a «fortalecer as empresas produtoras e os criadores»?... Basta dizer-se que não se prevê nenhum esquema de continuidade de trabalho tanto para os produtores como para os realizadores, sujeitos a **dois** concursos para cada filme e a limitações de vária ordem, as quais — se por um lado não impedem os «fraudulentos» de actuar na expectativa da sempre concedida impunidade, por outro lado leva os produtores sérios e conscientes a ponderar várias vezes antes de... **não** se meterem no que poderá ser uma aventura ruinosa: produzir um filme com escasso apoio financeiro, que corre o risco de ficar parado a meio por um previsivelmente prematuro esgotamento de verba.

E sem a garantia de **continuidade de trabalho** para os profissionais que têm suportado o peso real de criar uma Cinematografia Portuguesa, não há cultura nem indústria que resista. Oxalá surja depressa o próximo Regulamento — **aperfeiçoado** pela experiência dos que trabalham realmente no «ofício», e não apenas idealizado pelas fantasias dos teóricos — até acredito — de mera boa vontade.

António de Macedo



João César Monteiro:

Posso fazer filmes em condições satisfatórias

Quando me solicitaram um depoimento sobre o conjunto de normas, recém-publicadas, tendentes a regular a actividade cinematográfica, julgo que dei claramente a entender o que agora me limito a confirmar por escrito: não é questão que me excite o bastante para pensar muito nela. Por outras palavras, o que sobre o assunto tinha a pensar, está pensado, ou seja: posso ou não fazer filmes em condições satisfatórias, com os Regulamentos do IPC à perna? Tendo, há já algum tempo, chegado à conclusão afirmativa (estou até grato por o dr. Matos não ter poupado a minha incomensurável preguiça), a insistência, além de deletéria e monocórdica, é hamletiana.

João César Monteiro

O cinema vai desaparecer

Continuação da pág. 5

Nós temos sido vítimas de «funcionários» colocados no IPC, que julgam ser os detentores da verdade, que julgam ficar a saber tudo ao fim de uma semana, que nos impõem as suas regras, regras que só valem enquanto eles lá estão e, depois, são completamente alteradas por quem vem a seguir. Os cineastas portugueses são bem mais competentes que os funcionários que têm dirigido o Instituto e não há maneira de nos reconhecerem isso.

Jorge Leitão Ramos: O projecto aponta porém para uma moralização do cinema português.

José Fonseca e Costa: Mas é uma falsa moralização e isso é que é aborrecido. Para que essa moralização fosse verdadeira havia que começar por pedir contas àquele sector da produção que não tem cumprido. O *Sem sombra de pecado*, por exemplo, fazia parte do plano de produção de 1981.

Desse plano constavam ainda *Jogo de mão* da Monique Rutler, *Os abismos da meia-noite* do António de Macedo, *A estrangeira* do João Mário Grilo e *Azul, azul*, do Sá Caetano, filmes com diferentes orçamentos, com planos de trabalho diferentes que foram acabados, alguns já exibidos com maior ou menor sucesso, outros estão em vias de o ser, alguns já representaram o país em festivais no estrangeiro. Há outros filmes que não foram acabados, que não cumpriram prazos, que estão fora daquilo que foi firmado contratualmente entre os produtores ou autores e o IPC e que estão agora a ser reforçados com dinheiro. Em prejuízo de quem?

Em prejuízo de quem cumpriu. Esta Direcção do Instituto não tem autoridade moral para defender o seu próprio projecto. Propõe a igualitarização e começa por praticar a inequidade. É imoral que os faltosos não sejam obrigados ao cumprimento dos contratos, dos planos de trabalho que os próprios elaboraram. E há filmes de muito antes de 1981 nessas condições. O IPC, em vez de proceder contra os que não cumprem, dá-lhes mais dinheiro. Se esta direcção



José Fonseca e Costa com Jorge Leitão Ramos:

«Este regulamento de assistência financeira à produção é perfeitamente inexecutável»

quer moralizar devia ter começado por aí.

Jorge Leitão Ramos: Tu és uma pessoa que há anos se vem batendo por uma intervenção do IPC no mercado, no sentido que aponta a lei 7/71, a Lei do Cinema.

José Fonseca e Costa: Esta direcção fala de mercado para um lado e de cultura para o outro. Se se lerem vários documentos que tem produzido verifica-se que utiliza conceitos mais que ultrapassados, conceitos dos anos 50. Hoje o antagonismo entre mercado e cultura já não se justifica. Por todo o lado se verifica que há produtores culturais que vivem dos rendimentos que auferem da exploração do seu produto cultural no mercado. Esta é que deve ser a política a seguir. A política que estes senhores estão

a preconizar além de ser inadequada à nossa situação de economia de mercado é perfeitamente anacrónica. É uma política que não serve a ninguém e que vai ter custos pesadíssimos para o Estado, como já está a ter. A adopção de uma óptica industrial para o cinema português permitiria a intervenção progressiva no processo de capitais estranhos ao IPC, à medida que o mercado se fosse ampliando, à medida que as potencialidades comerciais dos filmes fossem resultando, aqui e nos mercados afins. Assim é que nunca haverá.

Que garantia é que dá este Regulamento, esta política da direcção do IPC, a um financiador, de que vai recuperar o dinheiro? Que garantia dá se não decreta a quota de écran ou a reserva de mercado, se não faz acordos, vantajosos para nós,

com os países com que temos afinidades? É prioritário que os nossos filmes passem em França?

Será importante... Mas realmente prioritário é passarmos os nossos filmes onde se fale português, em Angola, em Moçambique, em S. Tomé, em Cabo Verde, na Guiné, no Brasil e, depois, em Espanha, na América Latina. É fácil fazer esses acordos, é possível fazê-los, os meus contactos com diversas entidades oficiais, quer no Brasil, quer em Espanha, provam-me que é fácil.

A cinematografia portuguesa deve existir na decorrência de uma indústria, deve ter em conta o seu mercado e os mercados que lhe são afins. Por razões até do próprio interesse nacional. Nós temos a obrigação moral de produzir filmes, de os fazer chegar a todos os sítios onde

haja portugueses e se fale português e temos a obrigação de promover e estimular a produção de filmes que tenham grande poder de comunicação.

Faço notar que só nos países onde existem indústrias florescentes é possível a existência simultânea de cinematografias experimentais fortes, desenvolvidas e susceptíveis de dar frutos.

Não vejo como é que é possível existir num país apenas uma vertente do cinema, que seria a experimental, e apagar-se completamente aquela que sustenta tudo que é a comercial. Entendo que a exigência do poder de comunicação é vital, é central e decisiva para a existência de uma cinematografia. Sem isso o cinema morre.

Ora bem: não há nada, mas absolutamente nada, nas cláusulas propostas, pela actual direc-

ção, que implemente uma cinematografia nacional que passe pela consideração do que acabo de dizer. O projecto deles é um projecto de consagração da excepção e não da regra.

Não tenho outra profissão, só tenho esta. Não sou empregado da televisão, não escrevo para jornais, não trabalho para nenhum partido, não dou aulas no Conservatório, não sou cineasta em part-time. Sou completamente independente e, se calhar, aos cinquenta anos, vou ter que mudar de profissão por causa de uns senhores, pequenos funcionários, que estão ali de passagem, em obediência não se sabe bem a ditames de que grupo de pressão, mas que falam em nome da qualidade, em nome da cultura, com a gravidade que tais atitudes comportam. ■

Vídeo e Audio: Os factores da ilegalidade

Paulo Jorge Cruz

DOIS artigos sobre a pirataria e o contrabando no vídeo. Mais uma vez, o exterior e o nosso espaço geográfico. Como se verá, algumas causas diferentes.

Por diversas vezes já foi aqui abordada a «guerra» ao contrabando levada a efeito por diversos países europeus relativamente ao material vídeo. Em muitos casos, esse contrabando ultrapassa a mera transacção e torna-se infra-estrutura comercial, depois, organiza um mercado próprio, com material duplicado do original, aí passa à categoria de pirataria.

Em França, foi criada uma etiqueta especial, indestrutível, infotografável, inamovível, que é fixada em todo o material vídeo entrado legalmente no país. Aquele que não possuir essa etiqueta (distribuída pelo Estado) é considerada ilegal. Por outro lado, numa atitude polémica, restritiva e talvez congestionante, o Governo francês decidiu reduzir as entradas de material vídeo a um único porto. Pretende-se pois controlar ao máximo a legitimidade do dinheiro saído.

Em Inglaterra, 30% das cassetes gravadas e alugadas semanalmente (mais de 2,5 milhões),

são piratas. Também nos arredores de Londres se situam grandes centros de duplicação. O Governo instaurou agora penas de prisão até dois anos para falsificadores, e multas de 20 contos para vendedores que apresentem material ilegal. Resta ainda acrescentar que o vídeo movimenta por ano, naquele país, 30 milhões de contos, e metade vai direitinho para o bolso dos piratas.

A Bélgica, considerada igualmente uma das grandes zonas de rotatividade da pirataria na Europa, criou pesadas penas de prisão, para casos de ilegalidade e de fuga fiscal. Recentemente, as autoridades descobriram, no centro de Bruxelas um laboratório de duplicação para discos e fitas vídeo, onde foram encontrados 1300 «masters».

Na Holanda, o alastramento de estações de TV por cabo começa a ser preocupante, pela grande percentagem de emissões ilegais.

Nos EUA, depois do escândalo de «ET», em que semanas antes da estreia, já existiam à venda cassetes piratas do filme, foram tomadas medidas drásticas com pesadas penas de prisão

apoiadas em multas que atingem os milhares de contos.

Na opinião das associações de produtores e fabricantes, os centros nevrálgicos situam-se na Ásia Oriental onde a anarquia legislativa e os desajustamentos sociais favorecem este tipo de actividade. Nesses locais, os «piratas» encontram-se para conversar aos balcões dos bares, à boa maneira do filme negro, dramaticamente, fazem-no impunemente.

O preço de ser novidade

O vídeo sofre em última análise, o fenómeno da novidade, que apesar de ascender já aos anos 60, apenas se mostrou nas suas potencialidades reais a partir de meados da década de 70, nalguns países (como Portugal) apenas na década de 80.

Sistemas legislativos deficientes parecem ser os factores predominantemente encontrados como justificativo.

A força de ser novidade pois o factor mais importante. Não esqueçamos que o mercado da alta-fidelidade — de características semelhantes

ao do vídeo — não apresenta grandes problemas, revelando uma estabilidade satisfatória. Nesta base estará o facto de se conseguirem hoje em dia, praticar preços bastante baixos em todos os seus sectores, o que desencoraja os contrabandistas.

Portugal, onde tudo se complica

O caso português é um exemplo acabado desta situação, mas ainda mais grave.

No caso do vídeo, podemos mesmo dizer que 90% do mercado de gravadores e cassetes virgens é ilegal. No sector das cassetes gravadas essa ilegalidade é praticamente. O motivo parte do eventual pensamento de que o mercado é insignificante, por isso é desprezível por isso — dizemos nós — ele crescerá desordenadamente, e depois, quem o irá parar? É o que se chama nascer torto.

Mas a situação que se vive em Portugal será tratada na próxima semana, aí veremos, que não é apenas o vídeo o «leit motiv» de desorganização, mas, acima de tudo, o contracenno da legislação. ■

Mensagens Pessoais

Software

Não compre mais Software para o seu spectrum. Entre para o nosso clube. Contacte-nos. 2XBorlex, Apartado 118, 2735 Cacém.

Discos LP

Usados. Vendo barato. Blondie, The Beat, Plasmatics, Motels, Shirts, Motors, Queen, Metro, Classix Nouveaux, Madness, Scherz, Cheap Trick, Marta and Muffins, Heróis do Mar, B52's, Orchestral Manoeuvres, Roxy Music, Pink Floyd, Kim Wilde, etc. António Rocha. Telef. 809797. Extensão 402. Horas de expediente.

Cabeça de Gira-Discos

Vendo célula Ortofon VMS-30, 4.500\$00. Telef. 2766150 (almoço ou jantar).

Selos

Boa oportunidade: Vendo 50% catálogo séries novas, completas, impecáveis, de Portugal (nomeadamente n.ºs Eládio 817/863, 881-7903, 1063/1254 e 1284/1348, além de outras posteriores). Escrever: ALC. Rua Diogo Bernardes, 6-1.º D 1700 LISBOA (Sócio n.º 145 do C.F.P.).

«Abat-jours»

Vendo. Fabrico e restauro. Bons preços. Se preferir traga o seu próprio tecido. Adapto a candeeiros peças diversas. Desconto aos leitores deste jornal. Av. do Brasil, 182-traseiras. Fácil estacionamento. Telef. 881937 1700 LISBOA.

Loja na Graça

Loja vende-se para qualquer ramo com 100m2 no Largo da Graça. Trata o próprio. Telef. 866486.

Postais ilustrados

Compro e troco, modernos ou antigos de todo o mundo, sobre política, ecologia, publicidade, etc. Escrever para: João Alves Apartado 21.188—1129 Lisboa Codex

Correspondente sueco

I would like to correspond with people in your country interested in stamps, coins and banknotes. Arne Hagberg, Fisketorp 2150 S-450 54 Hedekas Sweden.

Livros de teatro

Vendo desde 1800 até 1980. Operetas, canções, duetos etc. Temos milhares de folhetos. Preços muito bons. Telef. 866486.

IVA

«Sabe que o Imposto de Transacções vai ser substituído pelo Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA)? Sabe que este novo imposto vai abranger mais de 90% dos comerciantes e industriais? Dão-se cursos de iniciação de 10 horas. Dirija-se à Rua Tomás da Anunciação n.º 83-r/c 1300 LISBOA. Telef. 688572».

Hotelaria

À INDÚSTRIA HOTELEIRA: Vendemos, compramos, reparamos, máquinas de café e moinhos, de todas as marcas, balanças, registadoras, balcões frigoríficos, vitrines, fritadeiras, cortadoras, torradeiras, mós para moinhos, novas e afiadas, fabricamos mesas, cadeiras, em fôrmica, estofadas, pintadas ou cromadas, preços de revenda. Rancilio Aurea e J. Meirelles, Equipamentos Hoteleiros. Assistência Técnica: Estrada de Chelas, 201 — Lisboa. Tel.: 386031.

Peles

Vendo tapetes (novos) de pele de animais de caça africana e peles de gibóia. Contactar — Amsler Rua do Rosário, 227-telef. 314006 4000 PORTO.

Roupa

Senhora vende vestidos, fatos de calça e casaco, casaco de astracã, calças como novo (n.º 36) tudo muito barato, por urgência. Telef. 324822.

Tensão

Aparelho medir tensão arterial por apenas 2.800\$00. Pedidos à cobrança para: Apartado 5386 Lisboa Codex ou telef. 767494. Garantia assegurada.

Trabalhos à hora

Costura, tomar conta de crianças, ajudar em restaurante, café ou pastelaria. Telefonar à hora de jantar para 2515638.

Traduções

Fazem-se traduções de inglês, e francês. Telefone: 9244850 (depois das 21 h)

Explicações

Jovem estudante 12.º ano com curso avançado em língua inglesa dá explicações de inglês, ciclo preparatório e ensino secundário, 9.º ano escolaridade inclusive. 250\$00/hora. Sarah Mirella Aguiar, poulous R. José da P. Chaves, n.º 4/r/c esq. — Benfica. Telef. 310217.

Explicações

Licenciada em História dá explicações ao ciclo preparatório e secundário de História, Português e Francês. Contacte Rua Abade Faria, 18-2.º Esq.º Mercês 2725 MEM MARTINS. Telef. 9216240.

Moradias com inquilinos

Duas moradias, com inquilinos, vindo em Vila Nogueira Azuleiro. Telef. 749373.

Procuo casa

Zona de Lisboa ou arredores até 20.000\$00. Sou um jovem em situação desesperada, procuro casa compatível c/ meu baixo salário. Favor telefonar para A. José. Local de emprego: 652813 e 653169 até às 17.30.

Andar na Moita

Vendô, 3 anos, nunca habitado, 138 m2, 5 assoalhadas, 2 casa de banho, varanda, 1432 contos. Concurso pelos Serviços Habitação Câmara de 26 Março a 13 Abril. Empréstimo C.P.P. Entrada 72 contos agregado familiar mínimo 5 máximo 8 pessoas, outras informações sobre rendimentos agregado familiar nos Serviços Habitação. Manuel H. Silva Telef. 319185 Lisboa.

Andar no Cacém

Alcatifado c/ 3 assoalhadas, telefone, grande hall, corredor, despensa e roupeiro a 100 metros da estação. Bom preço, escritura rápida. Motivo urgente. Contactar o próprio durante a semana das 9 às 18 horas pelos telef. 570105/6 ou 9244788 a partir das 20 horas.

Emprego

Rapariga com 19 anos, com 9.º ano de escolaridade. Procura emprego. Experiência com crianças. Contactar telef. 2436723 ou 965839.

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

Lisboa dez anos depois

José Rebelo Correspondente do «Le Monde»

Um belo dia Lisboa ressuscitou. Foi no dia 25 de Abril de 1974. Em França e em todo o mundo, os jornais, a Rádio e a Televisão davam a notícia. Algo se movia nessa cidade ignorada, capital de um país ignorado, perdido para além dos planaltos de Castela. E leu-se a narrativa de todos os que se precipitaram para essa cidade antes calma, muito calma, demasiado calma, para aí viver o clima de uma nova revolução.

Que resta hoje dessa «Lisboa a Vermelha»? Muito pouco. Talvez a simples recordação. As chuvas do Inverno apagaram os frescos gigantes que decoravam os muros da cidade. Os Mercedes, escrupulosamente cuidados, páram de novo junto das lojas de luxo. Os palacetes particulares da Lapa reencontram a sua elegância. As boites do Estoril e de Cascais revivem. Nos salões reaparecem os «smokings» e os longos vestidos.

Nas avenidas da Liberdade e da República — os grandes eixos da cidade — as pequenas vivendas do princípio do século são demolidas e dão lugar a tor-

res onde se encontram as administrações das grandes sociedades. Destroços acumulam-se na Praça Duque de Saldanha; a febre não poupou o teatro Monumental, de dois mil lugares, considerado como um dos exemplos mais expressivos da arquitectura salazarista.

Painéis publicitários anunciam a modernização deste ou daquele banco, desta ou daquela companhia de seguros estrangeira. A legislação de 1975 que proibia a criação de bancos e de companhias de seguros, acaba de ser revogada. Resultado: anuncia-se o desmantelamento de várias empresas públicas deste sector, e a alta finança portuguesa e estrangeira prepara-se para actuar.

Apesar do preço da gasolina (quase 6 francos o litro), a circulação é densa e extremamente difícil nas ruas estreitas da cidade. Os restaurantes de negócios multiplicam-se. Come-se neles a dois contos e quinhentos por pessoa. Que importa, tudo isso são despesas de representação.

Situados em volta do parque Eduardo VII, os hotéis de quatro estrelas estão muitas vezes cheios. Nenhum vestígio dos «anos loucos» da revolução. Abandonados pela clientela habitual todos estes palacetes tinham sido tomados de assalto por milhares de repatriados de Angola e de Moçambique, instalados em Lisboa à custa do Estado.

Sob o olhar a um tempo im-

potente e de desprezo dos porteiros, crianças impetuosas empurravam sem cuidado as portas giratórias. Alcatifas sujas, atmosfera discreta das salas de restaurante perturbada. O escanção, vexado, propunha vinho vulgar, e o chefe preparava refeições o mais rudimentares possíveis. Ementa única. Sopa e peixe cozido, não necessariamente fresco. Porque os comensais contentavam-se com pouco. E o Governo não pagava a carne assada e os molhos picantes.

A pouco e pouco os repatriados foram partindo para as vilas do interior. Aproveitando créditos postos à sua disposição pela banca nacionalizada, abriram pequenas lojas, compraram propriedades agrícolas, refizeram, enfim, a sua vida.

A imagem dos marinheiros e dos soldados cheios de alegria, brandindo espingardas onde floriam cravos vermelhos, provocou tanto espanto como curiosidade. O povo desceu à rua e o dia 1 de Maio, o primeiro em liberdade dos últimos cinquenta anos, reunia, em Lisboa, centenas de milhares de portugueses.

Era a festa. Grandiosa e pacífica. Pacífica? Alguns, principalmente os estrangeiros, duvidavam. Ao fim e ao cabo as palavras «revolução» e «perigo» não apareciam muitas vezes associadas? Por isso muitos projectos de férias em Portugal foram adiados e até abandonados. Os hotéis de Lisboa esvaziaram-se. Em contrapartida, as pensões mais modestas

abriram as suas portas a grupos de visitantes que nunca tinham sido vistos nestas paragens.

Seis anos depois de Maio de 68, menos de um ano depois da queda de Allende, eis que alguns na Europa, a esperança revolucionária renascia. E em breve jovens franceses, italianos, alemães se juntavam aos manifestantes que diariamente desfilavam no Rossio e seguiam, correndo, os blindados do Ralis, que frequentemente passavam pelas ruas da capital.

Grandes nomes do pensamento mundial vinham ver com os seus próprios olhos essa «nova aliança entre o povo e o movimento das forças armadas». Jean-Paul Sartre, por exemplo, foi recebido em triunfo na sede do MFA.

Os hotéis de Lisboa, também voltaram à sua rotina. Novo papel nas paredes, alcatifas novas, pinturas, os hotéis esperavam os efeitos da «normalização» política. Efeitos esses que não se fazem esperar. A partir de 1977, as multinacionais redescobriram Lisboa como local de encontros, de colóquios ou de congressos. A sabedoria política voltava. Para mais, o céu da cidade nunca deixara de ser azul.

A organização em 1983, de uma exposição sobre «O Portugal das descobertas e a Europa do Renascimento» seria o pretexto para um relançamento do culto da história. Sob o patrocínio do Conselho da Europa, os muros do Mosteiro dos Jeróni-

mos, obras primas da arte manuelina, foram inteiramente rebocados. A Casa dos Bicos réplica portuguesa da Casa de Los Picas de Segóvia e do Palazzo dei Diamanti de Ferrara, foi objecto de trabalhos importantes com vista à reconstituição do seu aspecto original. Os azulejos e as talhas douradas da Madre de Deus, bela igreja do século dezasseis, foram restaurados.

A ópera e o «ballet» voltaram ao Teatro Nacional de São Carlos, pesada construção quadrada do fim do século dezoito. Por falta de subvenções estatais, os grupos de teatro independente têm, pelo contrário, maiores dificuldades. Muitos deles cessam as suas actividades. Outros subsistem com grande esforço. Duas excepções: a Cornucópia e o Teatro da Comunidade, que conservam os seus fiéis.

Sob o aspecto do cerimonial, grandes bandeiras de veludo vermelho e verde pendem de novo nas varandas do palácio de São Bento, por ocasião das visitas presidenciais. Em Novembro de 1975 dezenas de milhares de operários da construção civil, em cólera, tinham cercado o antigo convento, hoje sede da Assembleia da República. Não havia polícia mas um serviço de ordem organizado pelos manifestantes que controlavam, eles próprios, o acesso ao palácio. No homicídio alguns deputados tinham recado o pior. O seu «calvário» duraria vinte e quatro horas.

Hoje só a intervenção de um deputado particularmente exaltado perturba o clima de tranquilidade das longas sessões

parlamentares. No passado mês de Fevereiro, discutia-se aí o caso das empresas que não pagavam os salários. No exterior, três a quatro mil manifestantes, mantidos a distância por barreiras metálicas, escandiam as palavras de ordem da sua central sindical. Terminada a sessão, todos dispersaram...

Lisboa, já não é teatro das grandes concentrações gritantes. Ela dá antes a impressão de uma certa prosperidade que contraria de resto, todas as estatísticas. Para nos apercebermos dos efeitos da crise, temos que tomar o barco, atravessar o Tejo e entrar nos estaleiros navais da Lisnave, onde cinco mil operários, sem trabalho, cruzam os braços. A crise também é perceptível no rosto dos habitantes da periferia que, às 9 horas, invadem as estações do Rossio, do Cais do Sodré e de Santa Apolónia.

Durante os últimos anos Lisboa viu partir um grande número das suas famílias mais modestas. A legislação sobre as rendas ainda em vigor, não favorece os proprietários. Assim, os apartamentos que ficaram vazios são frequentemente transformados em escritórios. Para merecer uma casa no centro da cidade, é preciso responder a uma das três condições seguintes: ser estrangeiro, de preferência diplomata ou quadro superior, o que dá ao proprietário a garantia de uma saída a curto prazo; poder suportar uma renda de, pelo menos quatro vezes o salário mínimo nacional; poder entregar logo de entrada uma soma muito elevada...

Sete Ponto Sete

doces crónicas

Crip

HOJE É QUARTA-FEIRA FOTEBOLÍSTICA!
A GENTE PEGA E...



...ZÁS! PARTE A PROCURA!



OLHA NA REPARTIÇÃO!



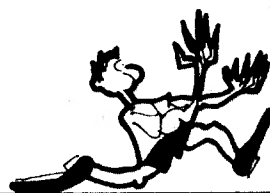
FAZENDO MIRA COM A MÃO!



DEPOIS PÕE-SE DE MANSINHO EM BICOS DE PÉ! E...



ZÁS! NOVA CORRIDA!



NÃO, ALI NÃO ESTÁ NINGUÉM!



TEMOS DE IR COM CALMA!



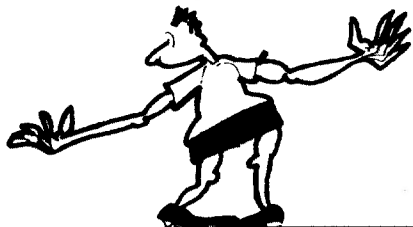
CHEGA-SE À OUTRA EXTREMIDADE E OLHA-SE PARA UM E OUTRO LADO!



ATENTAMENTE!



NINGUÉM!



E AINDA DIZEM QUE AQUI NA REPARTIÇÃO HÁ BRACOS CRUZADOS!



A Europa está em declínio, diz a "Newsweek"

Estagnação económica, mal-estar político, demografia a diminuir: a Europa está em declínio, considera o semanário americano "Newsweek" num longo artigo publicado na sua última edição.

Neste texto, intitulado "O declínio da Europa", o redactor da publicação para esta região, Scott Sullivan, examina a crise europeia e o futuro do velho continente.

Em sua opinião, a supremacia da Europa em matéria de ciências, de tecnologia e de comércio passou para os Estados Unidos e Japão, de maneira certamente irremediável. Por seu turno, o milagre económico europeu, que durou trinta anos, está prestes a extinguir-se.

A "Newsweek" revela também que os europeus põem em questão as doutrinas estratégicas básicas da NATO e interrogam-se se podem continuar a contar com o "guarda-chuva" nuclear americano para a sua defesa.

Scott Sullivan escreve que o carácter mais preocupante do declínio da Europa é que a maioria das pessoas que o estão a viver quase não se apercebem dele. "Os franceses têm o hábito de dizer duas palavras" para descreverem esta situação e dizem que se trata de uma "crise larvar".

Alem disso, prossegue o jornalista, "a própria identidade da Europa" está ameaçada por uma catástrofe demográfica. Em 1960, 15% da população mundial era europeia, mas nos meados do próximo século só em cada 20 habitantes da terra será europeu. Scott Sullivan acrescenta que cidades como Marselha ou Dusseldorf poderão ter nessa altura uma população maioritariamente argelina ou turca.

Para além da perda de velocidade registada pela Europa no plano económico e do domínio americano-japonês em matéria de tecnologia, o autor do artigo nota igualmente que a comunidade europeia "se tornou uma paródia de si própria, um mercado-não-muito-comum perpetuamente envolvido em querelas sobre o preço da soja ou da carne de porco".

Scott Sullivan insiste também naquilo a que chama a "doença alemã" e escreve que "a perspectiva de uma neutralidade alemã provoca arrepios na espinha dos outros aliados europeus". Os vizinhos da Alemanha Federal, particularmente a França, interrogam-se se os alemães continuam a ter a força e a vontade para desempenhar o papel que a geografia lhes atribuiu, diz o jornalista. ■

● Se a última semana de Março foi marcada pela música, a primeira de Abril sê-lo-á, sem dúvida, pelo bailado. Duas companhias, uma portuguesa e outra inglesa, encarregar-se-ão disso. Na quarta-feira, às 21 e 30, o Ballet Gulbenkian apresenta, na Fundação com o mesmo nome, o último programa de uma longa temporada. Para o final foi aguardada uma surpresa que promete dar que falar: «... E Outros Animais Domésticos», com encenação de Ricardo Pais e coreografia de Vasco Wellenkamp. «Life-Times» (Elisa Monte/Anthony Davies) e «Regresso a Uma Terra Estranha» (Jiri Kylian/Leos Janacek) completam o programa, que será também apresentado na quinta às 18 e 30 e sexta às 21 e 30. Na quinta, no Teatro de S. Luiz, é a vez do Ballet Rambert, que aí permanecerá até domingo, data em que partirá para o Porto. A sua actuação em Portugal integra-se no 50.º aniversário do British Council.

● Cult Movies é o nome do ciclo que hoje se inicia na Cinemateca e que proporcionará, ao longo da semana, bons momentos de cinema. Às 18 horas de hoje, Lulu, de G.N. Pabst com Louise Brooks, abre o ciclo. Amanhã, às 21 e 30, será exibido «The Shooting», de Monte Hellman, com Warren Oates e Jack Nicholson. Na quarta, à mesma hora, será a vez de Otto Preminger com Laura, interpretado por Gene Tierney e Clifton Webb. Na sexta, às 18 horas, «Sunset Boulevard» (O Crepúsculo dos Deuses), de Billy Wilder, com Gloria Swanson e, às 21 e 30, o cinema «underground» representado por Paul Morrissey com «Trash» (O Vício). Na quarta-feira, às 21 horas, poderá disfrutar de um serão leve e agradável proporcionado pela Televisão! Às 21 horas, na RTP 1, «Morte no Nilo», baseado no livro de Agatha Christie, com Peter Ustinov, Bette Davis, David Niven e Mia Farrow. No Quarteto, encontra-se em exibição, até quinta-feira, às 23 e 30, «O Meu Tio da América», de Alain Resnais.

● No próximo fim-de-semana esteja atento ao que se vai passar no Hot Clube onde, tudo indica, se apresentará o Quinteto de Maria João, com nova formação.

● Até lá passe pelo restaurante Panorama, do Sheraton, onde está patente uma exposição intitulada 7xLisboa — a capital vista por sete pintores: Alice Jorge, João Hogan, Gracinda Candeias, Jasmin, Henrique Ruivo, João Abel Manta e Vera Castro. ■